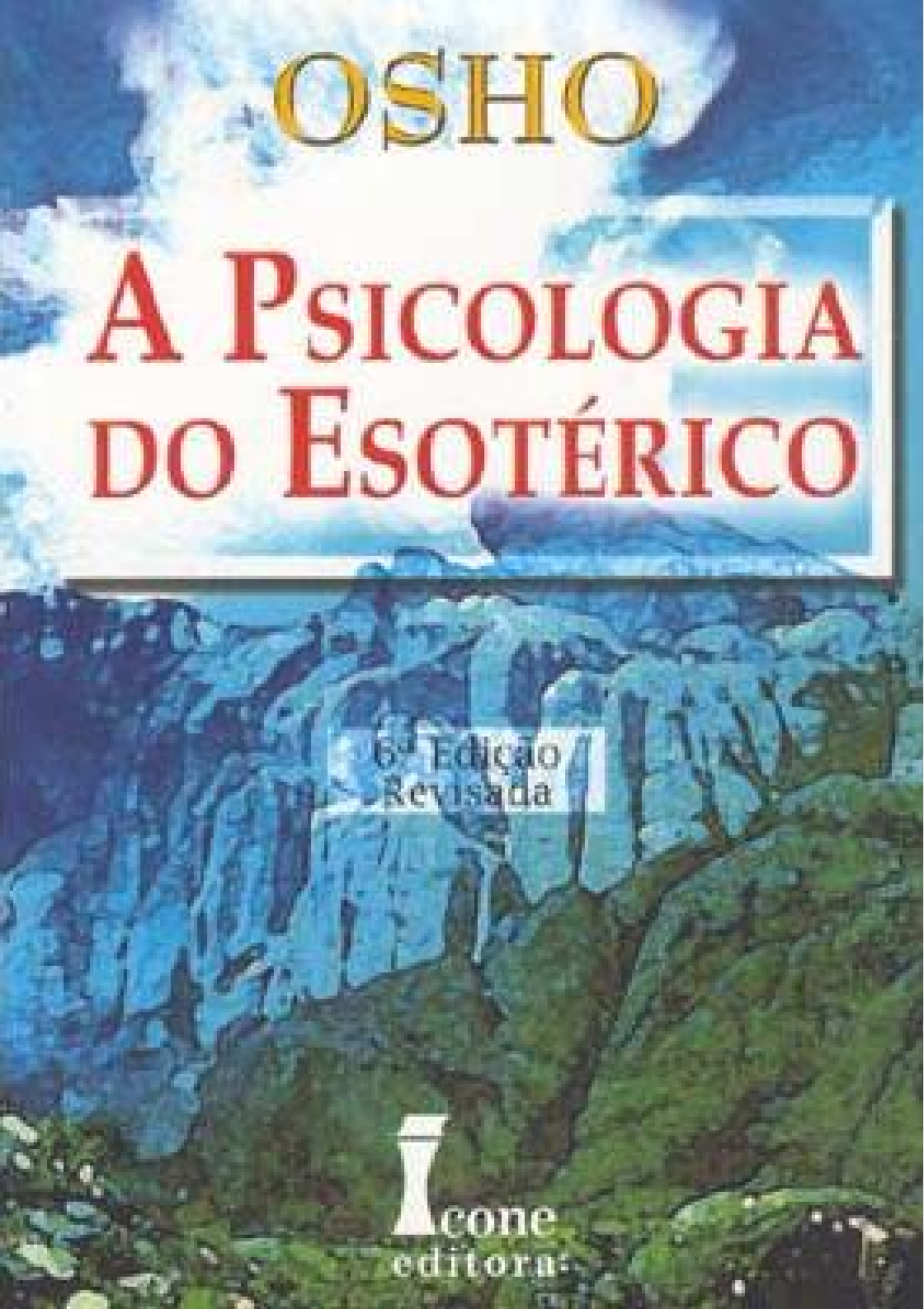




OSHO

A PSICOLOGIA DO ESOTÉRICO

6ª Edição
Revisada



icone
editora



Na região fronteira que separa a filosofia da religião, há mais pontos em comum do que divergências. Uma atitude racional e honesta de indagação leva, como Osho consegue brilhantemente neste livro, a conclusões de plena validade para nossa vida interior.

Este livro aborda questões que agitam o homem contemporâneo, em seu relacionamento com o divino e, por consequência, consigo mesmo e com os seus semelhantes.

Um livro que traz respostas, mas que também suscita reflexões. Em suma, um texto cuja leitura nos enriquece. Um livro que modifica quem o lê.

OSHO

A Psicologia do Esotérico

5ª EDIÇÃO

"Nota ao Leitor": Os discípulos de Bhagwan Shree Rajneesh decidiram chamá-lo: OSHO. OSHO é um termo derivado do antigo Japão e foi primeiro usado por Eka, dirigido a seu mestre Bodhidharma.

'O' significa "com grande respeito, amor e gratidão" e também "sincronicidade" e "harmonia"; 'SHO' significa "expansão multidimensional da consciência" e "existência chovendo por todas as direcões".

ÍNDICE

Prefácio.....	7
1. Revolução Interior.....	9
2. Penetrando o Vazio: O Mistério da Meditação.....	21
3. Sexo, Amor e Oração: Três Passos ao Divino.....	35
4. Kundalini Yoga: Retornando às Raízes.....	49
5. Jogos Esotéricos: Um Estorvo ao Crescimento.....	67
6. A Psicologia dos Sonhos.....	83
7. Transcendendo os Sete Corpos.....	100
8. Tornar-se e Ser.....	124
9. A Falácia do conhecimento.....	143
10. Janelas ao Divino.....	155
11. O Correto Questionar.....	172
12. Equilibrando o Racional e o Irracional.....	191

PREFÁCIO

O processo evolucionário é um processo no desenvolvimento da consciência. As árvores são mais conscientes do que as rochas; os animais são mais conscientes do que as árvores; o homem é mais consciente do que os animais; os Budas são mais conscientes do que o homem. Estado búdico, consciência crítica, iluminação, tudo significa a mesma coisa: o florescer da total consciência. A matéria é totalmente inconsciente; um Buda é totalmente consciente. O homem está em algum lugar no meio: nem isto, nem aquilo. Ele vive num estado de limbo. Não mais um animal e não ainda um deus. Não mais o que era e não ainda aquilo que ele poderia se tornar.

"A evolução inconsciente termina com o homem", Osho nos diz, "e a evolução consciente começa. Mas a evolução consciente não se inicia necessariamente com algum homem particular". Ela começa somente se a escolhermos para começar.

Vida significa movimento. É impossível permanecer onde estamos. Ou evoluímos para um nível mais alto de consciência ou regredimos. A escolha é nossa. Não podemos não escolher. Até mesmo o não escolher é uma escolha sutil. A maioria das pessoas busca o esquecimento: retorno à inconsciência. Elas o buscam através do álcool e das drogas, através do trabalho, através do sexo, através de estimulação sensorial. Só umas poucas escolhem começar a jornada em direção à consciência mais alta. É a estas poucas que Osho endereça as palestras contidas em *A Psicologia do Esotérico*.

Osho começa do ponto onde a psicologia ocidental desiste. Ele vai além de Freud, além de Jung, além dos novos movimentos de entendimento do potencial humano. Se a psicologia de Freud é uma psicologia da patologia e a psicologia de Maslow é uma psicologia do homem são, a psicologia de Osho é uma psicologia da

iluminação, do estado búdico. Osho não é apenas um mestre iluminado; é também um senhor psicólogo. Ele descasca as camadas do nosso ser, revelando as profundezas internas que se prostram escondidas dentro de nós. Ele começa do físico e se move passo a passo ao transcendental. Ele começa do conhecido e se move para o desconhecido. Ele começa onde nós estamos para nos levar aonde podemos estar. "No Oriente", diz ele, "não é uma questão de psicologia; é uma questão de ser. Não é uma questão de saúde mental. Ao contrário, é uma questão de crescimento espiritual. A questão não é o que você faz; a questão é o que você é".

De que fala Osho nestas palestras é nada menos do que a criação de um novo homem. Todo seu esforço é criar um clima no qual o estado búdico possa começar a florescer. Para isso ocorrer, diz ele, devemos aceitar o homem em sua totalidade. Nem o racional deve ser negado, nem o irracional; nem o intelecto, nem as emoções; nem o científico, nem o religioso. O homem deve permanecer fluindo, fluido, capaz de se mover de um pólo a outro. "A mente deve ser treinada de uma forma racional, lógica", diz ele, "mas deve simultaneamente ser treinada em meditação irracional (não racional). A razão deve ser treinada e ao mesmo tempo as emoções devem ser treinadas. A dúvida deve estar ali, mas também a fé... Ninguém que negou o irracional, nem ninguém que negou o racional está crescendo. Você não pode crescer a não ser que cresça totalmente".

Osho não é um filósofo. Suas palavras não são uma tentativa de abarrotar nossas mentes com mais conhecimento. Elas são uma tentativa de nos empurrar em direção a uma experiência direta daquilo-que-está-além-das-palavras. Elas são uma tentativa de nos empurrar em direção a nossa própria evolução interior. A realização última do nosso potencial. A potencialidade da nossa semente.

Ma Satya Bharti

1. REVOLUÇÃO INTERIOR

No caminho da evolução do homem, é possível que em algum tempo no futuro a humanidade venha como um todo a obter a iluminação? Em que ponto de evolução está o homem hoje?

Com o homem, o natural, o processo automático de evolução termina. O homem é o último produto da evolução inconsciente. Com o homem, a evolução consciente começa.

Muitas coisas devem ser levadas em conta. Primeiro, a evolução inconsciente é mecânica e natural. Acontece por si mesma. Através deste tipo de evolução, a consciência evolui. Mas no momento em que a consciência vem a ser, a evolução inconsciente pára, porque seu propósito foi satisfeito. A evolução inconsciente é necessária somente até o ponto onde a consciência começa a ser.

O homem tornou-se consciente. De certa forma ele transcendeu a natureza. Agora a natureza não pode fazer nada; o último produto que era possível através da evolução natural veio a ser. Agora o homem torna-se livre para decidir se evolui ou não evolui.

Em segundo lugar, a evolução inconsciente é coletiva, mas no momento em que a evolução se torna consciente, ela se torna individual. Nenhuma evolução coletiva automática prossegue para além da humanidade. Deste ponto em diante a evolução torna-se um processo individual. A consciência cria a individualidade. Antes que a consciência evolua, não há individualidade. Somente espécies existem, não a individualidade.

Quando a evolução é ainda inconsciente, é um processo automático; não há incerteza. As coisas acontecem através da lei de causa e efeito. A existência é mecânica e certa. Mas com o homem, a consciência, a incerteza vem à existência. Agora, nada é certo. A

evolução pode acontecer ou não. O potencial está ali, mas a escolha será totalmente com cada indivíduo.

Eis porque a ansiedade é um fenômeno humano. Abaixo do homem não há ansiedade porque não há escolha. Tudo acontece como deve acontecer. Não há escolha, assim não há o escolhedor, e na ausência deste a ansiedade é impossível. Quem deve ser ansioso? Quem deve ser tenso?

Com a possibilidade da escolha, a ansiedade surge como uma sombra. Tudo tem de ser escolhido agora; tudo é um esforço consciente. Só você é responsável. Se você falha, você falha. É sua responsabilidade. Se você é bem-sucedido, é bem-sucedido. É novamente sua responsabilidade.

Cada escolha é definitiva, em certo sentido. Você não pode deixar de fazê-la, não pode esquecê-la, você não pode recuar. Sua escolha torna-se seu destino. Permanecerá com você e será uma parte de você; você não pode negá-la. Mas sua escolha é sempre um jogo. Cada escolha é feita no escuro porque nada é certo. Eis porque o homem sofre de ansiedade. Ele está ansioso até as suas próprias raízes. O que o atormenta, para começar é: ser ou não ser? Fazer ou não fazer, fazer isto ou fazer aquilo?

A não escolha não é possível. Se você não escolhe, então você está escolhendo não escolher; é uma escolha. Assim você é forçado a escolher; você não está livre de não escolher. A "não escolha" terá tanto efeito quanto qualquer outra escolha.

A dignidade, a beleza e a glória do homem é esta consciência. Mas é também um fardo. A glória e o fardo vêm simultaneamente, no momento em que você se torna consciente. Cada passo é um movimento entre os dois. Com o homem, a escolha e a individualidade consciente vêm à existência. Você pode evoluir, mas sua evolução será um esforço individual. Você pode evoluir para se tornar um Buda ou não. A escolha é sua.

Assim, há dois tipos de evolução: evolução coletiva e indivíduo; evolução consciente. Evolução implica em inconsciência,

progresso coletivo, assim seria melhor usar a palavra revolução quando se fala do homem. Com o homem, a revolução torna-se possível. **Revolução, como uso a palavra aqui, significa um esforço individual, consciente, em direção à evolução.** Traz a responsabilidade individual a um máximo, Só você é responsável por sua própria evolução.

Comumente o homem tenta fugir da responsabilidade pela sua própria evolução, da responsabilidade da liberdade de escolha. Há um grande medo da liberdade. Quando você é um escravo a responsabilidade por sua vida nunca é sua; um outro alguém é responsável. De certa forma a escravidão é uma coisa muito confortável. Não há fardo. Neste aspecto, a escravidão é uma liberdade: liberdade da escolha consciente.

No momento em que você se torna completamente livre, você tem de tomar suas próprias opções. Ninguém força você a fazer nada. Todas as alternativas estão abertas para você. Então a luta com a mente começa. Desta forma, o indivíduo torna-se temeroso da liberdade.

Parte de apelo das ideologias tais como o comunismo e o fascismo, é que elas fornecem um escape à liberdade individual; é uma fuga da responsabilidade individual. O fardo da responsabilidade é retirado do indivíduo; a sociedade torna-se responsável. Quando algo acontece de errado você pode apontar o Estado, a organização. O homem torna-se somente uma parte da estrutura coletiva. Mas ao negar a liberdade individual, o fascismo e o comunismo também negam a possibilidade da evolução humana. É um retrocesso da grande possibilidade que a revolução oferece; a total transformação dos seres humanos. Quando isto acontece, vocês destroem a possibilidade de atingir o definitivo, vocês regridem; vocês novamente tornam-se como animais.

Para mim, a evolução para além deste ponto é possível somente com a responsabilidade individual. Você é o único responsável. Esta responsabilidade é uma grande bênção camuflada.

Com esta responsabilidade individual começa a luta que por último leva à consciência sem escolha.

O velho padrão de evolução inconsciente terminou para nós. Você pode regredir a ele, mas você não pode permanecer nele. Seu ser revoltar-se-á. O homem torna-se consciente; ele tem que permanecer consciente. Não há outro caminho.

Filósofos como Aurobindo têm grande apelo para os escapistas. Eles dizem que a evolução coletiva é possível. O divino descerá e todos se tornarão iluminados. Mas, para mim, isto é impossível. E mesmo se parecer possível, não vale a pena. Se você se torna iluminado sem seu próprio esforço individual, essa iluminação não vale a pena. Ela não dará a você o êxtase que coroa o esforço. Será totalmente como algo recebido, tal como seus olhos, suas mãos, seu sistema respiratório. Estas são grandes bênçãos, mas ninguém realmente as valoriza, as aplaude.

Um dia você pode também nascer iluminado tal qual Aurobindo promete. Será sem valor. Você terá muito, mas porque veio a você sem esforço, sem trabalho, não significará nada a você; seu significado será perdido. O esforço consciente é necessário. O atingir não é tão significativo quanto o esforço em si. O esforço dá-lhe sentido, a luta traz-lhe significância.

Como eu vejo, a iluminação que vem coletivamente, inconsciente, como um presente do divino, não é apenas impossível, mas também sem sentido. Você deve lutar pela iluminação. Através desse esforço você cria a capacidade para ver e sentir e se manter apegado ao deleite que vem.

A evolução inconsciente termina com o homem e a evolução consciente (revolução) começa. Mas a evolução consciente não se inicia necessariamente com algum homem particular. Ela começa somente se você a escolhe para começar. Mas se você não a escolhe, como a maioria das pessoas fazem, você estará numa condição muito tensa. E a humanidade dos dias presentes é desta forma. Nenhum lugar a ir, nada a ser atingido. Nada pode ser atingido

agora sem esforço consciente. Você não pode retornar ao estado de inconsciência. A porta fechou-se; a ponte quebrou-se.

A escolha consciente para evoluir é uma grande aventura, a única aventura que há para o ser humano. O caminho é árduo; ele foi feito para sê-lo. Os erros foram criados para estarem lá, no caminho, as falhas, porque nada é certo. Esta situação cria tensão na mente. Você não sabe onde está, você não sabe para onde está indo. Sua identidade se perde.

A situação pode mesmo atingir um ponto em que você se torna suicida. O suicídio é um fenômeno humano; vem com a escolha humana. Os animais não podem cometer suicídio, porque escolher a morte consciente é impossível para eles. O nascimento é inconsciente, a morte é inconsciente. Mas com o homem - o homem ignorante, involuído - uma coisa torna-se possível: a capacidade de escolher a morte.

Seu nascimento não é escolha sua. E tanto quanto seu nascimento lhe concerne, você está nas mãos da evolução inconsciente. Aliás, seu nascimento não é um acontecimento humano, é um acontecimento animal em natureza, porque não é da sua escolha. Somente com a escolha a humanidade começa. Mas você pode escolher sua morte - um ato decisivo. Assim, o suicídio torna-se um ato humano definitivo.

E se você não escolhe a evolução consciente, há todas as possibilidades de que você escolha cometer suicídio. Você pode não ter coragem ativa para cometer suicídio, mas você passará por um processo lento, prolongado, de suicídio - marcando passo, esperando morrer.

Você não pode tornar outra pessoa responsável por sua evolução. Aceitar esta situação dá-lhe forças. Você está no seu caminho para crescer, para evoluir.

Nós criamos deuses, ou nos refugiamos nos gurus, de tal forma que não tenhamos responsabilidade por nossas próprias vidas, por nossa própria evolução. Nós tentamos colocar a

responsabilidade em algum outro lugar distante de nós. Se nós não somos capazes de aceitar algum deus ou algum guru, nós tentamos então escapar da responsabilidade através de intoxicantes, ou drogas, através de alguma coisa que nos torne inconscientes. Mas estes esforços para negar a responsabilidade são absurdos, juvenis, infantis. Eles apenas postergam o problema; não são soluções. Você pode postergar até à morte, mas o problema ainda permanece, o seu novo nascimento continuará no mesmo caminho.

Uma vez que você começa a se tornar consciente de que somente você é responsável, não há escape através de nenhum tipo de inconsciência. E você é tolo de tentar escapar, porque a responsabilidade é uma grande oportunidade para a evolução. Da luta que é criada, algo novo pode evoluir.

Tornar-se consciente significa saber que tudo depende de você. Mesmo seu deus depende de você, porque ele é criado por sua imaginação. Tudo no fundo é uma parte de você, e você é responsável por ela. Não há ninguém para ouvir suas desculpas, não há cortes de apelação. Toda a responsabilidade é sua.

E você é sozinho, absolutamente sozinho. Isto precisa ser compreendido muito claramente. No momento em que uma pessoa se torna consciente, ela se torna só. Assim não fuja desse fato através da sociedade, dos amigos, das associações, das multidões. Não fuja dele! É um grande fenômeno; todo o processo da evolução trabalha em direção a isso. A consciência chega ao ponto agora onde você sabe que está só. E somente no estado de ser sozinho é que você pode atingir a iluminação.

Eu não estou falando de *solidão*. O sentimento de solidão é aquele que vem quando o indivíduo foge do estado de ser sozinho, quando o indivíduo não está pronto para aceitá-lo. Se você não aceitar o fato de ser sozinho, então você se sentirá solitário. Então você encontrará alguma multidão ou alguns meios de intoxicação nos quais esquecer-se a si mesmo. A solidão criará sua própria mágica do esquecimento.

Se você puder estar só, mesmo que por um momento apenas, *totalmente* só, o ego morrerá; o Eu morrerá. Você explodirá; você não será mais. O ego não pode permanecer só. Ele só pode existir em relação a outros. Sempre que você está só, um milagre acontece. O ego torna-se fraco, agora ele não pode continuar a existir por muito tempo. Assim, se você pode ser corajoso o bastante para estar só, você gradualmente tornar-se-á sem ego.

Estar só é um ato muito consciente e deliberado, mais deliberado que o suicídio, porque o ego não pode existir sozinho; mas ele pode existir no suicídio. As pessoas egoístas são mais propensas ao suicídio. O suicídio está sempre em relação a alguém; nunca é um ato de isolamento. No suicídio, o ego não sofrerá. Ao contrário, tornar-se-á mais expressivo. Entrará em um novo nascimento com força maior.

Através do isolamento interior o ego se desmancha. Não há nada com o que se relacionar, desta forma não pode existir. Assim, se você está pronto para estar só, não vacilantemente - nem retrocedendo nem fugindo, apenas aceitando o fato do isolamento tal como ele é -, tornar-se-á uma grande oportunidade. Então você é como uma semente que tem muito potencial nela. Mas lembre-se, a semente deve destruir-se a si mesma para a planta crescer. O ego é uma semente, uma potencialidade. Se ele é destruído, o divino nasce. O divino não é nem o Eu nem o Vós. É o um. Através do isolamento interior você chega a esta unicidade.

Você pode criar falsos substitutos para esta unicidade. Os hindus tornam-se um, os cristãos tornam-se um, os maometanos tornam-se um; a Índia é um, a China é um. Isto são apenas substitutos para a unicidade. A unicidade vem somente através do isolamento interior total.

Uma multidão pode chamar-se a si mesma de um, mas a unicidade está sempre em oposição a alguma coisa. Já que a multidão está com você, você se sente descontraído. Agora você não é mais responsável. Você não destruiria um templo sozinho, você

não incendiaria uma mesquita sozinho, mas como parte de uma multidão você pode fazê-lo, porque agora você não é individualmente responsável. Todos os outros são responsáveis, assim ninguém em particular é responsável. Não há consciência individual, somente consciência grupal. Você regride na multidão e se torna tal como um animal.

A multidão é um falso substituto para o sentimento de unicidade. Aquele que está consciente da situação, consciente da sua responsabilidade como ser humano, consciente da dificuldade, da tarefa árdua que vem com o ser humano, não escolhe quaisquer substitutos falsos. Ele vive com os fatos como são; ele não cria qualquer ficção. Suas religiões, suas ideologias políticas, são apenas ficções, criando um sentimento ilusório de unicidade.

A unicidade vem somente quando você se torna ausente de ego, e o ego pode morrer somente quando você está totalmente só. Quando você está completamente só, você não é. Aquele exato momento é o momento da explosão. Você explode para dentro do infinito. Isto, e somente isto, é evolução. Eu chamo revolução, porque não é inconsciente. Você pode tornar-se sem ego ou não. Depende de você.

Estar só é a única revolução real. Muita coragem é necessária. Somente um Buda está só, somente um Jesus ou um Mahavir estão só. Não que eles tenham deixado suas famílias, abandonado o mundo. Parece assim, mas não é assim. Eles não estiveram abandonando coisas negativamente. O ato era positivo, era um movimento em direção ao isolamento. Eles não estavam abandonando. Eles estavam em busca de encontrarem isolamento interior.

A busca toda é por aquele momento de explosão quando o indivíduo está isolado. No isolamento há regozijo. E apenas então a iluminação é obtida.

Nós não podemos estar isolados, os outros não podem tampouco estar isolados, assim nós criamos grupos, famílias,

sociedades, nações. Todas as nações, todas as famílias, todos os grupos, são feitos de covardes, aqueles que não são corajosos o suficiente para estarem sós.

Coragem real é a coragem de estar só. Significa entendimento consciente do fato de que você é sozinho e você não pode ser diferente. Você pode ou enganar-se a si mesmo, ou viver com este fato. Você pode continuar enganando-se a si mesmo por vidas e vidas, mas continuará simplesmente num círculo vicioso. Somente se você viver com este fato do isolamento, o círculo é quebrado e você pode vir ao centro. Aquele centro é o centro da divindade, do todo, do santo.

Eu não posso conceber uma época em que cada ser humano será capaz de atingir isto como um direito de nascimento. É impossível. A consciência é individual. Somente a inconsciência é coletiva. Os seres humanos chegaram ao ponto da consciência onde tornaram-se indivíduos. Não há humanidade como tal. Há somente seres humanos individuais. Cada ser humano deve realizar sua própria individualidade e responsabilidade por isto.

A primeira coisa que devemos fazer é aceitar o isolamento interior como um fato básico, e aprender a viver com ele. Não devemos criar ficção alguma. Se você cria ficções, você nunca estará habilitado a conhecer a verdade. As ficções são verdades projetadas, criadas, cultivadas, que o impedem de saber o que é. Viva com o fato de seu isolamento interior. Se você pode viver com este fato, se não há ficção entre você e este fato, então a verdade será revelada a você. Todo fato, se olhado profundamente, revela a verdade.

Assim, viva com o fato da responsabilidade, com o fato de que você está só. Se você puder viver com este fato, a explosão acontecerá. É árduo, mas é o único caminho. Através da dificuldade, através da aceitação desta verdade, você pode atingir o ponto da explosão. Somente então há deleite. Se é dado a você já pronto, perde seu valor, porque você não trabalhou por ele. Você tem a capacidade de sentir o regozijo. Esta capacidade vem apenas pela disciplina.

Se você pode viver o fato da sua responsabilidade por si mesmo, a disciplina automaticamente virá para você. Por ser totalmente responsável por si mesmo, você não tem outra saída a não ser tornar-se disciplinado. Mas esta disciplina não é algo forçado em você de fora para dentro. Vem de dentro. Por causa da responsabilidade total que você carrega por si mesmo, cada passo que você dá é disciplinado. Você não pode mesmo pronunciar uma única palavra irresponsavelmente.

Se você é consciente do seu próprio estado de estar só interiormente, você estará também consciente da angústia dos outros. Então você não será capaz de cometer um único ato irresponsável, porque você sentir-se-á responsável não apenas por si mesmo, mas também pelos outros. Se você pode viver com o fato de seu isolamento interior, você sabe que cada um e todos estão solitários. Então o filho sabe que o pai é solitário, a esposa sabe que o marido é solitário, o marido sabe que a esposa é solitária. Uma vez que você saiba isto, é impossível não ser compassivo.

Viver com os fatos é a única yoga, a única disciplina. Na medida em que você se torna totalmente consciente da situação humana, você se torna religiosa. Você se torna um mestre de você mesmo. Mas a austeridade que vem não é uma austeridade ascética. Ela não é forçada; não é feia. A austeridade é estética. Você sente que é a única coisa possível, você não pode fazer diferente. Então você renuncia às coisas; você torna-se não possessivo.

O impulso à posse é o impulso ao não estar só. O indivíduo não pode estar só, assim ele procura companhia. Mas a companhia de outras pessoas não é confiável, assim ele busca ao invés, a companhia das coisas. Viver com a esposa é difícil; viver com um carro não é difícil. Desta forma, a posse desloca-se para as coisas.

Você pode mesmo tentar transformar as pessoas em coisas. Você pode tentar moldá-las de tal forma que percam suas personalidades, suas individualidades. Uma esposa é uma coisa, não uma pessoa, um marido é uma coisa, não uma pessoa.

Se você se torna consciente do seu estar só, então você se torna também consciente do estar só dos outros. Então você sabe que tentar possuir o outro faz sofrer. Você nunca renuncia positivamente. A renúncia torna-se a sombra negativa do seu estar só. Você se torna não possessivo, então você pode ser um amante, mas não um marido, não uma esposa.

Com esta não possessividade chegam a compaixão e a austeridade, A inocência vem para você. Quando você nega os fatos da vida, você não pode ser inocente. Você torna-se adulto. Você engana a si mesmo e aos outros. Mas se você é corajoso o suficiente para viver com os fatos como eles são, você torna-se inocente. Esta inocência não é cultivada. Você é ela: inocente.

Para mim, ser inocente é tudo que tem de ser atingido. Seja inocente e o divino estará sempre cheio de bênçãos fluindo em direção a você. A inocência é a capacidade de receber, de ser parte do divino. Seja inocente e o convidado lá está, torna-se o anfitrião.

Esta inocência não pode ser cultivada, porque o cultivo é um artifício. É calculado. Mas a inocência nunca pode ser calculada; é impossível.

A inocência é a religiosidade. Ser inocente é o pico da verdadeira realização. Mas a inocência verdadeira vem somente através de uma revolução consciente; é impossível através de qualquer evolução inconsciente coletiva. O homem é só. É livre para escolher o céu ou o inferno, vida ou morte, o êxtase da realização ou a miséria da assim chamada vida.

Sartre disse em algum lugar: O homem está condenado a ser livre. Você pode escolher o céu ou o inferno. Liberdade significa a liberdade para escolher um ou o outro. Se você pode escolher somente o céu, então não há escolha; não há liberdade. O céu sem a escolha do inferno, será o inferno por si mesmo. A escolha sempre significa e/ou. Não significa que você está livre para escolher somente o bom. Então não haveria liberdade.

Se você escolhe erroneamente, a liberdade torna-se uma condenação; mas se você escolhe acertadamente, torna-se um regozijo. Depende de você se sua escolha transforma a sua liberdade em condenação ou em regozijo. A escolha é de sua total responsabilidade.

Se você está pronto, então no fundo de suas profundezas uma nova dimensão pode começar. A dimensão da revolução. A evolução terminou. Agora, uma revolução é necessária para abri-lo ao que está para além. É uma revolução individual. Uma revolução interior.

2. PENETRANDO O VAZIO: O MISTÉRIO DA MEDITAÇÃO

O que é meditação?

Meditação não é um método hindu; não é simplesmente uma técnica. Você não pode aprendê-la. É um crescimento: um crescimento de sua vivência total, a *partir* da sua vivência total. Meditação não é algo que pode ser acrescentado a você tal como você está. Ela pode vir para você somente através de uma transformação básica, uma mutação. É um florescimento, um crescimento. O crescimento é sempre a partir do todo; não é uma adição. Você deve crescer em direção à meditação,

Este florescimento total da personalidade deve ser entendido corretamente. De outra forma, o indivíduo pode fazer jogos consigo mesmo, pode ocupar-se com truques mentais. E há tantos truques! Não apenas você pode ser enganado por eles, não apenas não ganhará nada, como também num sentido real, você será prejudicado. A própria atitude de que há algum truque na meditação - conceber a meditação em termos de método - é basicamente errada. E quando o indivíduo começa a brincar com truques mentais, a própria qualidade da mente começa a se deteriorar.

Tal qual existe, a mente não é meditativa. Toda a mente precisa mudar antes que a meditação possa acontecer. Então, o que é a mente tal qual existe agora? Como funciona?

A mente está sempre verbalizando. Você pode conhecer palavras, você pode saber línguas, você pode conhecer a estrutura

conceitual do pensamento, mas isso não é o pensar. Ao contrário, é uma fuga ao pensar. Você vê uma flor e você verbaliza; você vê um homem atravessando a rua e você o verbaliza. A mente pode transformar cada coisa existencial em palavras. Então as palavras se tornam uma barreira, um aprisionamento. Esta constante transformação das coisas em palavras, da existência em palavras, é o obstáculo à mente meditativa.

Assim, a primeira exigência em direção à mente meditativa é tornar-se consciente de sua constante verbalização e ser capaz de pará-la. Apenas veja as coisas, não verbalize. Seja consciente da presença delas, mas não as transforme em palavras. Deixe as coisas serem, sem linguagem; deixe as pessoas serem, sem linguagem; deixe as situações serem, sem linguagem. Não é impossível, é natural. É a situação tal qual existe agora, que é artificial, mas nós nos tornamos tão habituados a isto, ela tornou-se tão mecânica, que nós nem mesmo temos consciência de que estamos constantemente transformando a experiência em palavras.

O nascer do sol está ali. Você nunca está consciente do vazio entre vê-lo e verbalizá-lo. Você vê o sol, você o sente e imediatamente você o verbaliza. A distância entre o ver e o verbalizar se perde. O indivíduo deve estar consciente do fato de que o nascer do sol não é uma palavra. É um fato, uma presença. A mente automaticamente transforma as experiências em palavras. Estas palavras então surgem entre você e a experiência.

Meditação significa viver sem palavras, viver não linguisticamente. Às vezes acontece espontaneamente. Quando você está apaixonado, a presença é sentida, não a linguagem. Quando dois amantes estão intimamente um com o outro, tornam-se silenciosos. Não que não haja nada para se expressar. Ao contrário, há uma aflitiva quantidade de coisas a serem expressas. Mas as palavras nunca estão lá; não podem estar. Elas vêm somente quando o amor se foi.

Se dois amantes nunca estão em silêncio, é uma indicação de que o amor morreu. Agora eles estão preenchendo o vazio com palavras. Quando o amor está vivo, as palavras não estão lá, porque a própria existência do amor é tão dominadora, tão penetrante, que a barreira das palavras e da linguagem é ultrapassada. E comumente é somente ultrapassada no amor.

A meditação é a culminação do amor: amor não por uma pessoa em particular, mas pela existência total. Para mim, meditação é um relacionamento vivo com a existência total que o cerca. Se você pode estar apaixonado com qualquer situação, então você está em meditação.

E isto não é um truque mental. Não é um método de imobilização da mente. Ao contrário, requer um profundo entendimento do mecanismo da mente. No momento em que você entende seu hábito mecânico da verbalização, de transformar a existência em palavras, um vazio é criado. Vem espontaneamente. Segue ao entendimento como uma sombra.

O problema real não é como estar em meditação, mas saber porque você *não* está em meditação. O próprio processo da meditação é negativo. Não está acrescentando algo a você; está negando alguma coisa que já foi acrescido 

A sociedade não pode existir sem linguagem; ela precisa da linguagem. Mas a existência não a necessita. Não estou dizendo que você deveria existir sem linguagem. Você terá que usá-la. Mas você deve ser capaz de ligar e desligar o mecanismo da verbalização. Quando você está existindo como um ser social, o mecanismo da linguagem é necessário; mas quando você está sozinho com a existência, você deve ser capaz de desligá-la. Se você não pode desligá-la - se ela continua e você é incapaz de pará-la - então você se tornou um escravo dela. A mente deve ser um instrumento, não o mestre.

Quando a mente é o mestre, um estado não meditativo existe. Quando você é o mestre, sua consciência é o mestre, um estado

meditativo existe. Assim, meditação significa tornar-se um mestre do mecanismo da mente.

A mente, e o funcionamento lingüístico da mente, não é o supremo. Você está além dela; a existência está além dela. A consciência está além da lingüística; a existência está além da linguística. Quando a consciência e a existência tornam-se uma, elas estão em comunhão. Esta comunhão é meditação.

A linguagem deve ser abandonada. Não estou dizendo que você tem de reprimi-la ou eliminá-la. Eu apenas quero dizer que ela não tem de ser um hábito de vinte e quatro horas por dia, para você. Quando você caminha, você tem de mover as pernas; mas se elas continuam a se mover quando você está sentado, então você está louco. Você deve ser capaz de desligá-las. Da mesma forma, quando você está falando com ninguém, a linguagem não deve estar ali. É uma técnica para comunicar. Quando você não está se comunicando com ninguém, ela não deveria estar lá.

Se você é capaz de fazer isto, você pode crescer para dentro da meditação. Meditação é um processo de crescimento, não uma técnica. Uma técnica é sempre morta, assim ela pode ser acrescentada a você, mas um processo é sempre vivo. Ele cresce, expande-se.

A linguagem é necessária, mas você não deve sempre permanecer nela. Deve haver momentos em que não haja verbalização, quando você apenas existe. Não é que você esteja apenas vegetando. A consciência está lá. E é mais aguda, mais viva, porque a linguagem a obscurece. A linguagem limita-se a ser repetitiva, assim ela cria tédio. Quanto mais a linguagem é importante para você, mais tedioso você será.

A existência nunca é repetitiva. Cada rosa é uma nova rosa, completamente nova. Nunca foi e nunca será de novo. Mas quando nós a chamamos rosa, a palavra rosa é uma repetição. Ela sempre esteve lá; sempre estará. Você matou o novo com uma palavra velha.

A existência é sempre jovem e a linguagem é sempre velha. Mediante a linguagem você foge da existência, você foge da vida, porque a linguagem é morta. Quanto mais envolvido você está com a linguagem, mais desvigorado você será por ela. Um pândita está completamente morto, porque ele nada é exceto linguagem, palavras.

Sartre chamou sua autobiografia de *Palavras*. Nós vivemos em palavras. Isto é, nós não vivemos. No fim há somente uma série de palavras acumuladas e nada mais. As palavras são como fotografias. Você vê algo que está vivo e você tira uma foto. A foto está morta. Então você faz um álbum de fotografias mortas. Uma pessoa que não vive em meditação é como um álbum morto. Somente fotografias verbais lá estão, somente memórias. Nada está vivo, tudo foi apenas verbalizado.

Meditação significa viver totalmente, mas você pode viver totalmente apenas quando está em silêncio. Por estar em silêncio eu não quero dizer inconsciente. Você pode estar silencioso e inconsciente, mas não é um silêncio vivo. De novo você se engana.

Através de *mantras* você pode auto-hipnotizar-se. Por simples repetição de uma palavra, você pode criar tamanho tédio na mente, que ela dormirá. Você cai no sono, cai na inconsciência. Se você continuar entoando Ram-Ram-Ram, a mente adormecerá. Então a barreira da linguagem não está lá, mas você está inconsciente.

Meditação significa que a linguagem não deve estar lá, mas você deve estar consciente. De outra forma, não há comunhão com a existência, com tudo o que é. Auto-hipnose não é meditação. Nenhum *mantra* pode ajudar, nenhuma entoação pode ajudar. Ao contrário, estar em estado hipnótico é uma regressão. Não é ir além da linguagem, é cair abaixo dela.

Assim, abandone todos os *mantras*, abandone todas as técnicas. Deixe os momentos existirem onde as palavras não estejam. Você não pode livrar-se das palavras com um *mantra*,

porque o próprio processo usa palavras. Você não pode eliminar a linguagem com palavras; é impossível.

Assim, o que deve ser feito? Aliás, você não pode fazer absolutamente nada, exceto entender. O que quer que você seja capaz de fazer, pode surgir somente de onde você está. Você está confuso, você não está em meditação, sua mente não está em silêncio, assim qualquer coisa que venha de você, apenas criará mais confusão. Tudo o que pode ser feito exatamente agora é começar a estar consciente de como a mente funciona. Eis tudo - apenas estar consciente. Consciência não tem nada a ver com palavras. É um ato existencial, não um ato mental.

Assim, a primeira coisa é estar consciente. Esteja consciente do seu processo mental, de como sua mente trabalha. No momento em que você se torna consciente do funcionamento de sua mente, você não é a mente. A própria consciência significa que você está além: à parte, uma testemunha. E quanto mais consciente você se tornar, mais você será capaz de ver os vazios entre a experiência e as palavras. Os vazios estão ali; mas você está tão inconsciente, que eles nunca são vistos.

Entre duas palavras há sempre um vazio, não importa quão imperceptível, quão pequeno. Caso contrário, as duas palavras não podem permanecer duas; tornar-se-ão uma. Entre duas notas musicais há sempre um vazio, um silêncio. Duas palavras ou duas notas não podem ser duas a não ser que haja um intervalo entre elas. Um silêncio está sempre ali, mas o indivíduo tem de estar realmente consciente, realmente atento para senti-lo.

Quanto mais consciente você se torna, mais lenta a mente se torna. É sempre relativo. Quanto menos consciente você é, mais rápida a mente é; e quanto mais consciente você é, mais lento é o processo da mente. Quando você está mais consciente da mente, a mente diminui seu ritmo e os vazios entre os pensamentos se alargam. Então você pode vê-los.

É exatamente como um filme. Quando um projetor trabalha em câmara lenta, você vê os vazios. Se suspendo a minha mão, isto tem de ser filmado em milhares de partes. Cada parte será uma única foto. Se estas milhares de fotos unitárias passam diante de seus olhos tão rápidas que você não pode ver os vazios, então você vê a mão erguida *como um processo*. Mas em câmara lenta os vazios podem ser vistos.

A mente é exatamente como um filme. Os vazios estão lá. Quanto mais atento você está à sua mente, mais você os verá. É exatamente como um retrato Gestalt: um retrato que contém duas imagens distintas ao mesmo tempo. Uma imagem pode ser vista ou a outra pode ser vista, mas você não pode ver ambas simultaneamente. Pode ser o retrato de uma senhora idosa e ao mesmo tempo o retrato de uma jovem. Mas se você está focado numa, você não verá a outra; e quando você está focalizado na segunda, a primeira se perde. Mesmo se você souber perfeitamente bem que viu ambas as imagens, você não pode ver ambas simultaneamente.

A mesma coisa acontece com a mente. Se você vê as palavras, você não vê os vazios, você não pode ver as palavras. Toda palavra é seguida por um vazio e todo vazio é seguido por uma palavra, mas você não pode ver ambos simultaneamente. Se você focalizar os vazios, as palavras se perderão e você será lançado para dentro da meditação.

Uma consciência que está focalizada apenas nas palavras não é meditativa e uma consciência que está focada somente nos vazios é meditativa. Quando quer que você se tornar consciente dos vazios, as palavras se perderão. Se você observar cautelosamente, você não encontrará palavras; você encontrará apenas um vazio.

Você pode sentir a diferença entre duas palavras, mas você não pode sentir a diferença entre dois vazios. As palavras são sempre plural, e o vazio é sempre singular: o vazio. Eles se mesclam e se tornam um. Meditação é uma focalização no vazio. Então se

mesclam e se tornam um. Meditação é uma focalização no vazio. Então todo o Gestalt se transforma.

Outra coisa a ser entendida. Se você está olhando um retrato Gestalt e sua concentração está focalizada na senhora idosa, você não pode ver o outro retrato. Mas se você continuar a se concentrar na senhora idosa - se continuar a focalizá-la, se você se tornar totalmente atento a ela - um momento virá quando o foco mudará e subitamente a senhora terá desaparecido e o outro retrato lá está.

Por que isto acontece? Acontece porque a mente não aguenta estar focalizando continuamente por muito tempo. Tem de mudar ou dormir. Estas são as únicas duas possibilidades. Se você continuar se concentrando numa coisa, a mente adormecerá. Ela não pode permanecer fixa; ela é um processo vivo. Se você a deixar tornar-se entediada, ela adormecerá a fim de escapar do estado de estagnação do seu foco. Então ela pode continuar a viver, nos sonhos.

Isto é meditação, estilo Mahesh Yogi. É pacífica, refrescante e pode ajudar sua saúde física e seu equilíbrio mental, mas não é meditação. A mesma coisa pode ser feita por auto-hipnose, a palavra hindu *mantra* significa sugestão, nada mais. Tomar isto como meditação é um erro sério. Não é. E se você pensa nisto como meditação, você nunca procurará meditação autêntica. Esse é o prejuízo real causado por tais práticas e por propagandistas de tais práticas. É apenas autodrogar-se psicologicamente.

Assim, não use nenhum *mantra* para tirar as palavras do caminho. Apenas torne-se consciente das palavras e o foco da sua mente mudará automaticamente para os vazios.

Se você identifica-se com as palavras, você continuará a pular de uma palavra a outra e perderá o vazio. Outra palavra é alguma coisa para a qual focalizar. A mente continua a mudar; o foco muda. Mas se você não estiver identificado com as palavras, se você é apenas uma testemunha - à parte, apenas observando as palavras à medida que passam em procissão - então todo o foco mudará e você se tornará consciente do vazio. É tal como se você estivesse na rua,

observando as pessoas passarem. Uma pessoa passou e a outra ainda não. Há um vazio; a rua está vaga. Se você estiver observando, então você conhecerá o vazio.

E uma vez conhecido o vazio, você está nele; você pulou para dentro dele. É um abismo - tão provedor de paz, tão criador de consciência. É meditação estar no vazio; é transformação. Agora a linguagem não é necessária; você a abandonará. É um abandono consciente. Você está consciente do silêncio, do silêncio infinito. Você é parte dele, um com ele, Você não está consciente do abismo do outro; você está consciente do abismo como você mesmo. Você *sabe*, mas agora você é o saber. Você observa o vazio, mas agora o observador é observado.

Tanto quanto as palavras e os pensamentos lhe concernem, você é uma testemunha, separada, e as palavras são o outro. Mas quando não há palavras, você é o vazio - ainda que consciente de que você é. Entre você e o vazio, entre a consciência e a existência, não há barreira agora. Somente as palavras são a barreira. Agora você está numa situação existencial. Isto é meditação: ser um com a existência; estar totalmente nela e ainda consciente. Esta é a contradição, este é o paradoxo. Agora você conheceu uma situação na qual você esteve consciente e assim mesmo um com ela.

Comumente, quando estamos conscientes de algo, a coisa se torna outra. Se estamos identificados com algo, então não é o outro, mas então nós estamos conscientes (como na raiva, no sexo). Nós nos tornamos um somente quando estamos inconscientes.

O sexo tem tanto apelo, porque no sexo você se torna um por um momento. Mas naquele momento, você está inconsciente. Você busca a inconsciência, porque você busca a unicidade. Mas quanto mais você a busca, mais consciente você se torna. Então você não sentirá o deleite do sexo, porque o deleite vinha da inconsciência.

Você pôde tornar-se inconsciente num momento de paixão. Sua consciência caiu. Por um momento você esteve no abismo - mas inconsciente. Quanto mais você a busca mais ela se perde.

Finalmente um momento surge quando você está no sexo e o momento de inconsciência não acontece mais. O abismo se perde, o deleite se perde. Então o ato se torna estúpido. É apenas uma descarga mecânica; não há nada de espiritual nele.

Nós temos conhecido apenas a unicidade inconsciente; nós nunca conhecemos a unicidade consciente. Meditação é unicidade consciente. É o outro pólo da sexualidade. O sexo é um pólo (unicidade inconsciente) e a meditação é o outro pólo (unicidade consciente). O sexo é o ponto mais baixo da unicidade e a meditação é o pico, o mais alto cume da unicidade. A diferença é uma diferença de consciência.

A mente ocidental pensa agora em meditação porque o apelo do sexo se perdeu. Sempre que uma sociedade torna-se não repressiva sexualmente, a meditação virá, porque o sexo desinibido matará o charme e o romance do sexo; matará o lado espiritual dele. Muito sexo está ali, mas você não pode continuar a estar inconsciente nele.

Uma sociedade repressiva sexualmente pode permanecer sexual, mas uma sociedade não repressiva, desinibida, não pode permanecer com a sexualidade para sempre. Ela terá que ser transcendida. Assim, se uma sociedade é sexual, a meditação virá. Para mim, uma sociedade livre da sexualidade é o primeiro passo em direção à busca, à procura.

Mas é claro, porque a busca está ali, ela pode ser explorada. Ela está sendo explorada pelo Oriente. Os gurus podem ser fornecidos; podem ser exportados. E eles *estão* sendo exportados. Mas apenas truques podem ser aprendidos com estes gurus. O entendimento vem através da vida, através do viver. Não pode ser dado, transferido.

Eu não posso dar a você o meu entendimento. Eu posso falar acerca dele, mas não posso dá-lo a você. Você terá que encontrá-lo. Você terá que entrar na vida. Você terá que errar; você terá que falhar; você terá que passar por muitas frustrações. Mas somente

através das falhas, dos erros, das frustrações, somente através do encontro real do viver, você chegará à meditação. Este é o motivo pelo qual eu digo que meditação é um crescimento.

Algo pode ser compreendido, mas o entendimento que vem através do outro nunca pode ser mais do que intelectual. Eis porque Krishnamurti pede o impossível. Ele diz: Não me entenda intelectualmente - mas nada, exceto o entendimento intelectual, pode vir de um outro alguém. Eis porque o esforço de Krishnamurti tem sido absurdo. O que ele está dizendo é autêntico, mas quando exige mais do que compreensão intelectual do ouvinte, é impossível. Nada mais pode vir de alguém, nada mais pode ser entregue. Mas o entendimento intelectual pode ser o bastante. Se você entender o que estou dizendo intelectualmente, você pode também entender o que *não* foi dito. Você pode também entender os vazios; o que eu não estou dizendo, o que eu *não posso dizer*. O primeiro entendimento tende a ser intelectual, porque o intelecto é a porta. Nunca pode ser espiritual. A espiritualidade é a luz interior.

Eu posso comunicar-me com você apenas intelectualmente. Se você pode realmente entender, então o que não foi dito pode ser sentido. Eu não posso me comunicar sem palavras, mas quando estou usando palavras, estou também usando silêncios. Você terá de estar consciente de ambos. Se somente as palavras estão sendo entendidas, então é uma comunicação; mas se você pode estar consciente dos vazios também, então é uma comunhão.

O indivíduo tem de começar em algum lugar. Todo começo tende a ser um falso começo, mas o indivíduo tem de começar. Através do falso, através do apalpar, a porta é encontrada. O indivíduo que pensa que começará apenas quando o começo correto estiver ali, nunca começará. Mesmo um passo falso é um passo na direção correta, porque é um *passo*, um começo. Você começa a apalpar no escuro e através do apalpar a porta é encontrada.

Eis porque eu disse para estar consciente do processo lingüístico - o processo das palavras - e para buscar uma

consciência dos vazios, dos intervalos. Haverá momentos em que não haverá esforço consciente de sua parte e você se tornará consciente dos vazios. Este é o encontro com o Divino, o encontro com o existencial.

Quando quer que haja um encontro, não fuja dele. Esteja com ele. Será assustador em princípio; é propenso a ser. Quando quer que o desconhecido é encontrado, o medo se cria, porque para nós o desconhecido é a morte. Assim, quando quer que haja um vazio, você sentirá a morte vindo para você. Então morra! Apenas esteja nela e morra completamente no vazio. E você será ressuscitado. Você está vivo pela primeira vez, realmente vivo.

Assim, para mim, meditação não é um método, mas um processo; meditação não é uma técnica, mas um entendimento. Não pode ser ensinada; pode apenas ser indicada. Você não pode ser informado sobre ela, porque nenhuma informação é realmente informação. Ela é do externo e a meditação surge das suas próprias profundezas interiores.

Assim, procure, seja um buscador e não seja um discípulo. Então você não estará apenas aprendendo palavras. O aprendizado espiritual não pode vir das palavras, mas dos vazios, dos silêncios que estão sempre cercando você. Eles estão lá, até mesmo na multidão, no mercado, no bazar. Busque os silêncios, busque os vazios internos e externos e um dia você descobrirá que está em meditação.

A meditação vem para você. Ela sempre vem; você não pode trazê-la. Mas o indivíduo tem de estar em busca dela, porque somente quando você estiver em busca, você estará aberto para ela, vulnerável a ela. Você é um anfitrião dela. A meditação é um convidado. Você pode convidá-la e esperá-la. Ela vem a Buda, vem a Jesus, ela vem a todo o que está pronto, que está aberto e buscando.

Mas não a aprenda de algum lugar; caso contrário, você será enganado. A mente está sempre procurando alguma coisa mais fácil.

Isto se torna a fonte para a exploração. Então há gurus e gurudons¹, e a vida espiritual é envenenada.

A pessoa mais perigosa é aquela que explora o ímpeto espiritual de alguém. Se alguém rouba de você sua saúde, não é tão sério, se alguém falha com você não é tão sério, mas se alguém o engana e mata ou mesmo posterga seu ímpeto em direção à meditação, em direção ao Divino, em direção ao êxtase, então o pecado é grande e imperdoável.

Mas isto está sendo feito. Então esteja consciente disto e não pergunte a ninguém: O que é meditação? Como meditar?. Ao invés disto, pergunte quais são os obstáculos, quais são os empecilhos. Pergunte porque não estamos sempre em meditação, onde o crescimento foi interrompido, onde fomos mutilados. E não busque um guru, porque os gurus são mutiladores. Qualquer um que dá fórmulas prontas não é um amigo, mas um inimigo.

Tateie no escuro. Nada mais pode ser feito. O próprio apalpar tornar-se-á o entendimento que o libertará da escuridão. Jesus disse: "A verdade é liberdade". Entenda esta liberdade. A verdade é sempre através do entendimento. Ela não é coisa que você encontra e acha, é alguma coisa para dentro da qual você cresce. Assim, esteja na busca do entendimento, porque quanto mais entendido você se tornar, mais próximo estará da verdade. E em algum momento imprevisível, desconhecido, inesperado, quando o entendimento chegar a um apogeu, você estará no abismo. Você não é mais e a meditação é.

Quando você não é mais, você está em meditação. Meditação não é *mais* de você; está sempre *além* de você. Quando você está no abismo, a meditação está lá. Então o ego não está; então você não está. Então o ser é. Eis o que as religiões querem dizer por Deus: o ser supremo. Esta é a essência de todas as religiões, de todas as buscas, mas não será encontrada pronta em nenhum lugar. Assim, esteja alerta de todo aquele que a proclama.

Continue a tatear e não tenha receio do fracasso. Admita falhas, mas não repita as mesmas falhas. Uma vez é tudo; é o bastante. A pessoa que continua a errar em busca da verdade é sempre perdoada. É uma promessa das próprias profundezas da existência.

1. O termo do original inglês *gurudons*, ainda sem correspondente popularizado em português, aplica-se aos gurus charlatães, de má-fé. (NT)

3. SEXO, AMOR E ORAÇÃO: TRÊS PASSOS AO DIVINO

Descreva-nos, por favor, o significado espiritual da energia sexual. Como podemos sublimar e espiritualizar o sexo? É possível ter sexo, fazer amor com meditação, como um trampolim em direção a níveis mais altos de consciência?

Não há tal coisa chamada energia sexual. A energia é uma e a mesma. O sexo é uma saída para ela, é uma direção para ela; é uma das aplicações da energia. A energia da vida é uma, mas ela pode manifestar-se em muitas direções. O sexo é uma delas. Quando a energia da vida torna-se biológica, torna-se energia sexual.

O sexo é apenas uma aplicação da energia da vida. Assim, não há a questão da sublimação. Se a energia da vida flui em outra direção não há sexo. Mas não é uma sublimação; é uma transformação.

Sexo é o fluxo natural, biológico, da energia da vida e a aplicação mais baixa dela. É natural porque a vida não pode existir sem ela, e a mais baixa porque é a fundação, a base, não o cume. Quando o sexo torna-se a totalidade, toda a vida é apenas uma perda. É como se fizéssemos um alicerce e continuássemos a fazê-lo sem jamais construir a casa para a qual o alicerce é destinado.

Sexo é apenas uma oportunidade para uma transformação mais alta da energia da vida. No que diz respeito a ele em si está correto, mas quando o sexo se torna o todo, quando converte-se na única saída para a energia da vida, então torna-se destrutivo. Pode ser apenas o meio, não o fim. E os meios têm significado somente quando os fins são atingidos. Quando um homem abusa dos meios, todo propósito é destruído. Se o sexo se torna o centro da vida (como tem se tornado), então os meios se transformam nos fins. O

sexo cria o alicerce biológico para a vida existir, continuar. Isto é um meio; não deveria se tornar um fim.

No momento em que o sexo se transforma no fim, a dimensão espiritual se perde. Mas se o sexo se torna meditativo, então é direcionado a dimensões espirituais. Ele converte-se na pedra de alicerce, num trampolim.

Não há necessidade de sublimação, porque a energia como tal, não é nem sexual, nem espiritual. A energia é sempre neutra. Em si mesma, ela é inominada. O nome não é o nome da energia em si; é o nome da forma que a energia toma. Quando você diz que a energia é sexual, significa que a energia flui através de uma saída sexual, através de uma saída biológica. A mesma energia é energia espiritual quando flui ao divino.

A energia em si é neutra. Quando é expressa biologicamente é sexo; expressa emocionalmente pode tornar-se amor, pode tornar-se ódio, pode tornar-se raiva; quando se expressa intelectualmente, pode tornar-se científica, pode tornar-se literária; quando se move pelo corpo, pode tornar-se física; quando se move pela mente, se transforma em mental. As diferenças não são diferenças da energia como tal, mas das manifestações aplicadas dela.

Assim, não é correto dizer: sublimação da energia sexual. Se a saída sexual, a saída do sexo não é usada, ela torna-se energia pura de novo. A energia é sempre pura. Quando se manifesta através da porta divina, torna-se espiritual, mas a forma é apenas uma manifestação da energia.

A palavra sublimação tem associações muito ruins. Todas as teorias de sublimação são teorias de repressão. Sempre que você diz sublimação do sexo, você se torna antagônico a ele. Sua condenação está lá, na própria palavra.

Você pergunta o que o indivíduo pode fazer com relação ao sexo. Qualquer coisa feita diretamente ao sexo é uma repressão. Há somente métodos indiretos com os quais você não se relaciona de forma alguma com a energia sexual, ao invés disto, você busca abrir

a porta ao divino. Quando a porta ao divino se abre, todas as energias que estão em você começam a fluir em direção a essa porta. O sexo é absorvido. Sempre que um deleite mais alto torna-se possível, as formas mais baixas de prazer tornam-se irrelevantes. Você não deve reprimi-las ou lutar contra elas. Elas apenas murcham. O sexo não é sublimado; é transcendido.

Qualquer coisa feita negativamente com o sexo, não transformará a energia. Ao contrário, criará um conflito dentro de você que será destrutivo. Quando você luta contra uma energia, você luta contra você mesmo. Ninguém pode ganhar a luta. Num momento você sentirá que venceu. Isso acontecerá continuamente. Às vezes não haverá sexo e você sentirá que o controlou e no momento seguinte sentirá o impulso do sexo de novo e tudo que você parecia ter ganho será perdido. Ninguém pode vencer uma luta contra a sua própria energia.

Se as suas energias são necessárias em algum outro lugar, em algum lugar mais deleitoso, o sexo desaparecerá. Não que a energia esteja sublimada. Não que você tenha feito algo. Ao contrário, um novo caminho em direção ao deleite maior abriu-se para você e automaticamente, espontaneamente, a energia começa a fluir em direção à nova porta.

Se você estiver segurando pedras e subitamente diamantes aparecerem no seu caminho, você nem sequer perceberá que jogou as pedras no chão. Elas cairão por elas mesmas, como se você nunca as houvesse possuído. Você nem mesmo se lembrará de haver renunciado a elas e de as haver jogado fora. Você nem mesmo perceberá isso. Não que algo tenha sido sublimado. Uma fonte maior de felicidade abriu-se e as fontes inferiores caíram por si mesmas.

Isto é tão automático, tão espontâneo, que nenhuma ação positiva contra o sexo é necessária. Sempre que você faz algo contra qualquer energia, é negativo. A ação real e positiva não está nem mesmo conectada com o sexo, concerne à meditação. Você nem

mesmo saberá que o sexo se foi. Ele foi simplesmente absorvido pelo novo.

Sublimação é uma palavra feia. Carrega um tom de antagonismo, de conflito nela. O sexo deveria ser encarado pelo que é. É apenas o alicerce biológico para a vida existir. Não lhe dê qualquer significado espiritual ou antiespiritual. Simplesmente entenda-o como o fato que é.

Quando você o toma como um fato biológico, então você não está atinente a ele, em absoluto. Você toma-se pertinente a ele, somente quando significado espiritual é dado a ele. Assim, não lhe dê nenhum significado. Não crie nenhuma filosofia em tomo dele. Apenas veja os fatos. Não faça qualquer coisa a favor ou contra, deixe-o ser como é; aceite-o como normal. Não tome nenhuma atitude anormal em relação a ele.

Assim como você tem olhos e mãos, também você tem sexo. Você não é contra os seus olhos ou suas mãos. Não seja contra o sexo. Então, a questão do que fazer com relação ao sexo torna-se irrelevante. Criar uma dicotomia a favor ou contra o sexo é sem sentido. É um fato dado. Você veio à existência através do sexo. E você tem um programa esquematizado para novamente dar nascimento através do sexo. Você é parte de uma grande continuidade. Seu corpo vai morrer. Ele tem um programa estabelecido para criar outro corpo para substituí-lo.

A morte é certa. Eis porque o sexo é tão obcecante. Você não estará aqui para sempre, assim você terá que substituí-lo por um corpo mais novo, uma réplica. O sexo é tão importante, porque toda a natureza insiste nele; caso contrário, o homem não poderia continuar a ser. Se fosse voluntário, não haveria ninguém na Terra. O sexo é tão obcecante, tão compulsivo, o impulso sexual é tão intenso, porque toda a natureza é a favor dele. Sem ele, a vida não pode existir.

A razão porque o sexo é tão importante para os buscadores religiosos, é porque ele é tão involuntário, tão compulsivo, tão

natural. Tomou-se um critério para saber se a energia da vida numa dada pessoa alcançou o divino. Não podemos saber diretamente se alguém encontrou o divino - não podemos saber diretamente se alguém possui diamantes - mas podemos saber diretamente se alguém jogou fora as pedras, porque estamos familiarizados com as pedras. Podemos saber diretamente que alguém transcendeu ao sexo, porque estamos familiarizados com o sexo.

O sexo é tão compulsivo, tão involuntário, uma força tão grande, que não pode ser transcendido até que alguém tenha atingido o divino. Assim, *bramacharya* tornou-se um critério para saber se a pessoa alcançou o divino. Então o sexo, tal como existe nos seres normais, não existirá para ela.

Isto não significa que por abandonar o sexo, alguém atingirá o divino. O reverso é uma falácia. A pessoa que encontrou diamantes, joga fora as pedras que estava carregando, mas o reverso disto não é verdadeiro. Você pode jogar fora as pedras, mas isto não significa que você tenha alcançado algo além delas.

Então você estará num meio-termo. Você terá uma mente reprimida, não uma mente transcendente. O sexo continuará a borbulhar dentro de você e criará um inferno interior. Isto não é ir além do sexo. Quando o sexo torna-se reprimido, torna-se feio, doentio, neurótico. Torna-se pervertido.

A assim chamada atitude religiosa com relação ao sexo criou uma sexualidade pervertida, uma cultura que é completamente neurótica sexualmente. Eu não sou a favor dela. Sexo é um fato biológico; não há nada errado nele. Assim, não o combata ou ele se tornará pervertido, e o sexo pervertido não é um passo para a frente. É uma queda para baixo da normalidade; é um passo em direção à insanidade. Quando a repressão torna-se tão intensa que você não pode prolongá-la, então ela explode - e nessa explosão, você se perderá.

Você é *todas* as qualidades humanas, você é *todas* as possibilidades. O normal fato do sexo é sadio, mas quando torna-se

anormalmente reprimido, torna-se insano. Você pode caminhar em direção ao divino desde o normal muito facilmente, mas caminhar para o divino desde uma mente neurótica torna-se árduo, e de uma certa forma, impossível. Primeiro você terá que se tornar sadio, normal; então, no final, há possibilidade do sexo ser transcendido.

Então, o que deve ser feito? conheça o sexo! Mova-se para dentro dele conscientemente! Este é o segredo para abrir uma nova porta. Se você caminha para o sexo inconscientemente, então você é apenas um instrumento nas mãos da evolução biológica; mas se você pode estar consciente no ato sexual, a própria consciência torna-se uma profunda meditação. O ato sexual é tão involuntário e tão compulsivo, que é difícil estar consciente nele, mas não é impossível. E se você pode estar consciente no ato sexual, então não há outro ato na vida no qual você possa estar consciente, porque nenhum ato é tão profundo quanto o sexo.

Se você se tornar consciente no ato sexual, então até mesmo na morte você poderá estar consciente. A profundidade do ato sexual e a profundidade da morte são as mesmas, paralelas. Você chega ao mesmo ponto. Assim, se você pode estar consciente no ato sexual, você alcançou uma grande coisa. É inestimável.

Use o sexo como um ato de meditação. Não o combata, não vá contra ele. Você não pode brigar com a natureza; você é parte e parcela dela. Você deveria ter uma atitude amiga, simpática com relação ao sexo. É o diálogo mais profundo entre você e a natureza. Aliás, o ato sexual não é realmente um diálogo entre o homem e a mulher, É um diálogo do homem com a natureza, através da mulher; e da mulher com a natureza, através do homem. É um diálogo com a natureza. Por um momento, você está no fluxo cósmico; você está na harmonia celestial; você está em sintonia com o todo. O homem é desta maneira preenchido através da mulher e a mulher através do homem.

O homem não é o todo e a mulher não é o todo. Eles são dois fragmentos de um todo. Assim, quando quer que eles se tornam um

no ato sexual, podem estar em harmonia com a mais interna natureza das coisas, com o Tao. Esta harmonia pode ser um nascimento biológico para um novo ser. Se você está inconsciente, essa é a única possibilidade. Mas se você está alerta, o ato pode tornar-se um nascimento para você, um nascimento espiritual. Você será duas vezes nascido através dele.

No momento em que você participa dele conscientemente, você se converte numa testemunha dele. E uma vez que você se transforme na testemunha do ato sexual, você transcenderá ao sexo porque no testemunhar você se torna livre. Agora a compulsão não estará ali. Você não será um participante inconsciente. Uma vez que você tenha se tornado uma testemunha no ato, você o transcendeu. Agora você sabe que não é apenas o corpo, a força testemunhadora em você conheceu algo além dela.

Este além pode ser conhecido somente quando você está profundamente interiorizado. Não é um encontro de superfície. Quando você barganha no mercado, sua consciência não pode ir muito fundo, porque o ato em si é superficial. No que concerne ao homem, o ato sexual é, normalmente, o único ato através do qual o indivíduo pode se tornar uma testemunha das profundezas mais internas.

Quanto mais você for para dentro da meditação através do sexo, menos efeito o sexo terá. A meditação crescerá a partir dele e da meditação crescente uma nova porta abrir-se-á e o sexo murchará. Não será uma sublimação. Será exatamente como folhas secas caindo de uma árvore. A árvore nunca chega a saber que as folhas estão caindo. Da mesma maneira, você nem chegará a saber que o impulso mecânico do sexo se foi.

Crie meditação a partir do sexo; faça do sexo um objeto de meditação. Trate-o como um templo e você o transcenderá e será transformado. Então o sexo não estará ali, mas não haverá qualquer repressão, qualquer sublimação. O sexo tornar-se-á simplesmente

irrelevante, sem sentido. Você cresceu para além dele. Não faz sentido para você agora.

É exatamente como uma criança crescendo. Agora os brinquedos não têm sentido. Ela não sublimou nada; não reprimiu nada. Apenas cresceu; tornou-se madura. Os brinquedos não têm sentido agora.. Eles são infantis e agora a criança não é mais uma criança.

Da mesma forma, quanto mais você medita, menos o sexo terá atração para você. E pouco a pouco, espontaneamente, sem esforço consciente para sublimar o sexo, a energia terá uma nova fonte para a qual fluir. Á mesma energia que fluiu através do sexo agora fluirá através da meditação. E quando flui através da meditação, a porta divina está sendo aberta.

Outra coisa. Você usou as palavras sexo e amor. Comumente usamos ambas as palavras como se tivessem uma associação íntima. Não tem. O amor chega somente quando o sexo se foi. Antes disso, o amor é apenas uma luxúria, uma brincadeira, e nada mais. É apenas o preparo de terreno para o ato sexual. Nada mais é do que uma introdução ao sexo, um prefácio. Assim, quanto mais sexo houver entre duas pessoas, menos amor haverá, porque o prefácio não será necessário. Se duas pessoas estão apaixonadas e se há sexo entre elas, haverá muito mais amor romântico. Mas no momento em que o sexo chega, o amor sai. O sexo é tão abrupto. Em si mesmo, é tão violento. Necessita uma introdução, necessita um preparo. O amor, como o conhecemos, é apenas roupagem para o fato nu do sexo. Se você olhar profundamente ao que chama de amor, você encontrará o sexo ali em pé, preparando-se para pular para dentro. Está sempre na esquina. O amor é conversa, sexo é preparo.

Este assim chamado amor está associado com o sexo, mas apenas como prefácio. Se o sexo vier, o amor sairá. Eis porque o casamento mata o amor romântico e o mata definitivamente. As duas pessoas familiarizadas uma com a outra e o preparo, o amor,

toma-se desnecessário. O amor real não é um prefácio. É uma fragrância. Não é antes do sexo, mas após. Não é um prólogo, mas um epílogo. Se você passou pelo sexo e sente compaixão pelo outro, então o amor se desenvolve. E se você meditar, você sentirá compaixão. Se você meditar no ato sexual, então seu parceiro sexual não será apenas um instrumento para o prazer físico. Você sentirá gratidão por ele. Quando vocês meditarem DO sexo, uma nova amizade surgirá entre ambos, porque através do outro, vocês chegaram à comunhão com a natureza, vocês tiveram um vislumbre das profundezas desconhecidas da realidade. Vocês sentir-se-ão gratos e compassivos um pelo outro: compaixão pelo sofrimento; compaixão pela busca; compaixão pelo companheiro de viagem; compaixão pelo amigo tateante.

Se o sexo se torna meditativo, somente então há uma fragrância que permanece atrás: um sentimento que não é um preparo do sexo, mas uma maturidade, um crescimento, uma realização meditativa. Assim, se o ato sexual se tornar meditativo, você sentirá amor. Amor é uma combinação de gratidão, amizade e compaixão. Se estes três estão ali, então você está no amor.

Se este amor se desenvolver, transcenderá ao sexo. O amor desenvolve-se *através* do sexo, mas vai além dele. Exatamente como uma flor: chega pelas raízes, mas vai além. E não retornará; não há reversão. Assim, essa é uma das maneiras de saber que o amor se desenvolveu. O sexo é como a casca de um ovo, uma casca através da qual o amor tem de emergir. No momento em que emerge, a casca já não estará ali. Será quebrada, descartada.

O sexo pode atingir o amor somente quando a meditação está lá; caso contrário, não. Se a meditação não estiver lá, o mesmo sexo será repetido e se tornará tedioso. O sexo tornar-se-á crescentemente tolo e você não se sentirá grato ao outro. Ao contrário, você se sentirá traído, sentir-se-á hostil para com ele. Ele o domina. Ele domina através do sexo, porque este se tornou uma necessidade para você. Você tornou-se um escravo, porque você não pode viver

sem sexo. Mas você jamais pode sentir-se amistoso para com quem o transformou num escravo.

E ambos sentem o mesmo: que o outro é o senhor. A dominação será negada e combatida, mas o sexo ainda será repetido. Tornar-se-á uma rotina diária. Você luta com o seu parceiro sexual e em seguida você faz as coisas certas de novo. Então você luta outra vez; então você novamente se recompõe. O amor é, no máximo, apenas uma adaptação. Você não pode sentir-se amistoso; não há compaixão. Ao invés, haverá crueldade e violência; você sentir-se-á enganado. Você tornou-se um escravo. O sexo não poderá desenvolver-se em amor. Permanecerá apenas sexo.

Atravesse o sexo! Não tenha medo dele, porque o medo não conduz a lugar algum. Se alguém tem de ter medo de algo, é apenas do medo em si. Não tema o sexo e não o combata, porque isso também é uma espécie de medo. Luta ou Fuga¹ - lute ou fuja - estes são os dois caminhos do medo. Assim, não fuja do sexo; não o combata. Aceite-o; tome-o por certo. Vá profundo nele, conheça-o totalmente, entenda-o, medite nele e você o transcenderá. No minuto em que você medita no ato sexual, uma nova porta é aberta. Você chega a uma nova dimensão, muito desconhecida, da qual não se fala, e deleite maior flui através dela.

Você encontrará algo tão extasiante, que o sexo se tornará irrelevante e cairá por si mesmo. Agora a sua energia não mais fluirá naquela direção. A energia sempre flui em direção ao êxtase. Porque o deleite aparece no sexo, a energia flui em direção a ele, mas se você busca deleite maior - um deleite que transcende ao sexo, que vai além do sexo, um deleite que é mais satisfatório, mais profundo, maior - então, por si mesma, a energia deixará de fluir em direção ao sexo.

Quando o sexo torna-se uma meditação, floresce para dentro do amor e este florescer é um movimento em direção ao divino. Eis porque o amor é divino. O sexo é físico; o amor é espiritual, E se a

flor do amor estiver ali, a oração virá, seguir-se-á. Agora você não está distante do divino. Você está próximo de casa.

Agora, comece a meditar o amor. Este é o segundo passo. Quando o momento de comunhão estiver ali, quando o momento de amor estiver ali, comece a meditar. Aprofunde-se nele; esteja alerta dele. Agora os corpos não estão se encontrando. No sexo, os corpos estavam se encontrando; no amor, as almas estão se encontrando. É ainda um encontro, um encontro entre duas almas.

Agora, veja o amor como você viu o sexo. Veja a comunhão, o encontro interno, o coito interno. Então você transcenderá até mesmo ao amor e você chegará à oração. Esta oração é a porta. É ainda um encontro, mas não um encontro entre duas pessoas. É uma comunhão entre você e o todo. Agora o outro, como pessoa, é abandonado. É o outro impessoal — toda a existência — e você.

Mas a oração é ainda um encontro, assim, em última instância, também, tem de ser transcendida. Na oração, o devoto e o divino são diferentes: o *bhakta* e o *bhagwan* são diferentes. É ainda um encontro. Eis porque Mira ou Teresa puderam usar termos sexuais para as experiências de oração delas.

O indivíduo deve meditar nos momentos de oração. De novo, seja uma testemunha disso. Veja a comunhão entre você e o todo. Isto requer a mais sutil consciência possível. Se você pode estar consciente do encontro entre você e o todo, então você transcende a si mesmo e ao todo, a ambos. Então você é o todo. E neste todo não há dualidade; há apenas unicidade.

Esta unicidade é buscada através do sexo, através do amor, através da oração. Esta unicidade é o que é aspirado. Até mesmo no sexo, a aspiração é pela unicidade. O deleite vem porque, por um único momento, você tornou-se um. O sexo aprofunda-se para dentro do amor, o amor aprofunda-se para dentro da oração e a oração aprofunda-se para dentro de uma total transcendência, uma total unicidade.

Este aprofundamento é sempre através da meditação, O método é sempre o mesmo. Os níveis diferem, as dimensões diferem, os passos diferem, mas o método é o mesmo. Cave dentro do sexo e você encontrará o amor. Aprofunde-se no amor e você chegará à oração. Mergulhe dentro da oração e você explodirá para dentro da unicidade. Esta unicidade é o total, esta unicidade é o deleite, esta unicidade é o êxtase.

Assim, é essencial não tomar uma atitude combativa. Em cada fato, o divino está presente. Ele pode estar enfeitado, estar vestido, mas você deve rasgá-lo, desvesti-lo. Você encontrará indumentárias ainda mais sutis. De novo, dispa-as. A não ser que você encontre a unicidade em sua total nudez, você não encontrará satisfação; você não se sentirá preenchido.

No momento em que você chega ao um sem indumentária, ao *um* despido, você torna-se um com ele, porque quando você conhece o desnudo, não é ninguém exceto você. Aliás, todos estão procurando por si mesmos através dos outros. O indivíduo tem que achar seu próprio lar batendo na porta dos outros.

No momento em que a realidade é descortinada, você é com ela, porque a diferença é apenas de vestimentas. As roupas são a barreira, assim você não pode descortinar a realidade a não ser que dispa a si mesmo. Eis porque a meditação é uma arma dupla: ela descortina a realidade e despe também você. A realidade torna se desnuda e você se torna desnudo. E num momento de total nudez, total vazio, você se torna *um*. Eu não sou contra o sexo. Isso não significa que eu sou a favor do sexo. Significa que eu sou pelo aprofundamento nele e pelo desvendamento do além. O além está sempre lá, mas o sexo comum é de luta-e-fugá², assim ninguém se aprofunda. Se você puder se aprofundar, sentir-se-á grato ao divino por ter sido aberta uma porta através do sexo; mas se o sexo for simplesmente o luta-e-fuga, você nunca saberá que estava próximo a algo maior. Nós somos tão ardilosos que criamos um amor falso que não vem após o sexo, mas antes dele. É uma coisa cultivada,

artificial. Eis porque nós sentimos que o amor se perde quando o sexo é satisfeito. O amor era apenas o prefácio e agora o prefácio não é mais necessário. Mas o amor real está sempre além do sexo; está escondido atrás do sexo. Aprofunde-se nele, medite nele religiosamente e você florescerá para dentro de um estado amoroso da mente.

Não sou contra o sexo e não sou *a favor* do amor. Você ainda terá que transcendê-lo. Medite nele; transcenda-o. Por *meditação* eu quero dizer que você tem de passar por ela completamente alerta, consciente. Você não deve passar por ela cegamente, inconscientemente. Grande deleite lá está, mas você pode passar cegamente e perdê-lo. Esta cegueira tem de ser transformada; você deve ficar de olho aberto. Com os olhos abertos, o sexo pode levá-lo ao caminho da unicidade.

A gota pode tornar-se o oceano, Essa é a aspiração dentro do coração de cada gota. Em cada ato, em cada desejo, você encontrará a mesma aspiração. Desvenda-a, siga-a. É uma grande aventura! Tal como vivemos nossas vidas hoje, somos inconscientes. Mas este tanto pode ser feito. É árduo, mas não é impossível. Foi possível a um Jesus, a um Buda, a um Mahavira e é possível para qualquer outro.

Quando for ao sexo com esta intensidade, com esta prontidão, com esta sensibilidade, você o transcenderá. Não haverá qualquer sublimação, em absoluto. Quando você transcender, não haverá sexo, nem mesmo sexo sublimado. Haverá amor, oração e unicidade.

Estes são os três estágios do amor: amor físico, amor psíquico e amor espiritual. E quando estes três são transcendidos, há o divino. Quando Jesus disse: "Deus é amor", esta era a definição mais próxima possível, porque a última coisa que conhecemos no caminho em direção a Deus é o *amor*. Para além disso está o desconhecido e o desconhecido não pode ser definido. Nós podemos apenas indicar o divino através da nossa última

realização: o amor. Além desse ponto do amor não há experiência, porque não há o experimentador. A gota tornou-se oceano!

Vá passo a passo, mas com uma atitude amistosa. Sem tensão, sem esforço. Apenas vá com prontidão. Prontidão é a única luz na escura noite da vida. Com esta luz, vá para dentro dela. Procure e pesquise cada esquina. Em todas as partes está o divino, não seja contra nada.

Mas não permaneça com coisa alguma, tampouco. Vá além, porque deleite ainda maior o espera. A jornada deve continuar. Se você está próximo do sexo, use o sexo. Se você está próximo do amor, use o amor. Não pense em termos de repressão ou sublimação; não pense em termos de luta. O divino pode estar escondido atrás de qualquer coisa, não lute, não fuja de nada. Aliás, *está* atrás de tudo, assim onde quer que esteja, tome a porta mais próxima e você prosseguirá. Não fique estagnado em nenhum lugar e você alcançará, porque a vida está em todas as partes.

Jesus disse: "Sob cada pedra está o Senhor", mas você vê somente as pedras. Você terá que ultrapassar este petrificado estado de mente. Quando você vê o sexo como um inimigo, ele se torna uma pedra. Então, torna-se intransparente; você não pode ver além dele. Use-o, medite nele e a pedra se tornará tal qual vidro. Você verá atrás dele e você esquecerá o vidro. O que estiver atrás do vidro será lembrado. Tudo que se torna transparente desaparece. Assim, não faça do sexo uma pedra; faça-o transparente. E ele se torna transparente através da meditação.

1.A expressão original inglesa é *fight or flight* (luta ou vôo), que pela similaridade sonora e pelo significado dos vocábulos, ganha uma riqueza conotativa sem correspondente em português. (NT)

2.A expressão original é *hit and run* (bate-e-corre, literalmente), ainda sem expressão equivalente de uso popular na língua portuguesa. (NT)

4. KUNDALINI YOGA: RETORNANDO ÀS RAÍZES

O que é kundalini yoga e como pode ajudar ao Ocidente? Por que o seu método para despertar a kundalini é caótico, ao inverso dos métodos tradicionais, controlados?

A existência é energia, o movimento da energia em tantas maneiras e de tantas formas. No que se refere à existência humana, esta energia é energia kundalini. Kundalini é a energia focalizada no corpo humano e na psique humana.

A energia pode existir manifestada ou imanifestada. Pode permanecer na semente ou pode surgir em uma forma manifestada. Toda energia ou está na semente ou na forma manifestada. Kundalini significa seu potencial total, sua total possibilidade. Mas é uma semente; é potencial. Os meios para despertar a kundalini são meios para converter o seu potencial em atual.

Assim, primeiro de tudo, kundalini não é uma coisa singular. É apenas a energia humana como tal. Mas comumente apenas parte dela está funcionando, somente uma parte muito diminuta. E mesmo esta parte não funciona harmonicamente; está em conflito. Isto é a miséria, a angustia. Se sua energia pode funcionar harmonicamente, então você sente prazer, mas se está em conflito - se é antagônica a si mesma - então você se sente miserável. E toda a miséria significa que sua energia está em conflito e toda felicidade, todo deleite, significa que sua energia está em harmonia.

Por que a energia total é apenas potencial e não atual? Porque não é necessária no que se refere ao dia-a-dia da vida; não é exigida. Apenas aquela parte que é exigida torna-se funcional, desafiada. A vida do dia-a-dia não é um desafio a ela, assim apenas

uma parte diminuta torna-se manifesta. E mesmo esta parte manifestada não é harmônica, porque a sua vida do dia-a-dia não é integrada.

Suas necessidades estão em conflito. A sociedade exige uma coisa e seus instintos exigem outra coisa bastante contraditória. As exigências sociais e as exigências pessoais estão em conflito. A sociedade tem suas exigências; a moralidade e a religião têm suas exigências. Esses conflitos impediram o homem de se tomar um todo harmonioso. Tornaram o homem fragmentado.

De manhã é exigida uma coisa; à tarde outra coisa é exigida. Sua esposa exige algo de você; sua mãe exige outra coisa contrária. Então a vida do dia-a-dia torna-se uma demanda conflitante em você e a diminuta parte da sua energia total, a que se torna manifesta, entra em conflito com ela mesma.

Existe também outro conflito. A parte que se tornou manifestada estará sempre em conflito com a parte que ainda não se manifestou; a atual estará em conflito com a potencial. A potencial empurrará a si mesma para ser manifestada e a atual a reprimirá.

Para usar termos psicológicos, o inconsciente está sempre em conflito com o consciente. O consciente tentará dominá-lo, porque está sempre em perigo do inconsciente manifestar-se a si mesmo. O consciente está sob controle e o potencial, o inconsciente, não está. Você pode manipular o consciente, mas com uma explosão do inconsciente você estará na insegurança. Você não será capaz de manejá-la. Este é o medo do consciente. Assim, este é outro conflito maior e mais profundo do que o primeiro: o conflito entre o consciente e o inconsciente, entre a energia que se tornou manifestada e a energia que quer se manifestar.

Estes dois tipos de conflitos são o porquê de você não estar em harmonia. E se você não estiver em harmonia, sua energia se tornará antagônica a você. A energia precisa de movimento e o movimento é sempre do imanifestado em direção ao manifesto, da semente em direção à árvore, da escuridão em direção à luz.

Este movimento só é possível se não houver repressão. Do contrário, o movimento, a harmonia, é destruída e sua energia se torna uma inimiga de você mesmo. Você torna-se uma casa dividida, contra si mesmo. Você torna-se uma multidão. Então você não é um. Você é muitos.

Esta é a situação que existe no que se refere aos seres humanos. Mas não deveria ser assim. Eis porque existem feiúra e miséria. O prazer e a beleza podem surgir somente quando sua energia de vida está em movimento, em fácil movimento, em movimento relaxado - não reprimido, desinibido; integrado, não fragmentado; não em conflito consigo mesma, mas una e orgânica. Quando sua energia chega a esta unicidade harmônica, isto é o que significa kundalini. Kundalini é apenas um termo técnico para sua energia total, quando ela está em unicidade, em movimento, em harmonia, sem nenhum conflito; quando é cooperativa, complementar e orgânica, então e ali, há uma transformação singular e desconhecida.

Quando as energias estão em conflito, você quer aliviá-las. Você sente-se tranqüilo somente quando suas energias conflitantes são liberadas, jogadas fora. Mas quando quer que você as jogue fora. O movimento para baixo é movimento para fora e o movimento para cima é movimento para o interior. Quanto mais suas energias sobem, mais elas penetram; quanto mais descem, mais elas movem-se para fora. Se você jogar fora suas energias conflitantes, você sentirá alívio, mas isto é o mesmo que jogar fora sua vida em pedaços, em fragmentos, em frações. É suicídio. A não ser que nossa energia de vida se torne una e harmônica, que o fluxo se converta em direção ao interior, nós seremos suicidas.

Quando você está jogando fora sua energia você sente alívio, mas o alívio está fadado a ser momentâneo, porque você é uma constante fonte de energia. A energia acumular-se-á de novo e você terá que se aliviar dela outra vez. O que é conhecido como prazer, é apenas um jogar fora de energias conflitantes. Prazer significa que

you se alivia de um fardo. É sempre negativo. Nunca positivo. Mas o deleite é positivo. Ele surge somente quando suas energias são preenchidas.

Assim, a energia pode ter duas possibilidades. A primeira é apenas o alívio, um jogar fora de energias que se tornaram um fardo para você, as quais você não poderia utilizar e com as quais você não poderia ser criativo. Este estado de mente é anti-kundalini.

Quando suas energias não são jogadas fora, você tem um florescimento interior; quando você torna-se um com elas e não está em conflito com elas, então há um movimento para o interior. Este movimento é infinito. Ele torna-se mais e mais profundo e quanto mais profundo, mais deleitoso se torna, mais extasiante.

O estado ordinário dos seres humanos é anti-kundalini. A energia move-se do centro para a periferia, porque esta é a direção para a qual você está se movendo. Kundalini significa justamente o oposto. Forças, energias, movem-se da periferia ao centro.

O movimento ao interior, o movimento orientado ao centro, é deleitoso, enquanto o movimento para fora produz ambas, felicidade e miséria. Haverá felicidade momentânea e permanente miséria. A felicidade virá apenas em intervalos. Somente quando você tem esperanças, quando tem expectativas, o vazio está lá. O resultado efetivo é sempre miséria.

A felicidade está na expectativa, nos sonhos, nos desejos, na esperança. É apenas o alívio de seu fardo; a felicidade é totalmente negativa. Não há felicidade como tal, apenas ausência momentânea de miséria. Esta ausência é tomada por felicidade.

Você está constantemente criando novas energias. Eis o que é significado por vida: a habilidade de continuar criando a força da vida. No momento em que a capacidade se vai, você morre. Isto é um paradoxo: você continua criando energia e você não sabe o que fazer com ela. Quando é criada você a joga fora e quando não é criada você se sente miserável, doente. No momento em que a força da vida não é criada, você adoece, mas quando é criada você adoece

de novo. A primeira doença é aquela da fraqueza e a segunda doença é aquela da energia que se tornou um fardo para você. Você não é capaz de torná-la harmônica, de fazê-la criativa, de fazê-la prazerosa. Você a criou e agora não sabe o que fazer com ela, assim você apenas a joga fora. Então você cria de novo mais energia. Isto é um absurdo, mas este absurdo é o que comumente entendemos por existência humana: criação constante de energia, que constantemente se torna pesada e da qual você constantemente quer se aliviar.

Eis porque o sexo se tornou tão importante, tão significativa, porque é um dos maiores meios de nos aliviar da energia. Se a sociedade se torna opulenta, abundante, você tem mais fontes através das quais a energia pode ser criada. Então você se torna mais sexual, porque você tem mais tensões para aliviar.

Há um constante criar e jogar fora de energias. Se alguém é suficientemente inteligente, suficientemente sensível, então ele sentirá o absurdo disso, a completa falta de significado disso. Então o indivíduo sentirá a falta de propósito da vida. Então você é apenas um instrumento de criar e desperdiçar energias? Qual é o sentido disto? Qual a necessidade de existir, afinal? Simplesmente ser um instrumento no qual a energia é criada e lançada fora? Quanto mais sensível é a pessoa, mais ela sente a falta de significado da vida tal como a conhecemos.

Kundalini significa a mudança desta situação absurda em direção a uma que tenha significado. A ciência da kundalini é uma das mais sutis. As ciências físicas estão preocupadas também com as energias, mas com as energias materiais, não a psíquica. O yoga está preocupado também com a energia psíquica. É uma ciência do metafísico, daquilo que é transcendental.

Assim, como a energia material, com a qual a ciência está preocupada, esta energia psíquica pode ser criativa ou destrutiva. Se não é usada, torna-se destrutiva; se é usada pode se tornar criativa. Mas pode ser usada não criativamente. A maneira de torná-la

criativa é primeiro entender que você não deveria realizar apenas parte do seu potencial. Se uma parte está realizada e a remanescente, a maior parte do seu potencial, está irrealizada, é uma situação que não pode ser criativa.

O todo deve ser realizado; todo o seu potencial deve ser atualizado. Há métodos para realizar o potencial, para fazê-lo atual, para fazê-lo desperto. Ele está dormindo, exatamente como uma cobra. Eis porque tem sido denominado de kundalini: o poder da serpente, uma serpente adormecida.

Se você já viu alguma vez uma serpente dormindo, é exatamente como isso. Ela está enrolada; não há movimento de forma alguma. Mas uma serpente pode levantar-se perfeitamente sobre a cauda. Levanta-se por sua própria energia. Eis porque a serpente tem sido usada simbolicamente. Sua energia de vida está também enrolada e adormecida. Mas ela pode tornar-se ereta; pode tornar-se desperta, com seu potencial completo atualizado. Então você será transformado.

Vida e morte são apenas dois estados de energia. Vida significa energia funcionando. Vida significa energia desperta; morte significa energia que foi novamente ao sono. Assim, de acordo com a kundalini yoga, você está, comumente, apenas parcialmente vivo. A parte da sua energia que se torna atualizada é a sua vida. A parte remanescente está tão adormecida como se não existisse.

Mas ela pode ser desperta. Há tantos métodos através dos quais kundalini yoga tenta transformar o potencial em atual. Por exemplo: *pranayama* (controle respiratório) é um dos métodos para martelar a energia adormecida. Através da respiração, esse martelar é possível porque a respiração é a ponte entre a sua energia vital - seu *prana*, sua fonte original de vitalidade — e a sua existência atual. É a ponte entre o potencial e o atual.

No momento em que você troca seu processo de respiração, todo seu sistema de energia muda. Quando você está adormecido, sua respiração muda. Quando você tem raiva, sua respiração é

diferente; quando você está apaixonado, sua respiração é diferente; quando você está em paixão sexual, sua respiração é diferente. Em cada estado da mente uma qualidade particular da força da vida está lá, assim sua respiração muda.

Quando você está com raiva, você exige mais energia na periferia. Se você está em perigo - se você tem de atacar ou se você tem de se autodefender - mais energia é necessária na periferia. A energia investirá do centro.

Porque uma grande quantidade de energia é expelida do seu corpo durante o ato sexual, você sente-se exausto depois. E após a raiva você também se sentirá exausto. Mas após um momento amoroso, você não se sentirá exausto. Sentir-se-á revigorado. Após a oração sentir-se-á revigorado. Porque o contrário aconteceu? Quando você está num momento amoroso, a energia não é necessária na periferia porque não há perigo. Você está tranquilo, relaxado, assim o fluxo energético é para dentro. Quando a energia flui para o interior, você sente-se renovado.

Após uma respiração profunda você sentir-se-á refeito, porque a energia está fluindo para dentro. Quando a energia flui para o interior você sente-se vitalizado, preenchido; sente um bem-estar.

Outra coisa para notar: quando a energia estiver indo para dentro, sua respiração começará a ter uma qualidade diferente. Estará relaxada, rítmica, harmônica. Haverá momento em que você não a sentirá de forma alguma, em que você a sentirá como se houvesse parado. Tornar-se tão sutil! Porque a energia não é solicitada, a respiração pára. No *samadhi*, no êxtase, o indivíduo sente que a respiração parou completamente. Nenhum fluxo de energia direcionado para fora é necessário, assim a respiração é desnecessária.

Através de *pranayama* esta energia potencial dentro de você é sistematicamente despertada. Ela pode também ser estimulada através de *asanas* (posturas de yoga) porque seu corpo está

conectado em cada ponto à fonte de energia, Assim, toda postura tem um efeito correspondente na fonte de energia.

A postura que Buda usava é chamada de *padmasan*, a postura de lótus. É uma das posturas nas quais a menor quantidade de energia é necessária. Se você se senta ereto, o sentar está tão equilibrado que você se torna um com a terra. Não há força gravitacional. E se suas mãos e pés estiverem em tal posição que um círculo fechado for criado, a eletricidade da vida fluirá no circuito. A postura de Buda é uma postura circular. A energia torna-se circular; não é jogada fora.

A energia sempre move-se para fora através dos dedos, mãos ou pés. Mas através de um formato circular, a energia não pode fluir para fora. Eis porque as mulheres são mais resistentes à doença do que os homens, e porque elas vivem mais tempo. Quanto mais circular o corpo é, menos energia flui para fora.

As mulheres não estão tão exaustas após o ato sexual, porque o formato de seu órgão sexual é circular e absorvente. Os homens estarão mais exaustos. Por causa do formato de seu órgão sexual, mais energia é eliminada. Não apenas energia biológica, mas energia psíquica também.

Todas as saídas da energia se juntam em *padmasan*, assim nenhuma energia pode sair. Ambos os pés estão cruzados, as mãos tocam os pés e os pés tocam o centro sexual. E a postura é tão ereta, que não há empuxe gravitacional. Nesta postura, o indivíduo pode esquecer o corpo completamente, porque a energia da vida não está fluindo para fora. Os olhos também devem estar cerrados ou semicerrados e as pálpebras imóveis, porque os olhos também são uma grande saída de energia.

Até mesmo nos sonhos você lança para fora muita energia através dos movimentos oculares. Aliás, uma forma de saber se uma pessoa está sonhando ou não, é colocar os dedos nos olhos dela. Se os olhos se movem, ela está sonhando. Desperte-a e você descobrirá que ela estava sonhando. Se as pálpebras não estão se movendo,

então ela está em sono profundo, sem sonho, *sushupti* Toda energia está indo para dentro e nada sai.

Asanas, pranayama — há tantos métodos através dos quais as energias podem ser trabalhadas para fluírem para dentro. Quando elas fluem para dentro tornam-se uma porque no centro não pode haver mais de uma. Quanto mais energia entra, pois, mais harmonia há. Os conflitos caem. No centro não há conflito. Há uma unidade orgânica do todo. Eis porque o deleite é sentido.

Outra coisa: *asanas* e *pranayama* são auxílios corporais. São importantes, mas são apenas auxílios físicos. Se sua mente está em conflito, então eles não serão de muita ajuda, porque o corpo e a mente não são realmente duas coisas. Eles são duas partes de uma coisa. Você não é corpo e mente; você é corpo/mente. Você é psico/somático ou somato/psíquico. Nós falamos do corpo como uma coisa e da mente como outra coisa diferente, mas corpo e a mente são dois pólos de uma energia. O corpo é grosseiro e a mente é sutil, mas a energia é a mesma.

O indivíduo tem de trabalhar ambas as polaridades. Para o corpo há *hatha yoga*: *asanas, pranayama*, etcetera; e para a mente há *raja yoga* e outras yogas que estão basicamente relacionadas às suas atitudes mentais.

O corpo e a mente são uma energia Por exemplo, se você puder controlar a respiração quando tiver raiva, a raiva desaparecerá. Se você puder continuar a respirar ritmicamente, a raiva não conseguirá sobrepujá-lo. Da mesma forma, se você continuar a respirar ritmicamente, a paixão sexual não poderá dominá-lo. Estará ali, mas não se manifestará. Ninguém saberá que está ali. Nem mesmo você será capaz de sabê-lo. Assim, o sexo pode ser reprimido; a raiva pode ser reprimida. Através da respiração rítmica você pode reprimi-los tanto, que nem mesmo você próprio estará consciente disto. Mas a raiva ou o sexo ainda estarão ali. O corpo o reprimiu, mas ele permanece dentro, intocado.

O indivíduo tem de trabalhar com o corpo e com a mente. O corpo deveria ser treinado através da metodologia yóguica e a mente através da consciência. Você necessitará de mais consciência se praticar yoga, porque as coisas se tornarão mais sutis. Se você tem raiva, você pode normalmente tornar-se consciente dela, porque ela é tão grosseira. Mas se você praticar *pranayama*, você necessitará mais consciência, mais sensibilidade aguda para estar consciente da raiva, porque agora a raiva se tornará mais sutil. O corpo não está cooperando com ela, assim não haverá, em absoluto, expressão física dela.

Se as pessoas praticarem técnicas de consciência e simultaneamente praticarem métodos yóguicos, conhecerão domínios mais profundos de consciência. Caso contrário, estarão conscientes apenas do grosseiro. Se você mudar o grosseiro mas não mudar o sutil, você estará num dilema. Agora o conflito afirmar-se-á de uma nova maneira.

Yoga é útil, mas é apenas uma parte. A outra parte é o que Buda chama de mente alerta¹. Pratique yoga, de tal forma que o corpo se tome rítmico e cooperativo com os seus movimentos interiores e simultaneamente pratique plena atenção.

Esteja plenamente alerta da respiração. Na yoga, você tem de mudar o processo respiratório. Na atenção plena, você tem de estar consciente da respiração como é. Apenas esteja consciente dela. Se você pode estar consciente de sua respiração, então você pode estar consciente do seu processo de pensamento; caso contrário, não.

Aqueles que tentarem tornar-se conscientes de seus processos de pensamento diretamente, não serão capazes de fazê-lo. Será muito árduo, tedioso. A respiração é a porta para a mente. Se você parar sua respiração por um único momento, os seus pensamentos também pararão. Quando a respiração pára, o processo do pensamento pára. Se o seu pensar for caótico, sua respiração será

caótica. A respiração refletirá simultaneamente o seu processo de pensamento.

Buda fala de *anapanasati*: a yoga da consciência da entrada e da saída da respiração. Ele diz: Comece daqui. E esse é o começo correto. O indivíduo deveria começar da respiração e nunca do processo do pensamento em si. Quando você puder sentir os movimentos sutis do respirar, somente então você será capaz de sentir os movimentos sutis do pensamento.

A consciência do processo do pensamento mudará a qualidade da mente; *asanas* e *pranayama* mudarão a qualidade do corpo. Então chega o momento quando o seu corpo e a sua mente são um, absolutamente sem conflito. Quando estão sincronizados, você não é nem um corpo, nem mente. Pela primeira vez, você conhece a si mesmo como o *Self*². Você transcende.

Você pode transcender somente quando não há conflito. Neste momento harmônico quando o corpo e a mente são um, sem conflito, você transcende a ambos. Você não é nem um, nem o outro. Agora você não é nada, num certo sentido³. Você é simplesmente consciência. Não consciência de algo, mas apenas consciência em si.

Esta consciência, sem estar alerta para nada, esta consciência, sem estar consciente de nada, é o momento da explosão. O seu potencial torna-se atual. Você explode para dentro de um novo domínio: o supremo. Este supremo é a preocupação de todas as religiões.

Há tantos caminhos para atingir este supremo! O indivíduo pode ou não falar de kundalini; é imaterial. Kundalini é apenas uma palavra. Você pode usar outra palavra. Mas o que é significado pela palavra *kundalini* tende a estar ali de uma forma ou de outra, como um fluxo interno de energia.

Este fluxo interno é a única revolução, a única liberdade. De outra forma, você continuará a criar mais infernos, porque quanto mais você sai, mais se distancia de si mesmo. E quanto mais distante está de si mesmo, mais doente e enfermo você está.

Kundalini é a fonte original de toda a vida, mas você está seccionado dela de tantas formas. Então você converte-se num forasteiro de si mesmo e não sabe como retornar para casa. Este retorno é a ciência do yoga. No que se refere à transmutação humana, kundalini yoga é a ciência mais sutil.

Você perguntou porque os métodos tradicionais são sistemáticos e o meu método é caótico. Os métodos tradicionais são sistemáticos porque as pessoas dos tempos primitivos para as quais foram desenvolvidos eram diferentes. O homem moderno é um fenômeno muito novo. Nenhum método tradicional pode ser exatamente utilizado como existe, porque o homem moderno nunca existiu antes. De uma certa forma, todos os métodos tradicionais tornaram-se irrelevantes.

Por exemplo, o corpo mudou tanto. Não é tão natural agora como era nos dias em que Patanjali desenvolveu seu sistema de yoga. É absolutamente diferente. Está tão drogado, que nenhum método tradicional pode ser útil.

No passado, não se permitia remédio aos *hatha* yogues, não se permitia de forma alguma, porque as alterações químicas não apenas tornariam os métodos difíceis, como nocivos. Mas toda a atmosfera é artificial agora: o ar, a água, a sociedade, as condições de vida. Nada é natural. Você nasce na artificialidade; você se desenvolve nela. Os métodos tradicionais, provar-se-ão nocivos, hoje. Eles terão de ser mudados, de acordo com a situação moderna.

Outra coisa: a qualidade da mente mudou de maneira fundamental. Nos dias de Patanjali, o centro da personalidade humana não era o cérebro; era o coração. E antes disso, não era nem mesmo coração. Era ainda mais embaixo, próximo do umbigo. A *hatha* yoga desenvolveu métodos que foram úteis, significativos, para a pessoa cujo centro da personalidade era o umbigo. Então, o centro tornou-se o coração. Somente então a *bhakti* yoga pôde ser utilizada. A *bhakti* yoga desenvolveu-se nas eras medievais, porque

é quando o centro da personalidade mudou do umbigo para o coração.

Um método tem de mudar de acordo com a pessoa a quem se aplica. Agora, nem mesmo a *bhaktí* yoga é relevante. O centro afastou-se até mesmo do umbigo. Agora o centro é o cérebro. Eis porque ensinamentos tais como os de Krishnamurti atraem. Nenhum método é necessário, nenhuma técnica é necessária - apenas o entendimento. Mas se é apenas um entendimento verbal, apenas intelectual, nada muda, não é transformado. Torna-se, de novo, uma acumulação de conhecimento.

Eu uso métodos caóticos, de preferência aos sistemáticos, porque um método caótico é muito útil para empurrar o centro do cérebro para baixo. O centro não pode ser empurrado para baixo através de nenhum método sistemático, porque sistematização é o trabalho do cérebro. Mediante um método sistemático, o cérebro será reforçado; mais energia será acrescida a ele.

Através de métodos caóticos, o cérebro é anulado. Ele não tem nada para fazer. O método é tão caótico que o centro é automaticamente empurrado do cérebro para o coração. Se você pratica meu método de Meditação Dinâmica vigorosamente, assistematicamente, caoticamente, seu centro move-se para o coração. Então há uma catarse. Uma catarse é necessária, porque seu coração está tão reprimido, devido ao cérebro. Seu cérebro apoderou-se tanto do seu ser, que o domina. Não há lugar para o coração, assim as aspirações do coração são reprimidas. Você nunca riu de coração, viveu de coração, nunca fez qualquer coisa de coração. O cérebro sempre chega para sistematizar, para fazer as coisas matematicamente e o coração é reprimido.

Primeiramente um método caótico é necessário para empurrar o centro da consciência do cérebro em direção ao coração. Então a catarse é necessária para descarregar o coração, para jogar fora as repressões, para tornar o coração aberto. Se o coração torna-se leve e descarregado, então o centro da consciência é empurrado para

mais baixo ainda; chega ao umbigo. O umbigo é a fonte da vitalidade, a fonte semente da qual tudo o mais vem: o corpo e a mente e tudo.

Eu uso este método caótico muito consideradamente. A metodologia sistemática não ajudará agora, porque o cérebro a usará como seu próprio instrumento. Nem o simples entoar de *bhajans* pode ajudar agora, porque o coração está tão carregado que não pode florescer para dentro do real cantar. O cântico pode ser apenas uma fuga; a oração pode ser apenas uma fuga. O coração não pode florescer em oração porque está tão sobrecarregado com repressões. Não vi uma única pessoa que possa mergulhar em oração autêntica. A oração é impossível porque o próprio amor tornou-se impossível.

A consciência deve ser empurrada para baixo à fonte, às raízes. Somente então há a possibilidade da transformação. Assim, eu uso métodos caóticos para empurrar a consciência para baixo, desde o cérebro.

Sempre que você está no caos, o cérebro pára de trabalhar. Por exemplo, se você está dirigindo um carro e subitamente alguém atravessa correndo na sua frente, você reage tão subitamente que não pode ser o trabalho do cérebro. O cérebro precisa de tempo. Ele pensa no que fazer e no que não fazer. Assim, quando quer que haja uma possibilidade de acidente e você pisa no freio, você sente uma sensação próxima ao umbigo, como se fosse o seu estômago reagindo. Sua consciência é empurrada para baixo, ao umbigo, por causa do acidente. Se o acidente pudesse ser calculado de antemão, o cérebro seria capaz de lidar com ele: mas quando você está num acidente, algo desconhecido acontece. Então você nota que a sua consciência moveu-se para o umbigo.

Se você pergunta a um monge Zen: "De onde você pensa?", ele coloca as mãos no estômago. Quando os ocidentais mantiveram contato pela primeira vez com os monges japoneses, não puderam entender: "Quê falta de sentido! Como você pode pensar do estômago?" Mas a resposta Zen é significativa⁴. A consciência pode

usar qualquer centro do corpo e o centro que está mais próximo à fonte original; assim, se a energia da vida estiver movendo-se para fora, o centro da consciência tornar-se-á o cérebro. E se a energia da vida estiver movendo-se para dentro, finalmente o umbigo tornar-se-á o centro.

Os métodos caóticos são necessários para empurrar a consciência para as suas raízes, porque somente das raízes a transformação é possível. Caso contrário, você continuará a verbalizar e não haverá transformação. Não é o suficiente saber o que é certo. Você tem de transformar as raízes; de outra forma, você não mudará.

Quando uma pessoa conhece a coisa certa e não pode fazer nada a respeito, torna-se duplamente tensa. Ela entende, mas não pode fazer nada. O entendimento é significativo somente quando vem do umbigo, das raízes. Se você entende pela cabeça, não é transformação.

O supremo não pode ser conhecido pelo cérebro, porque quando você está funcionando pelo cérebro, você está em conflito com as raízes das quais você veio. Você veio do umbigo e você morrerá por ele. O indivíduo tem de retomar às raízes. Mas retornar é difícil, árduo.

Kundalini yoga concerne à energia da vida e a seu fluxo interno. Concerne às técnicas para trazer o corpo e a mente a um ponto onde a transparência é possível. Então, tudo é mudado. O corpo é diferente; a mente é diferente; o viver é diferente. É simplesmente *vida*.

Um carro de boi é útil, mas não é mais usado. Agora você dirige um automóvel, assim você não pode usar a técnica que era utilizada com o carro de boi. Era útil com o carro de boi, mas é irrelevante com o automóvel.

Os métodos tradicionais atraem porque são tão antigos e tantas pessoas alcançaram através deles no passado. Eles podem ter se tornado irrelevantes para nós, mas não eram irrelevantes para

Buda, Mahavira, Patanjali ou Krishna. Eles eram significativos, úteis. Os velhos métodos podem ser insignificantes agora, mas porque Buda alcançou através deles, eles atraem. Os tradicionais sentem: "Se Buda alcançou através destes métodos, porque não eu?" Mas agora nós estamos numa situação de todo diferente. Toda a atmosfera, toda a pensamentoesfera⁵ mudou. Todo método é orgânico para uma situação particular, para uma mente particular, para um homem particular.

O extremo oposto é aquele de Krishnamuiti. Ele nega todos os métodos. Mas para fazer isto, ele tem de negar Buda. É o outro lado da mesma moeda. Se você nega os métodos, você tem de negar Buda e se você não nega Buda, você não pode negar seus métodos.

Estes são extremos. Os extremos estão sempre errados. Você não pode negar uma falsidade tomando uma posição extrema para com ela, porque o extremo oposto será ainda uma falsidade. A verdade sempre reside exatamente no meio. Para mim, o fato de que os velhos métodos não funcionam, não significa que nenhum método é útil. Apenas significa que os próprios métodos têm de mudar.

Até mesmo o não-método é um método. É possível que para alguém, somente o não-método seja um método. Um método é sempre verdadeiro em relação a uma pessoa particular; nunca é geral. Quando as verdades são generalizadas, tornam-se falsas. Assim, sempre que algo deve ser usado ou deve ser dito, é sempre endereçado a um ser humano particular; à sua mente, a ele e a ninguém mais.

Isto agora também tornou-se uma dificuldade. Nos velhos tempos havia sempre uma revelação um-a-um entre o professor e o discípulo. Era uma relação pessoal e uma comunicação pessoal. Hoje é sempre impossível. O indivíduo tem de falar à multidão, tem de generalizar. Mas as verdades generalizadas tornam-se falsas. Algo é significativo apenas para uma pessoa particular.

Eu enfrento esta dificuldade diariamente. Se você chega a mim e me pergunta algo, eu respondo a *você* e a ninguém mais. Noutra oportunidade, um outro alguém pergunta-me algo e eu respondo a ele, e a ninguém mais. Estas duas respostas podem até mesmo ser contraditórias, porque as duas pessoas que me perguntaram podem ser contraditórias. Assim, se devo ajudá-lo, devo falar particularmente a *você*. E se falar particularmente a cada indivíduo, terei de dizer muitas coisas conflitantes.

Qualquer pessoa que tenha falado no geral pode ser consistente, mas então a verdade se torna falsa, porque cada afirmação que é verdadeira está fadada a ser endereçada a uma pessoa particular. Claro, a verdade é sempre eterna - nunca é nova, nunca é velha - mas a verdade é a realização, é o fim. Os meios são sempre relevantes ou irrelevantes para uma pessoa particular, para uma mente particular, para uma atitude particular.

Tal como vejo a situação, o homem moderno mudou tanto que precisa de novos métodos, novas técnicas. Os métodos caóticos auxiliarão a mente moderna porque a mente moderna é, ela própria, caótica. Este caos, esta rebeldia no homem moderno, é de fato, uma rebelião de outras coisas: do corpo contra a mente e contra suas repressões. Se falarmos sobre ela em termos yóguicos, podemos dizer que é a rebelião do centro do coração e do centro do umbigo contra o cérebro.

Estes centros estão contra o cérebro porque o cérebro monopolizou todo o território da alma humana. Isto não pode ser mais tolerado. Eis porque as universidades tornam-se centros de rebelião. Não é acidental. Se toda a sociedade for pensada como um corpo orgânico, então a universidade é a cabeça, o cérebro.

Por causa da rebeldia da mente moderna, ela está propensa a ser branda em relação aos métodos soltos e caóticos. A Meditação Caótica ajudará a mover o centro da consciência para longe do cérebro. Então a pessoa que a usa nunca será rebelde, porque a causa da rebeldia é satisfeita. Ela estará tranqüila.

Assim, para mim, meditação não é apenas a salvação do indivíduo, a transformação do indivíduo; pode também prover o preparo de terreno para a transformação de toda a sociedade, do ser humano como tal. O homem terá ou de cometer suicídio ou de transformar sua energia.

1. A expressão original é propositalmente colocada entre aspas (*mindfulness*). Seu significado conota a idéia da mente plenamente alerta e completamente atenta. (NT)

2. É respeitado aqui o vocábulo original inglês, já de ampla aceitação no Brasil, particularmente nos meios ligados à Psicologia. (NT)

3. No original, o texto repete uma segunda vez o termo *nothing* (nada), grafando-o como *no-thing*. Esta segunda grafia permite uma leitura dupla: nada (*nothing*) e não-coisa, coisa alguma {*no-thing*}. (NT)

4. Quando falamos de uma reação das entranhas, queremos dizer uma reação instintiva que vem do centro do ser - não da mente, mas do próprio ser. Presumivelmente, quanto mais próximo o indivíduo vive do centro do seu ser, mais todas as suas reações virão desse centro e não da mente. (N. edição original)

5. No original, *thought sphere*, termo que conota sentido equivalente ao da palavra vizinha na frase, *atmosphere* (atmosfera). Refere-se, pois, à ambiência ou ao ambiente de ocorrência dos pensamentos. (NT)

5. JOGOS ESOTÉRICOS: UM ESTORVO AO CRESCIMENTO

Há uma divisão entre o corpo e mente, matéria e consciência, o físico e o espiritual? Como o indivíduo pode transcender ao corpo e à mente para obter consciência espiritual?

A primeira coisa a ser entendida é que a divisão entre o corpo e a mente é absolutamente falsa. Se você começar com essa divisão, não chegará a lugar algum; um começo falso não leva a lugar algum. Nada pode vir dele, porque cada passo tem a sua própria lógica de evolução. O segundo passo virá do primeiro, o terceiro do segundo e assim por diante. Há uma seqüência lógica. Portanto, no momento em que você dá o primeiro passo, você escolheu tudo, de uma certa forma.

O primeiro passo é o mais importante que o último, o início é mais importante que o fim, porque o fim é apenas um resultado, um crescimento. Mas nós estamos sempre preocupados com o fim, nunca com o começo; sempre preocupados com o fim, nunca com os meios. O fim tem se tornado tão significativo para nós, que perdemos a trajetória da semente, do começo. Então, podemos continuar a sonhar, mas nunca atingiremos o real.

Para qualquer buscador, este conceito da pessoa dividida, este conceito de uma existência dual - de corpo e mente, do físico e do espiritual — é um passo falso. A existência é indivisível; todas as divisões são apenas mentais. A própria maneira como a mente olha as coisas cria uma dualidade. É a prisão da mente que divide.

A mente não pode fazer diferente. É difícil para a mente conceber duas contradições como uma, as polaridades opostas como uma. A mente tem uma compulsão, uma obsessão em ser consistente. Ela não pode conceber como a luz e a escuridão são uma. É inconsistente, paradoxal.

A mente tem de criar opostos: Deus e o diabo, vida e morte, amor e ódio. Como você pode conceber o amor e o ódio como uma única energia? É difícil para a mente. Assim, a mente divide. Então a dificuldade acaba. O ódio é o oposto do amor e o amor é o oposto do ódio. Agora você pode ser consistente e a mente pode estar tranquila. A divisão é uma conveniência da mente - não uma realidade.

É conveniente dividir-se em dois: o corpo e você. Mas no momento em que você dividiu, você deu o passo errado. A não ser que retorne e mude o primeiro passo, você pode vagar por vidas e vidas e nada resultará disto; porque um passo falso conduz a mais passos falsos. Comece com o começo correto. Lembre-se que você e o corpo não são dois, que dois é apenas uma conveniência. Um é suficiente, no que diz respeito à existência.

É artificial dividir-se em dois. Realmente, você sempre sente que é um, mas uma vez que comece a pensar a respeito, o problema emerge. Se o seu corpo é ferido, naquele próprio momento você não sente que é dois. Você sente que é um com o corpo. Somente depois, quando começar a pensar a respeito, você dividirá.

No momento presente não há divisão. Por exemplo, se alguém coloca uma adaga no seu peito, naquele momento não há divisão. Você não pensa que ele vai matar seu corpo; você pensa que ele vai matar você. Somente mais tarde, quando se tornou parte da memória, você pode dividir. Agora você pode olhar às coisas, pensar a respeito delas. Você pode dizer que o homem ia matar o seu corpo. Mas não pode dizê-lo no momento em si.

Sempre que você sente, você sente a unicidade. Sempre que pensa, você começa a dividir. Então, a inimizade é criada. Se você não é o corpo, uma certa luta se desenvolve. A questão desponta: Quem é o mestre? O corpo ou eu? Então o ego começa a se sentir ofendido. Você começa a reprimir o corpo, E quando reprime o corpo, você reprime a si mesmo. Tanta confusão é criada. É suicídio.

Mesmo que você tente, não pode realmente reprimir o corpo. Como posso reprimir minha mão esquerda com a direita? Elas parecem duas, mas a mesma energia flui de ambas. Se elas fossem realmente duas, então a repressão seria possível e não apenas a repressão; a total destruição seria possível -mas a mesma energia está fluindo de ambas, como posso reprimir a mão esquerda? Isto é apenas faz-de-conta. Eu posso deixar minha mão direita abaixar minha mão esquerda e posso fingir que a direita ganhou, mas no segundo seguinte posso suspender a mão esquerda e não haverá nada para detê-la. Este é o jogo que jogamos. Ele continua e continua. Às vezes você derrota o sexo e às vezes o sexo o derrota. Torna-se um círculo vicioso. Você não pode jamais suprimir o sexo. Pode transformá-lo, mas não pode jamais reprimi-lo.

Começar com uma divisão entre você e o corpo, conduz à repressão. Se você é pela transformação, não deve começar pela divisão. A transformação pode vir somente de um entendimento do todo *como o todo*. A repressão surge da má interpretação do todo como sendo as partes divididas. Se sei que ambas as mãos são minhas, então o esforço para reprimir uma delas é absurdo. A luta torna-se absurda, porque, qual deve reprimir qual? Quem vai lutar com quem? Se você puder sentir-se à vontade com o corpo, poderá dar o primeiro passo que será o correto. Então a divisão, a repressão, não surgirá.

Se você divide a si mesmo do corpo, muitas coisas virão automaticamente. Quanto mais reprimir o corpo, mais frustrado estará, porque a repressão é impossível. Uma trégua momentânea pode ser alcançada, mas em seguida você será de novo derrotado. E quanto mais frustrado você se toma, maior a divisão, mais largo o vazio que se desenvolve entre você e o corpo. Você começa a sentir-se mais e mais inimigo dele. Você começa a sentir que o corpo é muito forte e isso porque você não é capaz de reprimi-lo, então você pensa: "Agora terei de lutar mais vagarosamente!"

Eis porque eu digo que tudo tem sua própria lógica. Se você começa com uma premissa errada, você pode continuar e continuar até o fim, nunca chegando a lugar algum. Toda luta o conduz a outra luta. A mente pensa: "O corpo é forte e eu sou fraco. Tenho de reprimir mais." Ou ela pensa: "Agora tenho de tornar meu corpo fraco." Todas as austeridades são simplesmente esforços para fazerem o corpo fraco. Mas quanto mais fraco você torna o corpo, mais fraco você próprio se torna. O mesmo esforço relativo é sempre mantido entre você e seu corpo.

No momento em que você se torna fraco, começa a se sentir mais frustrado, porque agora você é mais facilmente derrotado. E nada pode fazer a respeito: quanto mais fraco você fica, menor a possibilidade de sobrepujar a atração do corpo e mais você terá de combatê-lo.

A primeira coisa, é não pensar em termos de divisão. Esta divisão - físico e espiritual, material e mental, consciência e matéria - é apenas uma falácia lingüística. Toda a falta de sentido é criada a partir da linguagem. Por exemplo, se você diz algo, terei de dizer sim ou não.

Não temos atitude neutra. Sim é sempre absoluto; não também é absoluto. Não há palavra neutra em nenhuma língua. Assim, De Bono cunhou uma nova palavra: *po*¹. Ele diz que *po* deveria ser usada como uma palavra neutra. Significa: ouvi seu ponto de vista. Não digo nem sim, nem não a ele.

Use *po* e toda a possibilidade muda. *Po* é uma palavra artificial que De Bono tirou de *hipótese* ou *possibilidade* ou *poesia*. É uma palavra sem nenhuma avaliação nela, sem condenação, sem apreciação, sem julgamento, nem a favor nem contra. Se alguém o estiver insultando, diga apenas *po*. Então sinta a indiferença dentro de você. Uma única palavra pode fazer tanta diferença. Quando você diz *po*, você está dizendo, eu ouvi. Agora sei que esta é a sua atitude com relação a mim. Você pode estar certo; você pode estar errado. Não estou fazendo uma avaliação.

A linguagem cria divisão. Até mesmo grandes pensadores continuam a criar lingüisticamente coisas que não estão lá. Se você lhes pergunta: "O que é matéria?" eles dizem: "Não é mente." Nem a matéria nem a mente são conhecidas, eles definem matéria pela mente e definem mente pela matéria. As raízes permanecem desconhecidas. Isto é absurdo, mas é mais confortante para nós do que dizer: "Eu não sei." Nada se sabe a respeito.

Quando dizemos: "Mente não é matéria", sentimo-nos tranqüilos - como se algo fora definido. Nada foi definido. Mente e matéria são ambas desconhecidas, mas dizer: "Eu não sei", seria diminuir o ego. No momento em que dividimos, sentimos que nos tornamos mestres de coisas sobre as quais somos absolutamente ignorantes.

Noventa e nove por cento da filosofia é criada pela linguagem. Línguas diferentes criam diferentes tipos de filosofias, assim, se você mudar a língua, a filosofia mudará. Eis porque a filosofia não é traduzível. A ciência é sempre traduzível, mas a filosofia não é. E a poesia é ainda mais intraduzível, porque depende de um viço particular da linguagem. No momento em que você muda a linguagem, o sabor se perde; o paladar se perde. Esse paladar pertence a um arranjo particular das palavras, um uso particular das palavras. Elas não podem ser traduzidas.

Assim, a primeira coisa a lembrar, é não começar com divisão. Somente então você começa corretamente. Não quero dizer começar com o conceito de que Eu sou um. Não quero dizer isso. Então, você novamente começa com um conceito. Simplesmente comece na ignorância, em humilde ignorância; com uma base em Eu não sei.

Você pode dizer que o corpo e a mente são separados, ou tomar a posição oposta e dizer Eu sou um. Corpo e mente são um. Mas esta afirmativa ainda pressupõe uma divisão. Você diz um, mas está sentindo dois. Contra o sentimento de dois, você afirma a unicidade. Esta afirmação é de novo um repressão sutil.

Assim, não comece com *advait*, com uma filosofia não-dual. Comece com a existência, não com conceitos. Comece com uma consciência profunda, não conceitualizada. Isso é o que quero dizer por um começo correto. Comece a sentir o existencial. Não diga um ou dois, não diga isto ou aquilo. Comece a sentir o que é. E você só pode sentir o que é, quando a mente não está lá, quando os conceitos não estão lá, quando as filosofias e as doutrinas não estão lá - realmente, quando a linguagem não está lá. Quando a linguagem está ausente, você está na existência. Quando a linguagem está presente, você está na mente.

Com a linguagem diferente, você terá uma mente diferente. Há tantas linguagens. Não apenas lingüisticamente, mas religiosamente, politicamente. Um comunista que esteja sentado ao meu lado, não estará de forma alguma comigo. Ele vive numa linguagem diferente.

Exatamente do meu outro lado, pode estar sentado alguém que acredita em *karma*. O comunista e este outro homem não podem se encontrar. Nenhum diálogo é possível, porque eles não conhecem em absoluto a linguagem um do outro. Eles podem estar usando as mesmas palavras, mas ainda não sabem o que o outro está dizendo. Eles vivem em universos diferentes.

Com a linguagem, cada um vive num universo provado. Sem a linguagem, você pertence à língua comum, à existência. Isto é o que quero dizer por meditação: abandonar o mundo linguístico privado e entrar na existência não-verbal.

Aqueles que dividem o corpo e a mente estão sempre contra o sexo. A razão natural é que, comumente, o sexo é a única experiência não-verbal, natural, que conhecemos. A linguagem não é necessária de forma alguma. Se você usa a linguagem no sexo, você não pode se aprofundar nele. Assim, todos aqueles que disserem que você não é o corpo, serão contra o sexo, porque no sexo você é absolutamente indivisível.

Não viva num mundo verbal. Mova-se profundamente para dentro da própria existência. Use qualquer coisa, mas volte de novo e de novo ao nível do não-verbal, ao nível da consciência. Com as árvores, com os pássaros, com o céu, o sol, as nuvens, a chuva - viva com a existência não-verbal por todas as partes. E quanto mais o fizer, quanto mais profundo for, mais você sentirá uma unicidade que não existe em oposição à duplicidade,(uma unicidade que não é simplesmente um juntar-se de dois, mas é a unicidade do continente com uma ilha que se junta ao continente abaixo da superfície da água do oceano. Os dois sempre foram um. Você os vê como dois, porque você olha somente à superfície.

A linguagem é a superfície. Todos os tipos de linguagem (religiosa, política) estão na superfície. Quando você vive com a existência não-verbal, você chega a uma unicidade sutil que não é uma unicidade matemática, mas uma unicidade existencial.

Não tente brincar com estes jogos verbais: Corpo e mente estão divididos; Corpo e mente são um. Abandone-os! Eles são interessantes, mas inúteis. Eles não levam a parte alguma. Mesmo se você encontra alguma verdade neles, são apenas verdades verbais. O que você aprenderá delas? Por milhares de anos sua mente tem jogado este jogo, mas é infantil; qualquer jogo verbal é infantil. Não importa quão seriamente você o joga, não faz diferença. Você pode encontrar muitas coisas para sustentar sua posição, muitos significados, mas é *apenas* um jogo. No que se refere ao trabalho do dia a dia, a língua é útil: mas você não pode mover-se para dentro dos domínios mais profundos com ela, porque estes domínios são não-verbais.

A linguagem é apenas um jogo. Se você encontra algumas associações entre o verbal e o não-verbal, a razão não é que você tenha descoberto algum segredo, não. Você pode encontrar muitas associações que parecem importantes, mas elas não são realmente significativas. Elas estão lá porque a sua mente as criou inconscientemente.

A mente humana é basicamente similar em todas as partes, assim tudo que se desenvolve a partir da mente humana tende a ser similar. Por exemplo, a palavra mãe acontece de ser similar em todas as línguas. Não porque haja um significativo a respeito, mas porque o som *ma* é som que mais facilmente é completado por toda criança. Uma vez que o som está lá, você pode criar palavras diferentes a partir dele, mas um som é simplesmente um som. A criança está simplesmente fazendo o som *ma*, mas você o ouve como uma palavra.

Às vezes, pode ser descoberta uma similaridade que é simplesmente uma coincidência. Deus é o inverso de cão². É simplesmente uma coincidência. Mas nós a achamos significativa, porque para nós um cão é algo desprezível. Então dizemos que Deus é o inverso disto. Esta é a nossa interpretação. Pode ser que para o oposto de Deus tenhamos criado uma palavra (cão) e então aplicamos este nome aos cães. As duas não estão relacionadas de forma alguma, mas se você pode estabelecer uma relação entre elas, parece-lhe significativa.

Você pode continuar a criar similaridades a partir de qualquer coisa. Você pode criar um vasto oceano de palavras, com infinitas similaridades. Por exemplo, a palavra macaco. Você pode brincar com esta palavra e descobrir certas associações, mas antes de Darwin isto teria sido impossível. Porque agora sabemos que o homem vem do macaco, podemos jogar jogos de palavras. Podemos dizer macaco (homem-chave): a chave para o homem.³ Outras pessoas uniram estas duas palavras de uma forma diferente. Elas disseram: "O macaco e o homem estão relacionados por causa da mente. O homem tem uma mente macacal."

Assim, você pode criar associações e apreciá-las, pode sentir isto como um bom jogo, mas é apenas um jogo. Deve lembrar-se disto. Caso contrário, você perderá a pista do que é real e do que é apenas um jogo e ficará maluco.

Quanto mais profundo você mergulha nas palavras, mais associações descobrirá. E então, simplesmente por truques e voltas, você pode criar toda uma filosofia disso. Muitos o fazem. Até mesmo Ram Dass tem feito muito isto. Ele brincou com a palavra macaco desta forma; ele comparou cão e Deus desta forma. Está certo; não há nada de errado nisto. O que estou dizendo é isto: se você joga um jogo e o curte, então curta-o - mas nunca seja enganado por ele. E você *pode* ser enganado. O jogo pode ser tão absorvente que você continuará com ele e muita energia se perderá.

As pessoas pensam que porque há tantas similaridades entre as línguas, deve ter havido uma língua original da qual todas as outras vieram. Mas estas similaridades não estão lá por causa de uma língua comum; elas estão lá por causa das similaridades na mente humana. Em todo o mundo, as pessoas que estão frustradas fazem os mesmos sons; as pessoas que estão apaixonadas fazem os mesmos sons. Uma similaridade básica entre os seres humanos cria uma certa similaridade nas nossas palavras, também. Mas não leve a sério, porque você pode se perder nela. Mesmo se descobre algumas fontes significativas, é sem sentido, irrelevante. Para o buscador espiritual, isto está fora da meta.

E nossas mentes são tais, que quando vamos buscar algo, iniciamos com um preconceito. Se sinto que os muçulmanos são maus, então continuo a encontrar coisas que sustentam o meu argumento e acabo por provar a mim mesmo que estou certo. Então, sempre que encontro um muçulmano, começo a achar defeitos e ninguém pode dizer que estou errado, porque tenho prova.

Alguém pode chegar ao mesmo indivíduo com um conceito contraditório. Se muçulmano significa um homem bom para ele, prova desta bondade poderá ser encontrada neste mesmo muçulmano. Bom e mau não são opostos; existem juntos. O homem tem a possibilidade de ser um ou o outro, assim, o que quer que você esteja procurando nele, será capaz de encontrar, em algumas situações ele será bom e em algumas situações será mau. Quando

você o julga, depende mais da sua definição do que da situação em si. Depende de como você olha isto ou aquilo.

Se você pensa que fumar é ruim, por exemplo, então fumar torna-se ruim. Se você pensa que comportar-se de uma certa maneira é ruim, então torna-se ruim. Se nós estamos sentados aqui e alguém adormece enquanto falamos, se você pensa que isto é mau, é mau. Mas em realidade, nada é bom; nada é mau. Alguém com uma atitude diferente pensará que esta mesma coisa é boa. Pensará que se alguém se deita e dorme entre amigos, é bom que ele sinta a liberdade para fazê-lo. Depende da sua atitude.

Estava lendo sobre algumas das experiências que A. S. Neill tentou em sua escola, Summerhill. Ele experimentou um novo tipo de escola onde havia total liberdade. Ele era o diretor, mas não havia disciplina. Um dia um professor adoeceu, assim ele disse aos meninos para não criarem qualquer incomodo que perturbasse o professor naquela noite.

Mas à noite, os meninos começaram a brigar exatamente próximo ao quarto do doente. Neill subiu as escadas. Quando as crianças ouviram que alguém estava vindo, aquietaram-se e começaram a estudar. Neill olhou ao quarto pela janela. Um garoto, que estava fingindo preparar-se para dormir, levantou os olhos e o viu na janela. Ele disse aos outros: "Não é ninguém, é apenas o Neill, Vamos lá, não é preciso parar. É apenas o Neill." Eles começaram a brigar de novo. E Neill era o diretor!

Neill escreveu: "Eu fiquei tão feliz por eles estarem destemidos a ponto de dizer 'Não há necessidade de se preocupar. É apenas o Neill.'" Ele sentiu-se bem com isto, mas nenhum outro diretor teria se sentido bem. Nenhum outro diretor! Jamais na história!

Assim, depende de você, de como você define as coisas. Neill o sentiu como amor, mas de novo, essa é a definição dele. Sempre achamos o que estamos procurando. Você pode encontrar seja o que for no mundo, se estiver seriamente em busca.

Portanto, não comece com uma mente determinada a encontrar algo. Apenas comece! A mente indagadora não significa estar em busca de algo, mas simplesmente estar em busca. Simplesmente em busca, sem noções preconcebidas, sem buscar nada definido. Nós encontramos coisas porque as estamos procurando.

O significado da história bíblica da Torre de Babel é que no momento em que você fala, você é dividido. A história não é que as pessoas tenham começado a falar diferentes línguas, mas que elas começaram a falar. No momento em que você fala, a confusão está lá. No momento em que você completa algo, você está dividido, somente o silêncio é um.

Muitas pessoas têm perdido suas vidas procurando coisas. Quando algo é levado a sério, você pode perder sua vida muito facilmente. Brincar com palavras infla tanto o ego, que você pode perder sua vida fazendo-o. Mesmo que seja interessante - um bom jogo, divertido - é inútil para o buscador espiritual. A busca espiritual não é um jogo.

O mesmo jogo pode ser feito com números. Você pode estabelecer relações, você pode imaginar porque há sete dias na semana, sete notas musicais, sete esferas, sete corpos, por que há sempre sete? Então você pode criar uma filosofia a respeito, mas esta filosofia será apenas um produto da sua imaginação.

Às vezes, as coisas começam de forma muito inocente, por exemplo, a maneira como se começou a contar. A única razão pela qual há nove dígitos, é porque o homem tem dez dedos. Em todo o mundo, a primeira soma que aconteceu foi a dos dedos. Dez foi o limite escolhido, pois. Era o bastante, porque então você poderia continuar a repetir. Assim, em todo o mundo há nove dígitos.

Uma vez que nove tenha sido convencionado, torna-se difícil conceber como agir com mais de nove dígitos ou com menos. Mas pode-se usar menos. Nove é apenas um hábito. Leibnitz usava só três dígitos: 1, 2 e 3. Qualquer problema pode ser resolvido com três dígitos, tanto quanto com nove. Einstein usava só dois dígitos: 1 e

2. Então o somar torna-se: 1, 2, 10, 11... Para nós, parece haver um intervalo de oito, mas esse intervalo não existe, está apenas nas nossas mentes.

Nós temos uma atitude rígida de que o 3 tem de vir após o 2. Não há este ter de vir. Mas torna-se confuso para nós. Pensamos que 2 e 2 são sempre 4, mas não há necessidade intrínseca disto. Se você usar um sistema digital duplo, então 2 e 2 serão 11. Mas então, 11 e 4 significam a mesma coisa. Você pode dizer que duas cadeiras mais duas cadeiras são quatro cadeiras, ou você pode dizer que são onze cadeiras, mas seja lá qual for o sistema que decida usar, existencialmente o número de cadeiras permanece o mesmo.

Você pode achar razões para tudo - porque há sete dias na semana, porque há vinte e oito dias no ciclo menstrual da mulher, porque há sete notas numa escala, porque há sete esferas. E algumas destas coisas podem efetivamente ter uma razão por trás delas.

Por exemplo, a palavra mênstruo significa um mês. É possível que o homem, a princípio, tenha começado a contar os meses de acordo com o ciclo menstrual das mulheres, porque o ciclo natural feminino é um período de tempo fixo: vinte e oito dias. Isto teria sido um método fácil de saber que um mês se passou. Quando sua esposa começa o mênstruo, um mês se passou.

Ou você pode contar os meses de acordo com a lua. Mas então o período de tempo que chamamos de um mês muda para trinta dias. A lua cresce por quinze dias e mingua por quinze dias, assim em trinta dias ela atravessou seu ciclo completo.

Nós fixamos os meses de acordo com a lua, assim dizemos que um mês tem trinta dias. Mas se você o determinar por Vênus ou pelo período menstrual, terá vinte e oito dias. Você pode dissolver a disparidade, dividindo o ciclo de vinte e oito dias e pensando em termos da semana de sete dias. Então, uma vez fixada esta divisão na mente, as outras coisas seguem automaticamente. É o que eu quero dizer: tudo tem sua própria lógica. Já que você tem uma semana de sete dias, você pode encontrar muitos outros padrões de

sete e sete se torna um número significativo, um número mágico. Não é. Ou toda a vida é mágica ou nada é. Torna-se simplesmente um jogo para a imaginação.

Você pode jogar com estas coisas e haverá muitas coincidências. O mundo é tão grande, tão infinito, tantas coisas acontecem a cada segundo que tende a haver coincidências. As coincidências começam a se somar e finalmente você cria uma lista tão grande, que é convencido por ela. Então você imagina: "Por que há sempre sete? Deve haver algum mistério nisto.". O único mistério é que sua mente vê as coincidências e tenta interpretá-las de uma forma lógica.

Gurdjieff disse que o homem é alimento para a lua. Isto é perfeitamente lógico. Mostra a tolice da lógica. Tudo na vida é bom para alguma coisa, assim Gurdjieff chegou a uma idéia muito inventiva: que o homem deve servir de alimento para alguma outra coisa. "Do que o homem é alimento, então?" converte-se numa questão lógica a ser discutida.

O sol não pode ser devorador do homem, porque os raios solares são alimentos para outras coisas, para as plantas. O homem estaria então num grau inferior às outras espécies. Mas isto não pode ser, porque o homem é o animal mais alto — de acordo com ele mesmo. O homem não pode ser alimento para o sol.

A lua está relacionada conosco de uma forma sutil, mas não da forma que Gurdjieff falou. Está sutilmente relacionada aos períodos menstruais das mulheres. Está relacionada à maré, à vazante e fluxo do mar. Parece que mais gente enlouquece na lua cheia. Eis de onde a palavra lunático vem: lunar (a lua)⁴.

A lua tem sempre hipnotizado a mente do homem. Gurdjieff disse: O homem deve ser alimento para a lua, porque a comida pode facilmente ser hipnotizada pelo seu devorador. Os animais, as cobras em particular, primeiro hipnotizam suas vítimas. Estas ficam tão paralisadas, que podem ser devoradas. Esta é outra coincidência com a qual Gurdjieff brincou. Poetas, lunáticos, estetas, pensadores,

todos eles são hipnotizados pela lua. Deve haver algo ali. O homem deve ser um alimento.

Você pode brincar com esta idéia. Com uma mente fértil como a de Gurdjieff, as coisas vão caindo num padrão lógico. Gurdjieff era um gênio que podia colocar as coisas de tal forma, que elas pareciam lógicas, racionais, significativas, não importa quão absurdas fossem. Ele postulava esta teoria e então sua imaginação era capaz de achar muitas conexões, muitas provas.

Todo criador de sistemas usa a lógica para distorcer, para provar seu ponto. Todo criador de sistema! Aqueles que querem permanecer com a verdade não podem criar sistemas. Por exemplo, eu jamais poderia criar um sistema, porque para mim, o próprio esforço está errado. Só posso ser fragmentário no que digo, incompleto. Haverá vazios, intransponíveis. Comigo, você terá de pular de um ponto ao seguinte.

Um sistema pode ser criado muito facilmente, porque as lacunas podem ser preenchidas pela imaginação. Então toda a coisa torna-se muito limpa e certa, lógica. Mas à medida que se torna lógica, move-se para mais e mais distante da fonte existencial.

Quanto mais você sabe, mais sente que há lacunas que não podem ser preenchidas. A existência jamais pode ser consciente, jamais. Um sistema precisa ser consciente, mas a existência em si nunca é consciente. Nenhum sistema pode explicá-la.

Onde quer que o homem tenha criado sistemas para explicar a existência (na Índia, na Grécia, na China), criou jogos. Se você aceita o primeiro passo como verdadeiro, então todo o sistema funciona perfeitamente: mas se você não aceita o primeiro passo, todo o edifício desaba. Todo o edifício é um exercício de imaginação. É bom. Poético, bonito. Mas uma vez que um sistema insista em que sua versão da existência é a verdade absoluta, torna-se violento, destrutivo. Estes sistemas de verdades são poesias. Eles são bonitos, mas são simplesmente poesia. Muitos vazios foram preenchidos pela imaginação.

Gurdjieff estava indicando certos fragmentos da verdade, mas porque não é tão fácil sustentar uma teoria em um ou dois fragmentos, ele montou muitos fragmentos. Começou a preencher os vazios. Mas quanto mais os vazios são preenchidos, mais a realidade se perde. E por último, todo o sistema desaba por causa desses vazios preenchidos.

Quem está encantado com a personalidade do professor, pode não se alertar para as lacunas em sua teoria, enquanto aqueles que não estão encantados verão apenas as lacunas e não os fragmentos da verdade. Para os seus seguidores, Buda é um Buda (um iluminado), mas para os outros ele cria confusão, porque eles só vêem as lacunas. Se você reúne todas as lacunas, isto se torna destrutivo, mas se você reúne todos os fragmentos da verdade, pode tornar-se um alicerce para a sua transformação.

A verdade tende a ser fragmentária. É tão infinita que com a mente finita você não pode jamais chegar ao todo. E se você continuar a insistir em chegar ao todo, perdera sua mente, transcenderá à sua mente. Mas se você criar um sistema, nunca perderá a mente, porque então ele preenche os vazios. O sistema torna-se puro e límpido; toma-se impressionável, racional, compreensível, mas jamais algo mais que isto. E algo mais é necessário: a força, a energia para transformar você. Mas essa força só pode surgir através de vislumbres fragmentários.

A mente cria tantos sistemas, tantos métodos. Ela pensa, Se eu sair da vida que estou levando algo mais profundo será encontrado. Isto é absurdo! Mas a mente continua a pensar que em algum lugar no Tibete, em algum lugar no Meri Pravat⁵, em algum lugar, a coisa real deve estar acontecendo. O coração está em conflito: como chegar lá? Como encontrar os mestres que trabalham lá? A mente está sempre procurando algo em algum outro lugar, nunca aqui e agora. A mente nunca está aqui. E cada teoria atrai as pessoas: "No Monte meru, a coisa real está acontecendo agora

mesmo! Vá até lá, esteja em contato com os mestres lá e você será transformado."

Não seja uma vítima de tais coisas. Mesmo se tiverem alguma base, não caia nelas. Alguém pode estar lhe dizendo algo que é real, mas a razão da sua atração está errada. O real está aqui e agora; está com você agora. Apenas trabalhe em si mesmo. Mesmo quando alguém foi a cada Monte Meru, retornou a si mesmo. Finalmente, o indivíduo descobre que o Monte Meru é aqui, o Tibete é aqui. Aqui, dentro de mim. E eu tenho vagado e vagado por todas as partes.

Quanto mais racional o sistema, mais desaba e algo irracional tem de ser introduzido. Mas no momento em que você introduz o elemento irracional, a mente começa a se despedaçar. Não se preocupe com os sistemas. Simplesmente salte para dentro do aqui e do agora.

1. O termo é transcrito tal qual consta no original, devido à sua peculiaridade e à incompleta possibilidade de adaptá-lo sem incorrer em intervenção arbitrária. (NT)

2. Em inglês, *God* é Deus e *dog* é cão, daí ter Osho feito uso desta similaridade para ilustrar seu raciocínio. (NT)

3. A associação parece desprovida de sentido em português, mas surge plausível em inglês, dada a semelhança gráfica entre o vocábulo *monkey* (macaco) e o termo *man-key* (a chave do homem ou a chave para o homem, neste contexto). (NT)

4. Há uma proximidade linguística em português (lunático — lunar — lua) sem uma correspondência muito evidente em inglês (*lunatic - lunar - moon*), razão pela qual Osho a enfatiza. (NT)

5. Meri Pravat e ou Monte Meru, de acordo com a mitologia hindu revelada em seu registro mais antigo (a série de obras védicas batizadas de *Rgveda* - Hinos Veda ou hinos da sabedoria divina), é o local de deleite dos deuses védicos. Embora não haja referência a este nome nos documentos convencionais da geografia física, a mitologia afirma que o Monte está situado na Cordilheira do Himalaia, em algum ponto entre os Montes Málayavant e Gandhmádana; é constituído de ouro, brilha como o sol matutino, alcança oitenta e quatro mil léguas de altura, seus pássaros têm asas de ouro e os deuses rejubilam-se em seu topo. Na mitologia budista, o Monte aparece como sendo o palco de ação dos quatro *Lokapálas* (Guardiães do Mundo) que governam as hostes demoníacas habitantes do Monte. Na mitologia siberiana do povo Yakut da Ásia Central, o Monte surge como uma das duas montanhas sagradas, sendo suas bases habitadas pelos gigantescos deuses hindus Asuras. (NT)

6. A PSICOLOGIA DOS SONHOS

Você pode explicar o que quer dizer por sonhos?

Nós temos sete corpos: 1) o físico, 2) o etérico, 3) o astral, 4) o mental, 5) o espiritual, 6) o cósmico e 7) o nirvânico. Cada corpo tem o seu próprio tipo de sonho. O corpo físico é conhecido na psicologia ocidental como o *consciente*, o corpo etérico como o *inconsciente* e o corpo astral como o *inconsciente coletivo*.

O corpo físico cria os seus próprios sonhos. Se o seu estômago está mal, um tipo particular de sonho é criado. Se você está doente, febril, o corpo físico cria o seu próprio tipo de sonho. Uma coisa é certa: o sonho é criado a partir de algum desconforto¹.

O desconforto físico, a dificuldade física², cria seu próprio domínio de sonhos, portanto um sonho físico pode até mesmo ser estimulado de fora. Você está dormindo. Se um pano úmido for colocado em suas pernas, você começará, a sonhar. Você poderá sonhar que está atravessando um rio. Se um travesseiro for colocado em seu peito, você começará a sonhar. Você poderá sonhar que alguém está sentado em você, ou que caiu uma pedra em você. Estes são sonhos que chegam através do corpo físico.

O corpo etérico (o segundo corpo) sonha à sua própria maneira³. Estes sonhos etéricos têm criado muita confusão na psicologia ocidental. Freud confundiu os sonhos etéricos com os sonhos causados pelos desejos reprimidos. Há sonhos que são causados pelos desejos reprimidos, mas estes sonhos pertencem ao primeiro corpo, o físico. Se você reprimiu os desejos físicos - se você jejuou, por exemplo - então há toda a possibilidade de que você sonhará com o café da manhã. Ou, se você reprimiu o sexo, então há toda a possibilidade de que você terá fantasias sexuais. Mas estes

sonhos pertencem ao primeiro corpo. O corpo etérico não é abordado pela investigação psicológica, assim seus sonhos são interpretados como pertencentes ao primeiro corpo, o físico. Então, muita confusão é criada.

O corpo etérico pode viajar nos sonhos. Há toda a possibilidade de ele sair do seu corpo. Quando você se lembrar, será lembrado como um sonho, mas não é um sonho no mesmo sentido como os sonhos do corpo físico. O corpo etérico pode sair de você quando você está dormindo. O seu corpo físico estará ali, mas o seu corpo etérico poderá sair e viajar no espaço. Não há espaço limitando-o; não há a questão da distância para ele. Aqueles que não entendem isto, que não reconhecem a existência do corpo etérico, podem interpretar isto como o domínio do inconsciente. Eles dividem a mente do homem em consciente e inconsciente. Então, o sonho fisiológico, é chamado de consciente e o sonho etérico de inconsciente. Não é inconsciente. É tão consciente quanto o sonho fisiológico, mas consciente noutro nível. Se você se torna consciente do seu próprio corpo etérico, o sonho relacionado a este domínio torna-se consciente.

Exatamente como os sonhos fisiológicos podem ser criados, estimulados, o *mantra* é um dos métodos para criar visões etéricas, sonhos etéricos. Um *mantra* particular ou um *nada* (uma palavra particular soando repetidamente no centro etérico) pode criar sonhos etéricos. Há tantos métodos. O som é um deles.

Os sufis têm usado perfume para criar visões etéricas. O próprio Maomé era muito afeiçoado ao perfume. Um perfume particular pode criar um sonho particular.

As cores também podem ajudar. Leadbeater um vez teve um sonho etérico de uma tonalidade azul - simplesmente azul, mas de um tonalidade particular⁴. Ele começou a procurar aquele azul particular em todos os mercados do mundo. Após vários anos de procura, foi finalmente encontrado numa loja italiana - um veludo

daquela tonalidade particular. O veludo passou então a ser usado para criar sonhos etéricos nos outros também.

Assim, quando alguém se aprofunda na meditação e vê cores, e experimenta perfumes e sons e música absolutamente desconhecidos, estes também são sonhos, sonhos do corpo etérico. As assim chamadas visões espirituais pertencem ao corpo etérico; são sonhos etéricos. Os gurus que aparecem diante dos seus discípulos, nada mais são do que viagem etérica, sonho etérico. Mas porque temos pesquisado a mente em apenas um nível de existência, o fisiológico, estes sonhos ou têm sido interpretados na linguagem do fisiológico ou têm sido descartados, negligenciados.

Ou, vamos falar em termos do inconsciente. Dizer que tudo é parte do inconsciente, é, em realidade, simplesmente admitir que não sabemos nada a respeito. É um tecnicismo, um truque. Nada é inconsciente, mas tudo que é consciente num nível mais profundo é inconsciente no nível prévio. Assim, para o físico, o etérico é inconsciente; para o etérico, o astral é inconsciente; para o astral, o mental é inconsciente. Consciente significa aquilo que é conhecido; inconsciente significa aquilo que ainda não é conhecido, o desconhecido.

Há também sonhos astrais. No sonho astral você entra nos seus nascimentos anteriores. Essa é a sua terceira dimensão do sonhar.

Às vezes, num sonho comum, parte do etérico ou parte do astral pode estar ali. Então o sonho se torna uma desordem, uma confusão; você não pode entendê-lo. Porque os seus sete corpos estão em existência simultaneamente, algo de um domínio pode passar de outro, pode penetrá-lo. Às vezes, mesmo nos sonhos ordinários, há fragmentos do etérico ou do astral.

No primeiro corpo, o físico, você não pode viajar nem no tempo nem no espaço. Você está confinado ao seu estado físico e ao tempo particular que é - digamos dez horas da noite. O seu corpo físico pode sonhar neste espaço e tempo particulares, mas não além

deles. No corpo etérico você pode viajar no espaço, mas não no tempo. Você poder ir a qualquer lugar, mas o tempo é ainda dez horas da noite. No domínio astral, no terceiro corpo, você pode viajar não apenas no espaço, mas também no tempo. O corpo astral pode atravessar a barreira do tempo - mas somente em direção ao passado, não em direção ao futuro. A mente astral pode entrar em toda a infinita série do passado, da ameba ao homem.

Na psicologia junguiana, a mente astral tem sido chamada de inconsciente coletivo. É a sua história individual de nascimentos. Às vezes ela penetra nos sonhos ordinários, mas freqüentemente mais nos estados patológicos do que nos sadios. Num homem mentalmente doente, os três primeiros corpos perdem a distinção habitual entre um e o outro. Uma pessoa mentalmente doente pode sonhar a respeito de seus nascimentos anteriores, mas ninguém acreditará nela. Ela própria não acreditará. Ela dirá que é apenas um sonho.

Isto não é sonhar no plano físico. É o sonhar astral. E o sonhar astral tem muito sentido, muito significado. Mas o terceiro corpo pode sonhar apenas sobre o passado, não sobre o que está para ser.

O quarto corpo é o mental. Ele pode viajar ao passado e ao futuro. Numa emergência aguda, às vezes até mesmo uma pessoa comum pode ter um vislumbre do futuro. Se alguém próximo e querido está morrendo, a mensagem pode ser passada a você num sonho comum. Porque você não conhece qualquer outra dimensão do sonhar, porque você não conhece as outras possibilidades, a mensagem penetrará o seu sonho comum.

Mas o sonho não será claro, por causa das barreiras que têm de ser ultrapassadas antes que a mensagem possa se tornar uma parte do seu estado comum de sonho. Cada barreira elimina algo, transforma algo. Cada corpo tem sua própria simbologia, assim cada vez que um sonho passa de um corpo para outro, ele é traduzido à simbologia daquele corpo. Então, tudo se torna confuso.

Se você sonhar no quarto corpo de uma forma direta - não através de outro corpo, mas através do próprio quarto corpo - então você poderá penetrar no futuro. Mas somente no seu próprio futuro. É ainda individual; você não poderá penetrar no futuro de outra pessoa.

Para o quarto corpo, o passado é tanto o presente quanto o futuro é o presente. O passado, o futuro e o presente tornam-se um. Tudo se torna um *agora*: um *agora* recuando, um *agora* avançando. Não há passado e não há futuro, mas ainda há o tempo. O tempo, mesmo como o presente, é ainda um fluxo de tempo. Você ainda terá que focalizar a sua mente. Você poderá ver em direção ao passado, mas você terá que focalizar sua mente naquela direção. Então o futuro e o presente serão mantidos suspensos. Quando você focalizar em direção ao futuro, os outros dois — passado e presente — estarão ausentes. Você será capaz de ver o passado, o presente e o futuro, mas não como um. E você será capaz de ver somente os seus próprios sonhos, sonhos que pertencem a você como um indivíduo.

O quinto corpo, o corpo espiritual, atravessa o domínio individual e o domínio do tempo. Agora você está na eternidade. O sonhar não diz respeito a você como tal, mas à consciência do todo. Agora você conhece o inteiro passado de toda a existência, mas não o futuro.

Através deste quinto corpo, todos os mitos da criação têm sido desenvolvidos. São todos o mesmo. Os símbolos diferem, as histórias diferem um pouco, mas sejam eles cristãos ou hindus ou judaicos ou egípcios, os mitos da criação - como o mundo foi criado, como veio à existência - são todos paralelos; todos eles têm uma subcorrente de similaridade. Por exemplo, histórias similares do grande dilúvio existem em todo o mundo. Não há registro histórico delas, mas ainda, há um registro. Esse registro pertence à quinta mente, o corpo espiritual. A quinta mente pode sonhar a respeito delas.

Quanto mais você penetra interiormente, o sonho aproxima-se mais e mais à realidade. O sonho fisiológico não é tão real. Ele tem sua própria realidade, mas não é tão real. O etérico é muito mais real, o astral é ainda mais real, o mental *aproxima-se* do real e finalmente, no quinto corpo, você se torna autenticamente realista no seu sonhar. Esta é a maneira de conhecer a realidade. Chamá-la de sonhar não é adequado. Mas de um certo modo é sonhar, porque o real não está objetivamente presente. Ele tem sua própria objetividade, mas ela surge como uma experiência subjetiva.

Duas pessoas que realizam a consciência do quinto corpo podem sonhar simultaneamente, o que não é possível antes disto. Ordinariamente não há forma de sonhar um sonho comum, mas do quinto corpo em diante, um sonho pode ser sonhado por muitas pessoas simultaneamente. Eis porque os sonhos são objetivos de uma certa forma. Nós podemos comparar notas. Eis como tantas pessoas, sonhando no quinto corpo, chegaram a conhecer os mesmos mitos. Estes mitos não foram criados por indivíduos isolados. Foram criados por escolas particulares, tradições particulares trabalhando juntas.

Assim, o quinto tipo de sonho torna-se muito mais real. Os quatro tipos precedentes são irreais, num certo sentido, porque são individuais. Não há possibilidade de outra pessoa compartilhar a experiência; não há maneira de julgar a validade dela - se é uma fantasia ou não. A fantasia é algo que você projetou; o sonho é algo que não está na existência como tal, mas que você veio a conhecer. À medida que você interioriza, o sonho torna-se menos fantástico, menos imaginário - mais objetivo, mais real, mais autêntico.

Todas as concepções teológicas são criadas pelo quinto corpo. Elas diferem em suas linguagens, suas terminologias, suas conceituações, mas elas são basicamente as mesmas. São sonhos do quinto corpo.

No sexto corpo, o corpo cósmico, você cruza a linha do consciente/inconsciente, da matéria/mente. Você perde todas as

distinções. O sexto corpo sonha sobre o cosmo. Você atravessa a linha da consciência e o mundo inconsciente também se torna consciente. Agora tudo é vivo e consciente. Mesmo o que chamamos de matéria é agora parte da consciência.

No sexto corpo, os sonhos dos mitos cósmicos têm sido realizados. Você transcendeu o individual, você transcendeu o consciente, você transcendeu tempo e espaço, mas a linguagem ainda é possível. Ela aponta em direção a algo; indica algo. As teorias de Brahma, *maya*, teorias da unicidade, do infinito, todas foram concebidas no sexto tipo do sonhar. Aqueles que têm sonhado na dimensão cósmica têm sido os criadores dos grandes sistemas, das grandes religiões.

Através do sexto tipo de mente, os sonhos são em termos do ser, não em termos do não ser; em termos da existência positiva, não em termos da inexistência. Há ainda um apego à existência e um medo da inexistência. Matéria e mente tornaram-se uma, mas não a existência e a inexistência, não o ser e o não ser. Eles ainda estão separados. Esta é a última barreira.

O sétimo corpo, o nirvânico, cruza a fronteira do positivo e salta para o nada. Ele tem os seus próprios sonhos: sonhos da inexistência, sonhos do nada, sonhos do vácuo. O *sim* foi deixado para trás e até mesmo o *não*, não é um *não* agora: o nada não é o nada. Ao contrário, o nada é ainda mais infinito. O positivo deve ter fronteiras; não pode ser infinito. Somente o negativo não tem fronteiras.

Assim, o sétimo corpo tem os seus próprios sonhos. Agora não há símbolos, não há formas. Somente o amorfo é. Agora não há som, mas o insonoro; há silêncio absoluto. Estes sonhos de silêncio são totais, infindáveis.

Estes são os sete corpos. Cada um deles tem os seus próprios sonhos. Mas estas sete dimensões de sonhos podem tornar-se um obstáculo ao conhecimento dos sete tipos de realidade.

O seu corpo fisiológico tem uma maneira de conhecer o real e uma maneira de sonhar a respeito dele. Quando você se alimenta, isto é uma realidade; mas quando você sonha que está se alimentando, não é uma realidade. O sonho é um substituto da comida real. Assim, o corpo fisiológico tem sua própria realidade e sua própria maneira de sonhar. Estas são as duas maneiras diferentes nas quais o fisiológico funciona e elas são muito à parte uma da outra.

Quanto mais você vai para o centro - quanto mais alto o corpo no qual você está - mais próximo estão o sonho e a realidade um do outro. Exatamente como as linhas traçadas da periferia ao centro do círculo aproximam-se à medida que chegam ao centro e se afastam à medida que se dirigem à circunferência, assim também o sonho e a realidade aproximam-se mais e mais à medida que você caminha para o seu centro e se afastam mais e mais à medida que você caminha para a periferia. Assim, no que concerne ao corpo fisiológico, o sonho e a realidade estão distantes. A distância entre eles é grande. Os sonhos são apenas fantasias.

Esta separação não será tão grande no corpo etérico. O real e o sonho se aproximarão mais, assim saber o que é real e o que é um sonho será mais difícil do que no corpo fisiológico. Mas ainda, a diferença pode ser conhecida. Se sua viagem etérica for viagem real, acontecerá enquanto você estiver acordado. Se for um sonho, acontecerá enquanto você estiver dormindo. Para saber a diferença, você terá que estar desperto no corpo etérico.

Há métodos para estar consciente no corpo etérico. Todos os métodos de trabalho interno, tais como o *japa* (a repetição de um *mantra*) o desconectam do mundo exterior. Se você adormece, a repetição constante pode criar um sonho hipnótico. Então, você sonhará. Mas se você puder permanecer consciente do seu *japa* e se este não criar um efeito hipnótico em você, então você conhecerá o real no que diz respeito ao etérico.

No terceiro corpo, o astral, é ainda mais difícil conhecer a diferença, porque os dois se aproximaram ainda mais. Se você conheceu o corpo astral real e não simplesmente o sonhar astral, então você irá além do medo da morte. Daqui, o indivíduo conhece a sua própria imortalidade. Mas se o astral for um sonho e não real, então você será mutilado pelo medo da morte. Este é o ponto de distinção, a pedra de toque: o medo da morte.

A pessoa que acredita que a alma é imortal e continua a repeti-lo e repeti-lo, convencendo-se a si mesma, não será capaz de conhecer a distinção entre o que é real no corpo astral e o que é um sonho astral. O indivíduo não deve acreditar na imortalidade; deve *conhecê-la*. Mas antes de conhecer, o indivíduo deve ter dúvidas a respeito, incerteza a respeito. Somente então você saberá se realmente você a *conhece* ou se você a projetou. Se é sua crença que a alma é imortal, a crença pode penetrar sua mente astral. Então você começará a sonhar, mas será apenas um sonho. Mas se você não tem crença, apenas uma sede de saber, de buscar - sem saber o que deve ser buscado, sem saber o que será encontrado, sem quaisquer pre-concepções ou prevenções - se você estiver simplesmente buscando num vazio, então você saberá a diferença. Portanto, as pessoas que acreditam na imortalidade da alma, em vidas passadas, aquelas que as aceitam de boa-fé, podem estar simplesmente sonhando no plano astral e não conhecendo o real.

No quarto corpo, o mental, o sonho e a realidade tornam-se vizinhos. Suas faces são tão parecidas que há toda a possibilidade de um ser formado pelo outro. O corpo mental pode ter sonhos que são tão realistas quanto o real. E há métodos para criar tais sonhos - yóguicos, tântricos e outros métodos. A pessoa que estiver praticando jejum, solidão, escuridão, criará o quarto tipo de sonhos, sonhos mentais. Eles serão tão reais, mais reais do que a realidade que nos cerca.

No quarto corpo, a mente é totalmente criativa - desobstruída de tudo que é objetivo, desobstruída de fronteiras materiais. Agora

ela está totalmente livre para criar. Poetas, pintores, todos vivem no quarto tipo de sonho; toda arte é produzida pelo quarto tipo de sonho. A pessoa pode sonhar no quarto domínio, pode tornar-se um grande artista. Mas não um que sabe.

No quarto corpo, o indivíduo deve estar consciente de todo tipo de criação mental. O indivíduo não deve projetar nada; caso contrário, será projetado. O indivíduo não deve desejar nada; caso contrário, há toda a possibilidade de o desejo ser satisfeito. Não apenas internamente. Até mesmo externamente o desejo poderá ser satisfeito. No quarto corpo, a mente é tão poderosa, tão cristalinamente clara, porque o quarto corpo é o último lar da mente. Além disto, começa a não-mente.

O quarto corpo é a fonte original da mente, assim você pode criar qualquer coisa. O indivíduo deve estar conscientemente consciente de que não há desejo, não há imaginação, não há imagem; não há deus, não há guru. Caso contrário, eles serão criados por você. Você será o criador! É tão extasiante vê-los, que o indivíduo aspira criá-los. Esta é a última barreira para a *sadhaka*, o buscador. Se o indivíduo cruzar esta, não se defrontará com uma barreira maior.

Se você está consciente, se você é apenas uma testemunha no quarto corpo, então você conhece o real. De outro modo, você continua a sonhar. E nenhuma realidade é comparável a estes sonhos. Eles serão tão extasiantes; nenhum êxtase é comparável. Assim, o indivíduo deve estar consciente do êxtase, da felicidade, do regozijo e o indivíduo deve estar constantemente consciente de qualquer tipo de imagem. No momento em que há uma imagem, a quarta mente começa a fluir para um sonho. Uma imagem leva à outra e você continua a sonhar.

O quarto tipo de sonho só pode ser evitado se você é uma testemunha. Testemunhar será a diferença, porque se o sonho estiver ali, você estará identificado com ele. No quarto corpo, a

consciência e a mente testemunhadora são o caminho em direção ao real.

No quinto corpo o sonho e o real tornam-se um. Todo tipo de dualidade é eliminado. Não há qualquer questão de consciência agora. Até mesmo se estiver inconsciente, você estará consciente de sua inconsciência. Agora o sonho torna-se simplesmente um reflexo do real. Há uma diferença, mas não uma distinção. Se vejo a mim mesmo no espelho, não há distinção entre o eu e o reflexo, mas há uma diferença. Eu sou o real e o refletido não é real.

A quinta mente, se cultivou diferentes conceitos, pode ter a ilusão de conhecer-se a si mesma, mas não como é - apenas como é refletida. Esta é a única diferença. Mas de uma forma, é perigosa. O perigo é que você possa se satisfazer com o reflexo e a imagem espelhada será tomada como real.

No que se refere ao quinto corpo em si, não há perigo real se isto acontece, mas é um perigo no que diz respeito ao sexto corpo. Se você tem visto a si mesmo apenas no espelho, então você não pode atravessar a fronteira do quinto e ir para o sexto. Você não pode atravessar nenhuma fronteira pelo espelho. Assim, há pessoas que permanecem no quinto. Aquelas que dizem que há almas infinitas e que cada alma tem sua própria individualidade - estas pessoas permaneceram no quinto. Elas conheceram a si mesmas, mas não imediatamente, não diretamente - apenas através do intermédio de um espelho.

De onde surge este espelho? Surge do cultivo de conceitos: Eu sou alma. Eterna, imortal. Além da morte, além do nascimento. Conceber a si mesmo como alma sem o *saber* é criar o espelho. Então você não conhecerá a si mesmo como é, mas como é espelhado através dos seus conceitos. A única diferença será esta: se o conhecimento vem pelo espelho, é um sonho e se é direto, imediato, sem qualquer espelho, então é real. Esta é a única diferença, mas é uma grande diferença - não em relação aos corpos

que você atravessou, mas em relação aos corpos que ainda estão para ser penetrados.

Como pode alguém estar consciente se está sonhando no quinto ou vivendo o real? Há uma só forma: abandonar todo tipo de escritura, despojar-se de todo tipo de filosofia. Agora não deverá haver mais guru; caso contrário, o guru tornar-se-á o espelho. De agora em diante, você está completamente só. Ninguém pode ser levado como guia, ou o guia tornar-se-á o espelho.

De agora em diante, o isolamento é total e completo. Não a solidão, mas o estar só. A solidão está sempre relacionada com os outros; o estar só diz respeito ao próprio indivíduo. Sinto-me solitário quando não há ligação entre eu e outro alguém, mas sinto-me só quando *sou*.

Agora o indivíduo deverá estar só em toda a dimensão: palavras, conceitos, teorias, filosofias, doutrinas; gurus, escrituras; cristianismo, hinduísmo; Buda, Cristo, Krisna, Mahavira. O indivíduo deverá estar isolado agora; caso contrário, qualquer coisa que estiver presente se tornará um espelho. Buda tornar-se-á um espelho, agora. Muito querido, mas muito perigoso.

Se você estiver absolutamente só, não haverá nada no que você possa ser refletido. Portanto, meditação é a palavra para o quinto corpo. Significa estar totalmente só, livre de todo tipo de mentalização. Significa estar sem mente. Se houver qualquer tipo de mente, tornar-se-á um espelho e você será refletido nele. O indivíduo deve agora ser um não-mente, sem pensar, sem contemplação.

No sexto corpo não há espelho. Agora somente o cósmico é. Você perdeu-se. Você não é mais; o sonhador não é. Mas o sonho pode ainda existir sem o sonhador. E quando há um sonho sem o sonhador, parece autêntica realidade. Não há mente, ninguém para pensar, assim o que quer que seja conhecido é *conhecido*. Torna-se o seu conhecimento. Os mitos da criação vêm; eles se vão. Você não é; as coisas estão simplesmente flutuando de passagem. Ninguém está lá para julgar; ninguém está lá para sonhar.

Mas uma mente que não é, ainda é. A mente que é aniquilada ainda existe - não como um indivíduo, mas como o todo cósmico. Você não é, mas o Brahma é. Eis porque eles dizem que o mundo todo é um sonho do Brahma. Todo este mundo é um sonho, *maya*. Não um sonho de cada indivíduo, mas um sonho do total, do todo. Você não está, mas o total está sonhando.

Agora a única distinção é se o sonho é positivo. Se é positivo é ilusório, é um sonho, porque em última instância somente o negativo é. Quando tudo tornou-se parte do amorfo, quando tudo retornou à fonte original, então tudo é e ao mesmo tempo *não é*. O positivo é o único fator remanescente. Deve ser ultrapassado.

Assim, se no sexto corpo o positivo se perde, você penetra no sétimo. O real do sexto é a porta do sétimo. Se não há nada positivo - nenhum mito, nenhuma imagem - então o sonho cessou. Então há apenas *o que é*: a natureza do nada. Agora nada existe, exceto a existência. As coisas não são, mas a fonte é. A árvore não é, mas a semente é.

Aqueles que conheceram, chamaram a este tipo de mente de *samadhi* com a semente (*samadhi sabeej*). Tudo se perdeu; tudo retornou à fonte original, a semente cósmica. A árvore não é, mas a semente é. Mas da semente, o sonhar ainda é possível, assim até mesmo a semente deve ser destruída.

No sétimo, não há nem sonho nem realidade. Você só pode ver algo real até o ponto onde o sonhar é possível. Se não há possibilidade de sonhos, então nem o real nem o ilusório existem. O sétimo é o centro, pois. Agora, o sonho e a realidade tornam-se um. Não há diferença. Ou você sonha a inexistência ou você conhece a inexistência, mas a inexistência permanece a mesma.

Se sonho com você, é ilusório. Se vejo você, é real. Mas se sonho com a sua ausência ou *vejo* a sua ausência, não há diferença. Se você sonhar com a ausência de algo, o sonho será o mesmo que a ausência em si. Somente em termos de algo positivo há uma diferença real. Assim, até o sexto corpo há uma diferença. No sétimo

corpo somente a inexistência permanece. Há uma ausência até mesmo da semente. Isto é *nirbeej sarnadhi*, *samadhi* sem semente. Agora não há possibilidade de sonhar.

Há, portanto, sete tipos de sonhos e sete tipos de realidades. Eles penetram uns aos outros. Por causa disto, há muita confusão. Mas se você fizer uma distinção entre os sete, se você tornar-se claro a respeito, ajudará muito. A psicologia ainda está muito distante de saber sobre os sonhos. O que ela sabe é apenas sobre o fisiológico e às vezes o etérico. Mas o etérico é também interpretado como o fisiológico.

Jung penetrou um pouco mais fundo que Freud, mas sua análise da mente humana é tratada como mitológica, religiosa. Ainda assim, ele tem a semente. Se a psicologia ocidental tem de evoluir, é através de Jung, não de Freud. Freud foi o pioneiro, mas todo pioneiro torna-se uma barreira ao progresso posterior, se o vínculo aos seus avanços tornarem-se uma obsessão. Embora Freud esteja agora ultrapassado, a psicologia ocidental está ainda obcecada com o seu início freudiano. Freud deve agora tornar-se parte da história. A psicologia deve prosseguir mais.

Nos Estados Unidos, estão tentando aprender sobre o sonho através de métodos de laboratório. Há muitos laboratórios de sonhos, mas os métodos usados referem-se apenas ao fisiológico. Yoga, tantra e outros treinamentos esotéricos devem ser introduzidos, se quer conhecer todo o mundo dos sonhos. Todo tipo de sonho tem um tipo de paralelo de realidade e se todo o *maya* não pode ser conhecido, se todo o mundo das ilusões não pode ser conhecido, então é impossível conhecer o real. É somente através do ilusório que o real pode ser conhecido.

Mas não tome o que eu disse como uma teoria, um sistema. Simplesmente faça-o um ponto de partida e comece a sonhar com a mente consciente. Somente quando você se torna consciente nos seus sonhos, o real pode ser conhecido.

Não estamos conscientes nem mesmo do nosso corpo físico. Permanecemos inconscientes dele. Somente quando alguma parte adoece é que nos tornamos conscientes. O indivíduo deve tornar-se consciente do corpo na saúde. Estar consciente do corpo na doença é simplesmente uma medida de emergência. É um processo natural, programado. Sua mente deve estar consciente quando alguma parte do corpo adoece, de tal modo que possa ser cuidada, mas no momento que se recupera, você se torna sonolento a respeito dele.

Você deve tornar-se consciente do seu próprio corpo: seu funcionamento, seus sentimentos sutis, sua música, seus silêncios. Às vezes o corpo está silente; às vezes está barulhento; às vezes relaxado. O sentimento é tão diferente em cada estado, que é lamentável que não estejamos conscientes dele. Quando você vai dormir, há mudanças sutis no seu corpo. Quando você sai do sono pela manhã, há mudanças de novo. O indivíduo deve tornar-se consciente delas.

Quando você for abrir os olhos de manhã, não os abra de uma vez. Quando conscientizar-se de que o sono se foi, conscientize-se do seu corpo. Não abra os seus olhos, ainda. O que está acontecendo? Uma grande mudança ocorre por dentro. O sono está deixando você e o despertar está chegando. Você já viu o sol matutino despertar, mas nunca o seu corpo despertar. Ele tem sua própria beleza. Há uma manhã no seu corpo e uma tarde. É chamado de *sandhya*: o momento da transformação, o momento da mudança.

Quando for dormir, observe silenciosamente o que está acontecendo. O sono virá, estará vindo. Esteja alerta! Somente então poderá tornar-se realmente consciente do seu corpo físico. E no momento que se tornar consciente dele, você será capaz de se recordar o que era um sonho fisiológico e o que não era. Se você conhecer os sentimentos internos, as necessidades internas, os ritmos internos do seu corpo, então quando eles se refletirem nos seus sonhos, você será capaz de entender a linguagem.

Nós não temos entendido a linguagem dos nossos próprios corpos. O corpo tem sua própria sabedoria; tem milhares de anos de experiência. Meu corpo tem a experiência de meu pai e de minha mãe e do pai e da mãe deles e assim por diante, séculos e séculos durante os quais a semente do meu corpo de-senvolveu-se no que é. Ele tem sua própria linguagem. O indivíduo deve primeiro entendê-la. Quando você a entender, você saberá o que é o sonho fisiológico. E então, pela manhã, você poderá separar os sonhos fisiológicos dos não fisiológicos.

Somente então uma nova possibilidade se abre: estar consciente do seu corpo etérico. Somente então, não antes. Você torna-se mais sutil. Você pode experimentar níveis mais sutis de sons, perfumes, luzes. Então quando você caminhar, você saberá que o corpo fisiológico está caminhando. A diferença é cristalinamente clara. Você está comendo. O corpo físico está comendo, não o corpo etérico. Há sedes etéricas, fomes etéricas, aspirações etéricas, mas estas coisas só podem ser vistas quando o corpo físico é completamente conhecido. Então pouco a pouco, os outros corpos tornar-se-ão conhecidos.

O sonhar é um dos maiores assuntos. É ainda inexplorado, desconhecido, escondido. É parte do conhecimento secreto. Mas agora é chegado o momento quando tudo o que é secreto deve ser aberto. Tudo que esteve escondido até agora não deve ser escondido mais, ou pode revelar-se perigoso.

No passado foi necessário que algumas coisas permanecessem secretas, porque o conhecimento nas mãos da ignorância pode ser perigoso. Isto é o que está acontecendo com o conhecimento científico no Ocidente. Agora os cientistas estão conscientes da crise e querem criar ciências secretas. As armas nucleares não deveriam ter sido dadas a conhecer aos políticos. Descobertas futuras devem permanecer desconhecidas. Devemos esperar época quando o homem tornar-se tão capaz, que o conhecimento poderá ser descerrado e não será perigoso.

Semelhantemente, no domínio espiritual, muito era conhecido no Oriente. Mas se caísse nas mãos de pessoas ignorantes, provar-se-ia perigoso, assim a chave era escondida. O conhecimento era tornado secreto, esotérico. Mas agora, por causa do progresso científico, chegou o momento para esse tornar-se aberto. A ciência provar-se-á perigosa se as verdades espirituais, esotéricas, ainda permanecerem desconhecidas. Elas devem ser tornadas abertas, de tal forma que o conhecimento espiritual será capaz de manter o passo com o conhecimento científico.

O sonho é um dos maiores domínios esotéricos. Eu disse algo a respeito, de forma que você possa começar a estar consciente, mas eu não lhe contei toda a ciência. Não é nem necessário, nem útil. Eu deixei lacunas. Se você entrar, estas lacunas serão preenchidas automaticamente. O que eu disse é apenas a camada exterior. Não é o suficiente para você ser capaz de fazer uma teoria a respeito, mas é o bastante para você começar.

1.A apresentação gráfica no original como *dis/ease* (o prefixo *dis* significa negação, a palavra *ease* significando conforto, facilidade) permite a leitura dupla do termo como *disease* (doença). Ao mesmo tempo, conota a idéia de desconforto que acompanha a doença. (NT)

2.Novamente é utilizado o recurso apontado na nota anterior, possibilitando a leitura dupla como doença física e como dificuldade (ou desconforto) física. (NT)

3.No Oriente, o corpo etérico é conhecido como o corpo vital, o corpo energético. Para a maioria de nós, este é inconsciente, mas Osho explica nos três capítulos seguintes como o corpo etérico (e os corpos mais elevados) podem ser tornados conscientes. (N. edição original)

4.Leadbeater, uma das figuras principais do movimento teosófico inicial, desempenhou um papel instrumental no treinamento espiritual de Krishnamurti. (N. edição original)

7. TRANSCENDENDO OS SETE CORPOS

Você disse que nós temos sete corpos: um corpo etérico, um corpo mental, e assim por diante. Às vezes é difícil adaptar a linguagem indiana aos termos da psicologia ocidental. Não temos teoria para isto no Ocidente: assim, como podemos traduzir estes diferentes corpos para a nossa própria linguagem? O espiritual não é problema, mas o etérico? O astral? O mental? Não podemos dizer isto. O que pode ser feito?

As palavras podem ser traduzidas, mas de fontes onde vocês não as procuraram. Jung foi melhor do que Freud no que se refere à busca além da consciência superficial, mas Jung também é apenas um começo. Você pode obter um vislumbre a mais do que se quer dizer com estas coisas, da antroposofia de Steiner ou dos escritos teosóficos: *A Doutrina Secreta*, *Isis Sem Véu* e outras obras de Madame Blavatsky, ou as obras de Annie Besant, Leadbeater, Coronel Alcott. Você pode obter um vislumbre pelas doutrinas rosacruzes. Há também uma grande tradição hermética no Ocidente, assim como os escritos secretos dos essênios, da fraternidade hermética pela qual Cristo foi iniciado. E mais recentemente, Gurdjieff e Ouspensky podem ser de ajuda. Portanto, algo pode ser encontrado em fragmentos e estes fragmentos podem ser reunidos.

E o que eu disse, eu disse na sua terminologia. Só usei uma palavra que não é parte da terminologia ocidental: o nirvânico. Os outros seis termos - o físico, o etérico, o astral, o mental, o espiritual e o cósmico - não são indianos. Pertencem também ao Ocidente. No Ocidente nunca se falou do sétimo, não porque não houvessem pessoas que soubessem dele, mas porque o sétimo é impossível de ser comunicado.

Se acha difíceis estes termos, então você pode simplesmente usar o primeiro, o segundo, o terceiro e assim por diante. Não use quaisquer termos para descrevê-los; apenas descreva-os. A descrição será o suficiente, a terminologia não é de consequência.

Estes sete podem ser abordados de muitas direções. No que se refere aos sonhos, os termos de Freud, Jung e Adler podem ser usados. O que eles conhecem como o consciente é o primeiro corpo. O inconsciente é o segundo - não exatamente o mesmo, mas próximo o suficiente a ele. O que chamam de inconsciente coletivo é o terceiro - de novo não exatamente o mesmo, mas algo aproximado a ele.

E se não há termos comuns em uso, novos termos podem ser cunhados. Aliás, isso é sempre melhor, porque termos novos não têm conotações velhas. Quando um termo novo é usado, porque você não tem associação prévia com ele, torna-se mais significativa e é entendido mais profundamente. Portanto, você pode cunhar novas palavras.

O etérico significa aquilo que está relacionado ao céu e ao espaço. O astral significa o mais minúsculo, *sukshma*, o último, o atômico, além do qual a matéria cessa de existir. Para o mental não há dificuldades. Para o cósmico também não há dificuldades.

Então você chega ao sétimo, ao nirvânico. Nirvânico significa total cessação, o vazio absoluto. Nem mesmo a semente existe agora; tudo cessou. Lingüisticamente, a palavra significa extinção da chama. A chama se foi; a luz é desligada. Então você não pode perguntar para onde se foi. Simplesmente cessou de ser.

Nirvana significa a chama que se foi. Agora ela não está em lugar algum ou está em todas as partes. Não tem um ponto particular de existência e nenhum tempo particular ou momento de existência. Agora ela é o próprio espaço, o próprio tempo. Ela é a existência ou a inexistência; não faz diferença. Porque ela está em todas as partes, você pode usar qualquer dos termos. Se está em *algum lugar*, não pode estar em todas as partes e se está em todas as partes, não pode

estar em algum lugar, assim lugar algum ou todas as partes significa a mesma coisa. Para o sétimo corpo, pois, você terá de usar nirvânico, porque não há palavra melhor para ele.

As palavras não têm significado algum em si mesmas. Somente as experiências têm significado. Somente se houver experimentado algo destes sete corpos, será significativo para você. Para ajudá-lo, há diferentes métodos a serem utilizados em cada plano.

Comece do físico. Então, todos os outros passos abrem-se para você. No momento em que trabalha no primeiro corpo, você tem relances do segundo. Comece do físico. Esteja consciente dele de momento a momento. E não apenas consciente externamente. Você pode tornar-se consciente de seu corpo, do interior também. Posso ficar consciente de minha mão porque a vejo de fora, mas há também um sentimento interno de que algo está ali. Portanto, não esteja consciente do seu corpo tal como visto de fora. Isto não pode conduzi-lo para dentro. O sentimento interno é bem diferente.

Quando você sentir o corpo de dentro, saberá pela primeira vez o que é estar dentro do corpo. Quando o vê apenas de fora, você não pode conhecer seus segredos. Você conhece somente as fronteiras externas, como elas parecem aos outros. Se vejo meu corpo de fora, vejo-o como parece aos outros, mas não o conheci *como é para mim*. Você pode ver minha mão de fora e eu posso vê-la. É algo objetivo. Você pode compartilhar o conhecimento dela comigo. Mas minha mão, olhada dessa forma, não é conhecida internamente. Tornou-se propriedade pública. Você pode conhecê-la tanto quanto eu.

Somente no momento em que a vejo de dentro, ela torna-se minha de uma maneira que não é compartilhável. Você não pode conhecê-la; não pode saber como sinto-a de dentro, só *eu* posso saber. O corpo que é conhecido por nós não é o nosso corpo. É o corpo que é objetivamente conhecido por todos, o corpo que um clinico pode conhecer num laboratório. Não é o corpo que é.

Somente o conhecimento privado, pessoal, pode conduzi-lo para dentro; o conhecimento público não pode. Eis porque a fisiologia ou a psicologia, que são observações de fora, não levaram a um conhecimento dos nossos corpos mais internos. Só sabem do corpo físico.

Assim, muitos dilemas foram criados por causa disto. Alguém pode sentir-se belo por dentro, mas o forçamos a acreditar que é feio. Se concordarmos coletivamente nisto, ele também poderá vir a concordar. Mas ninguém sente-se feio interiormente. O sentimento interno é sempre de beleza.

Este sentimento externo não é realmente um sentimento, em absoluto. É apenas um costume, um critério imposto de fora. Uma pessoa que é bonita numa sociedade pode ser feia noutra; uma pessoa que é bonita num período da história pode não ser noutra. Mas o sentimento mais interno é sempre de beleza, logo, se não houvessem critérios externos não haveria feiura. Nós temos uma imagem fixa de beleza que todos compartilham. Eis porque há feiúra e beleza, caso contrário, não. Se todos nós ficarmos cegos, ninguém será feio. Todos serão bonitos.

Portanto, o sentimento de dentro do corpo é o primeiro passo. Em situações diferentes, o corpo sentir-se-á diferente de dentro. Quando você está apaixonado, você tem um sentimento interno particular; quando experimenta o ódio, o sentimento interno é diferente. Se você perguntar a Buda, ele dirá: "O amor é beleza", porque em seu sentimento interno ele sabe que quando está amando ele é belo. Quando há ódio, raiva, ciúme, algo acontece internamente que o faz começar a se sentir feio. Assim, você sentirá que é diferente em diferentes situações, em diferentes momentos, em diferentes estados da mente.

Quando você sente preguiça, há diferença de quando se sente ativo. Quando está sonolento, há uma diferença. Estas diferenças devem ser conhecidas distintamente. Só então você torna-se familiarizado com a vida interna do seu corpo. Então você conhece a

história interior, a geografia interior na infância, na juventude, na velhice.

No momento que alguém torna-se totalmente consciente de seu corpo de dentro, o segundo corpo automaticamente surge à vista. Este segundo corpo será agora conhecido de fora. Se você conhecer o primeiro corpo de dentro, então tornar-se-á capaz de conhecer o segundo corpo de fora.

De fora do primeiro corpo você não pode jamais conhecer o segundo corpo, mas de dentro dele pode ver o exterior do segundo corpo. Todo corpo tem duas dimensões: a externa e a interna. Assim como um muro tem dois lados - um voltado para fora e outro voltado para dentro - todo corpo tem uma fronteira, um muro. Quando você vem a conhecer o primeiro corpo do interior, torna-se consciente do segundo corpo do exterior.

Agora você está no meio: dentro do primeiro corpo e fora do segundo. Este segundo corpo, o corpo etérico, é como fumaça condensada. Você pode passar por ele sem qualquer obstáculo, mas não é transparente; você não pode olhar de fora para dentro dele. O primeiro corpo é sólido. O segundo corpo é exatamente como o primeiro no que diz respeito à forma, mas não é sólido.

Quando o primeiro corpo morre, o segundo permanece vivo por treze dias. Ele viaja com você. Então, após treze dias, ele também morre. Dispersa, evapora. Se você chegar a conhecer o segundo corpo enquanto o primeiro ainda está vivo, você pode estar consciente deste acontecimento.

O segundo corpo pode sair do seu corpo. Às vezes em meditação este segundo corpo sobe ou desce e você tem a sensação de que a gravidade não tem força sobre você; você deixou a terra. Mas quando abre os olhos, você está no chão e sabe que esteve lá todo o tempo. Esta sensação que você promove surge por causa do segundo corpo, não do primeiro. Para o segundo corpo não há gravidade, assim, no momento em que você conhece o segundo,

sente uma certa liberdade que era desconhecida para o corpo físico. Agora você pode sair do seu corpo e voltar.

Este é o segundo passo se você quiser conhecer as experiências do segundo corpo. E o método não é difícil. Apenas deseje estar fora do corpo e você está fora dele. O próprio desejo é a realização. Pois para o segundo corpo nenhum esforço tem de ser feito, porque não há empuxe gravitacional. A dificuldade do primeiro corpo é a causa da força gravitacional. Se eu quiser ir a sua casa, terei de lutar com a força gravitacional. Mas se não houver gravitação, então o simples desejo será o bastante. A coisa acontecerá.

O corpo etérico é o corpo que é trabalhado na hipnose. O primeiro corpo não é envolvido na hipnose; é o segundo que é. Eis porque uma pessoa com visão perfeita pode ficar cega. Se a hipnose diz que você ficou cego, você fica cego simplesmente por acreditar nisto. É o corpo etérico que foi influenciado; a sugestão vai para o corpo etérico. Se você está num transe profundo, o segundo corpo pode ser influenciado. Uma pessoa que está bem pode ser paralisada simplesmente por sugerir-lhe que você está paralisada. Um hipnotizador não deve usar qualquer linguagem que crie dúvida. Se ele disser: "Parece que você ficou cego", não funcionará. Ele deve estar absolutamente certo a respeito. Somente então a sugestão funcionará.

Assim, no segundo corpo, apenas diga: Eu estou fora do corpo. Apenas deseje estar fora dele e você estará fora dele. O sono comum pertence ao primeiro corpo. É o primeiro corpo - exausto pelo dia de labuta, trabalho, tensão - relaxando. Na hipnose, é o segundo corpo que é colocado para dormir. Se é colocado para dormir, você pode trabalhar com ele.

Quando você pegar qualquer doença, setenta e cinco por cento dela vem do segundo corpo e se espalha para o primeiro. O segundo corpo é tão sugestionável, que os estudantes de medicina do primeiro ano sempre pegam a mesma doença que está sendo

estudada. Eles começam a ter os sintomas. Se está sendo discutida a dor de cabeça, sem saber, todos vão para dentro de si mesmos e começam a perguntar: "Estou com dor de cabeça? Tenho estes sintomas?" Porque ir para dentro afeta o corpo etérico, a sugestão é captada e uma dor de cabeça é projetada, criada.

A dor do parto não é do primeiro corpo; é do segundo. Assim, através da hipnose, o parto pode ser feito absolutamente sem dor — apenas por sugestão. Há sociedades primitivas nas quais as mulheres não sentem as dores do trabalho de parto, porque a possibilidade nunca entrou em suas mentes. Mas todo tipo de civilização cria sugestões comuns que então se tornam parte e parcela das expectativas de todos.

Não há dor sob hipnose. Até mesmo cirurgia pode ser feita sob hipnose sem qualquer dor, porque se o segundo corpo recebe a sugestão de que não haverá dor, não há dor. No que se refere a mim, todo tipo de dor e também todo tipo de prazer vem do segundo corpo e se espalha pelo primeiro. Logo, se a sugestão muda, a mesma coisa que tem sido dolorosa pode se converter em algo agradável e vice-versa.

Mude a sugestão, mude a mente etérica, e tudo será mudado. Apenas deseje totalmente e acontecerá. Totalidade é a única diferença entre o desejo e a vontade. Quando você desejou algo totalmente, completamente, com toda a sua mente, torna-se força de vontade.

Se deseja *totalmente* sair do corpo fisiológico, você pode sair dele. Então há a possibilidade de conhecer o segundo corpo de dentro, caso contrário não. Quando sai do seu corpo físico, você não está mais no meio: dentro do primeiro e fora do segundo. Agora você está dentro do segundo. O primeiro corpo não é.

Agora você pode tornar-se consciente do segundo corpo do interior, assim como tornou-se consciente do primeiro corpo do exterior. Esteja consciente de seus funcionamentos internos, seu mecanismo interno, sua vida interna. A primeira vez que tentar será

difícil, mas após isso você sempre estará dentro de dois corpos: o primeiro e o segundo. Seu ponto de atenção agora estará em dois domínios, duas dimensões.

No momento em que estiver dentro do segundo corpo, você estará fora do terceiro, o astral. No que se refere ao astral, não há nem mesmo a necessidade de qualquer vontade. Não há a questão da totalidade agora. Se você quer entrar, você pode entrar. O corpo astral é um vapor como o segundo corpo, mas é transparente. Assim, no momento em que você estiver fora, estará dentro. Você nem mesmo saberá se está dentro ou fora, porque a fronteira é transparente.

O corpo astral é do mesmo formato que os dois primeiros corpos. Até o quinto corpo o formato é o mesmo. O conteúdo variará, mas o formato será o mesmo - até o quinto. Com o sexto corpo, o formato será cósmico. E com o sétimo, não haverá formato algum, nem mesmo o cósmico.

O quarto corpo é absolutamente sem paredes. De dentro do terceiro corpo, não há nem mesmo uma parede transparente. É apenas uma fronteira, sem parede, assim não há dificuldade de entrar e não há necessidade de qualquer método. Logo, alguém que atingiu o terceiro pode atingir o quarto muito facilmente.

Mas para ir além do quarto, há tanta dificuldade como havia em ir além do primeiro, porque agora o mental cessa. O quinto é o corpo espiritual. Antes que possa ser atingido, há de novo uma parede, mas não no mesmo sentido como havia uma parede entre o primeiro corpo e o segundo. A parede está entre dimensões diferentes agora. É de um plano diferente.

Os quatro corpos inferiores eram todos pertinentes a um plano. A divisão era horizontal. Agora é vertical. Logo, a parede entre o quarto e o quinto é maior do que entre qualquer uma das duas dos corpos mais baixos - porque nossa forma ordinária de olhar é horizontal, não vertical. Nós olhamos de lado a lado, não para cima e para baixo. Mas o movimento do quarto corpo para o quinto

é de um plano mais baixo para um plano mais alto. A diferença não é entre fora e dentro, mas entre alto e baixo. A não ser que comece a olhar para cima, você não pode se mover para dentro do quinto.

A mente sempre olha para baixo. Eis porque o yoga é contra a mente. A mente flui para baixo exatamente como a água. A água jamais foi transformada em símbolo de algum sistema espiritual, porque sua natureza intrínseca é fluir para baixo. O fogo tem sido símbolo de muitos sistemas. O fogo vai para cima; nunca vai para baixo. Logo, no movimento do quarto corpo para o quinto corpo, o fogo é o símbolo. O indivíduo deve olhar para cima; o indivíduo deve parar de olhar para baixo.

Como olhar para cima? Qual é o caminho? Você deve ter ouvido que na meditação os olhos devem estar mirando para cima, para o *ajanchakra*¹. Os olhos devem estar focalizados para cima como se você fosse olhar para dentro do crânio. Os olhos são apenas simbólicos. A questão real não é da visão. Nossa visão, nossa faculdade de ver, está associada com os olhos, logo os olhos tornam-se os meios através dos quais até mesmo a visão interior acontece. Se você vira seus olhos para cima, então sua visão vai para cima.

Raja yoga começa com o quarto corpo. Só *hatha* yoga começa com o primeiro corpo; as outras yogas começam de algum outro lugar. A teosofia começa do segundo corpo e outros sistemas começam do terceiro. À medida que a civilização continuar a progredir para o quarto corpo, muitas pessoas serão capazes de iniciar dali. Mas o quarto corpo só poderá ser usado se trabalharam através dos três corpos inferiores em vidas passadas. Aqueles que estudam *raja* yoga das escritas ou dos swamis e gurus sem saber se trabalharam ou não através de seus três corpos mais baixos, estão propensos a serem desiludidos, porque o indivíduo não pode começar do quarto. Os três devem ser atravessados primeiro. Somente então vem o quarto.

O quarto é o último corpo do qual é possível começar. Há quatro yogas; *hatha* yoga para o primeiro corpo; *mantra* yoga para o segundo; *bhakti* yoga para o terceiro; e *raja* yoga para o quarto. Nos tempos antigos todos tinham de começar com o primeiro corpo, mas agora há tantos tipos de pessoas: uma trabalhou até o segundo corpo numa vida anterior, outra até o terceiro, etcetera. Mas no que se refere ao sonho, o indivíduo deve começar do primeiro corpo. Somente então você pode conhecer todo o alcance dele, todo o aspecto dele.

Portanto, no quarto corpo, sua consciência deve tornar-se como fogo - ir para cima. Há muitas maneiras de verificar isto. Por exemplo, se a mente está fluindo em direção ao sexo, é exatamente como a água fluindo para baixo, porque o centro sexual é para baixo. No quarto corpo, o indivíduo deve começar a dirigir os olhos para cima, não para baixo.

Se a consciência deve subir, ela deve iniciar de um centro que esteja acima dos olhos, não abaixo dos olhos. Há um só centro acima dos olhos do qual o movimento pode ser para cima: o *ajnachakra*. Agora os dois olhos devem mirar para cima, em direção ao terceiro olho.

O terceiro olho tem sido lembrado de tantas formas. Na Índia, a distinção entre uma virgem e uma mulher casada é feita por uma marca colocada sobre o terceiro olho da casada. Uma virgem está propensa a olhar para baixo em direção ao centro sexual, mas no momento em que se casa, ela deve começar a olhar para cima. O sexo deve mudar; ela deve tornar-se mãe. Agora sua jornada é em direção à não sexualidade - ou, além da sexualidade. Para ajudá-la a se lembrar em olhar para o alto, uma marca colorida, uma *tika* é usada no terceiro olho.

Marcas *tilak* têm sido usadas nas testas de tantos tipos de pessoas: *sannyasins*, veneradores - tantos tipos de marcas coloridas. Ou, é possível usar *chandan* (pasta de sândalo). No momento em que os dois olhos miram em direção ao terceiro olho, um grande fogo é

criado no centro; uma sensação abrasadora está lá. O terceiro olho está sendo aberto e ele deve ser mantido frio. Assim, na Índia, a pasta de sândalo é usada. Não é apenas fria, tem também um perfume particular relacionado ao terceiro corpo e à transcendência dele. O frescor do perfume e o lugar particular onde é colocado convertem-se numa atração para cima, numa lembrança do terceiro olho.

Se você fechar os olhos e eu colocar meu dedo no lugar do seu terceiro olho, não estarei tocando o terceiro olho em si, mas você mesmo assim começará a senti-lo. Mesmo este tanto de pressão é suficiente. É escassamente um toque, apenas uma ligeira pressão com o dedo. Assim o perfume, o delicado toque dele e seu frescor são o suficiente. Então sua atenção esta sempre fluindo dos seus olhos para o terceiro olho.

Assim, para ultrapassar o quarto corpo há uma só técnica, um método e esse é o olhar para cima. *Shirshasan* (a postura da cabeça), a posição invertida do corpo, era usada como um método para isto porque nossos olhos estão habitualmente olhando para baixo. Se você ficar sobre a cabeça, ainda estará olhando para baixo, mas agora o para baixo é para cima. O fluxo da energia para baixo será convertido num fluxo para cima.

Eis porque na meditação, mesmo sem o saber, algumas pessoas colocar-se-ão em posições invertidas. Elas começarão a praticar *shirshasan* porque o fluxo da energia mudou. Suas mentes estão tão condicionadas ao fluxo para baixo, que quando a energia mudar de direção, elas sentir-se-ão desconfortáveis. Quando começarem a se postar sobre a cabeça, elas sentir-se-ão à vontade de novo, porque o fluxo da energia estará novamente movendo-se para baixo. Mas não estará realmente movendo-se para baixo. Em relação aos seus centros, aos seus *chakras*, a energia estará movendo-se para cima.

Assim, *shirshasan* tem sido usada como um método para conduzi-lo do quarto ao quinto. A coisa principal a ser lembrada é

estar olhando para cima. Isto pode ser feito através de *tratak* (focalização de um objeto fixo), através de concentração no sol, através de tantos objetos diferentes. Mas é melhor fazê-lo voltado para dentro. Apenas feche os olhos!

Mas primeiro, os quatro primeiros corpos devem ser atravessados. Somente então pode ser útil, caso contrário não. Caso contrário, pode ser inoportuno, pode criar todos os tipos de doenças mentais, porque todo o ajuste do sistema será partido. Os quatro corpos estão olhando para baixo e com a sua mente interna você está olhando para cima. Então, há toda a possibilidade de que resultará em esquizofrenia.

Para mim, a esquizofrenia é o resultado de uma tal coisa. Eis porque a psicologia comum não consegue aprofundar-se na esquizofrenia. A mente esquizofrênica está simultaneamente trabalhando em direções opostas: permanece fora e olha para dentro; permanece fora e olha para cima. Todo o seu sistema deve estar em harmonia. Se você não conheceu todo seu corpo físico do interior, então sua consciência deveria estar olhando para baixo. Isso será sadio; o ajuste está certo. Você jamais deve tentar girar para cima a mente que se move para fora, ou a esquizofrenia, a divisão será o resultado. Nossas civilizações, nossas religiões, têm sido a causa básica da personalidade partida da humanidade. Elas não tem estado concernentes com a harmonia total. Há professores que ensinam métodos de mover-se para cima, às pessoas que não estão nem mesmo dentro de seus próprios corpos físicos. O método começa a funcionar e parte da pessoa permanece fora do corpo, enquanto uma segunda parte move-se para cima. Então haverá uma cisão entre as duas. Ela tornar-se-á duas pessoas: às vezes isto, às vezes aquilo; Jekyll e Hyde.

Há toda a possibilidade de uma pessoa tornar-se sete pessoas simultaneamente. Então a cisão é completa. Ela torna-se sete energias diferentes. Uma parte dela está movendo-se para baixo, apegando-se ao primeiro corpo; a outra está apegando-se ao

segundo; outra ao terceiro. Uma parte está indo para cima, outra está indo para um outro lugar. Ela não tem centro nela, de forma alguma.

Gurdjieff costumava dizer que uma tal pessoa é exatamente como uma casa onde o senhor está ausente e cada servo proclama que ele é o senhor. E ninguém pode negá-lo, porque o próprio senhor está ausente. Quando alguém vem à casa e bate à porta, o servo que está próximo transforma-se em senhor. No dia seguinte, outro servo responde à porta e alega ser o senhor.

Um esquizofrênico está sem qualquer centro e somos todos assim! Nós nos ajustamos à sociedade, só isso. A diferença é apenas de graus. O senhor está ausente ou dormindo e cada parte de nós reclama propriedade. Quando o impulso sexual está lá, o sexo torna-se o senhor. Sua mortalidade, sua família, sua religião - tudo será negado. O sexo torna-se o proprietário total da casa. E depois, quando o sexo se vai, a frustração chega. Sua razão toma conta e diz: Eu sou o senhor. Agora a razão reclama toda a casa e negará um lar ao sexo.

Todos reclamam a casa totalmente. Quando a raiva está lá, torna-se o senhor. Agora não há a razão, não há a consciência. Nada mais pode interferir com a raiva. Por causa disto, não podemos entender os outros. Uma pessoa que era amorosa torna-se raivosa e subitamente não há amor. Nós estamos agora perplexos, sem entender se ela está amando ou não está amando. O amor era apenas um servo e a raiva também é apenas um servo. O senhor está ausente. Eis porque você não pode habitualmente confiar noutro alguém. Ele não é senhor dele mesmo; qualquer servo pode assumir. Ele não é um; ele não é uma unidade.

O que estou dizendo é que o indivíduo não deveria experimentar técnicas de olhar para cima antes de atravessar os quatro primeiros corpos. Caso contrário, será criada uma cisão impossível de ser superada e o indivíduo terá de esperar sua próxima vida para começar outra vez. É melhor praticar técnicas que

começam do começo. Se você passou pelos três primeiros corpos em nascimentos anteriores, então você os passará de novo num instante. Não haverá dificuldade. Você conhece o território; você conhece o caminho. Num instante eles chegam à sua frente. Você os reconhece - e você os passou! Então você pode ir adiante. Assim, minha insistência é sempre começar do primeiro corpo. Para todos!

Mover-se do quarto corpo é a coisa mais significativa. Até o quarto corpo você é humano. Agora você torna-se super-humano. No primeiro corpo você é simplesmente um animal. Somente com o segundo corpo a humanidade começa. E somente no quarto ela floresce completamente. A civilização nunca foi além do quarto. Além do quarto é além do humano. Não podemos classificar Cristo como ser humano. Um Buda, um Mahavira, um Krishna, estão além do humano. Eles são super-humanos.

O olhar para cima é um salto desde o quarto corpo. Quando olho ao meu primeiro corpo de fora dele, sou apenas um animal com a possibilidade de ser humano. A única diferença é que eu posso tornar-me humano e o animal não. No que se refere à situação atual, nós somos ambos, abaixo da humanidade, sub-humanos. Mas eu tenho uma possibilidade de ir além. E do segundo corpo em diante, o florescer do ser humano acontece.

Mesmo alguém no quarto corpo parece super-humano para nós. Eles não são. Um Einstein ou um Voltaire parecem super-humanos, mas não são. Eles são o completo florescer do ser humano e nós estamos *abaixo* do humano, logo eles estão acima de nós. Mas eles não estão acima do humano. Somente um Buda, um Cristo ou Zaratustra é mais do que humano. Por olhar para cima, por elevar suas consciências para o alto desde o quarto corpo, eles cruzaram a fronteira da mente; eles transcenderam ao corpo mental.

Há parábolas que merecem o nosso entendimento. Maomé olhando para cima, diz que algo veio a ele do alto. Nós interpretamos este *do alto* geograficamente, assim o céu torna-se o domicílio dos deuses. Para nós, *para cima* significa o céu; *para baixo*

significa a camada abaixo da terra. Mas se o interpretamos desta maneira, o símbolo não foi compreendido. Quando Maomé está olhando para o alto, não está olhando para o céu; está olhando para o *ajna chakra*. Quando diz que algo veio a ele de cima, seu sentimento é certo. Mas *alto* tem um significado diferente para nós.

Em todo quadro, Zaratustra está olhando para cima. Seus olhos nunca estão para baixo. Ele estava olhando para o alto quando pela primeira vez viu o divino. O divino veio a ele como fogo. Eis porque os persas têm sido adoradores do fogo. Este sentimento de fogo vem do *ajna chakra*. Quando você olha para o alto, o lugar parece em brasa, como se tudo estivesse queimando. Por causa dessa queima, você é transformado. O ser mais baixo está sendo queimado, ele cessa de ser, e o ser mais alto nasce. Esse é o significado de passar pelo fogo.

Após o quinto corpo você se move ainda para outro domínio, outra dimensão. Do primeiro corpo ao quarto corpo o movimento é de fora para dentro; do quarto corpo ao quinto é de baixo para cima; do quinto é de baixo para cima; do quinto é do ego para o não-ego. Agora a dimensão é diferente. Não há a questão de fora, dentro, para cima, para baixo. A questão é de eu e não-eu. A questão agora está relacionada a se há um centro ou não.

A pessoa está sem qualquer centro até o quinto - fragmentada em diferentes partes. Somente para o quinto corpo há um centro: uma unicidade. Mas o centro torna-se o ego. Agora este centro será um obstáculo para o progresso além. Você tem de abandonar toda ponte que atravessa. Ela era útil no atravessar, mas torna-se um obstáculo para o progresso além. Você tem de abandonar toda ponte que atravessa. Ela era útil no atravessar, mas tornar-se-á um obstáculo se você se apegar a ela.

Até o quinto corpo, tem de ser criado um centro. Gurdjieff diz que este quinto centro é a cristalização. Agora não há servos; o senhor assumiu. Agora o senhor é o senhor. Ele está desperto; ele

voltou; quando o senhor está presente, os servos apaziguam-se, tornam-se silenciosos.

Assim, quando você entra no quinto corpo, ocorre a cristalização do ego. Mas agora, para progresso futuro, esta cristalização deve ser de novo perdida. Perdida no vazio, no cósmico. Somente aquele que *tem* pode perder, assim falar de ausência do ego antes do quinto corpo é sem sentido, absurdo. Você não tem um ego, logo como pode perdê-lo? Ou você pode dizer que tem muitos egos, cada servo tem um ego. Você é multiegoístico, uma multipersonalidade, uma multisiquê, mas não um ego unificado.

Você não pode perder o ego porque não o tem. Um rico pode renunciar às suas riquezas, mas não um pobre. Ele não tem nada a que renunciar, nada a perder. Mas há pobres que pensam em renúnciação. Um rico teme a renúnciação porque tem algo a perder, mas um pobre está sempre pronto para renunciar. Ele está pronto, mas não tem nada a que renunciar.

O quinto corpo é o mais rico. É a culminação de tudo aquilo que é possível para o ser humano. O quinto é o pico da individualidade, o pico do amor, da compaixão, de tudo que vale a pena. As aflições se perderam. Agora a flor também deve ser perdida. Então haverá simplesmente o perfume, não a flor.

O sexto é o domínio do perfume, perfume cósmico. Nenhuma flor, nenhum centro. Uma circunferência, mas não um centro. Você pode dizer que tudo tornou-se um centro, ou que agora não há centro. Apenas um sentimento difuso está ali. Não há cisão, não há divisão - nem mesmo a divisão do individual no eu e no não-eu e o outro. Não há divisão de forma alguma.

Assim, o individual pode ser perdido de duas formas: uma, esquizofrênica, cindindo-se em muitas subpessoas; e outra, cósmica - perdido no supremo, perdido no maior, no máximo, em Brahma; perdido na vastidão. Agora a flor não é, mas o perfume é.

A flor também é um transtorno, mas quando só o perfume é, é perfeito. Agora não há fonte, logo, ela não pode morrer. Ela é

imortal. Tudo que tem uma fonte morrerá, mas agora a flor não é, assim não há fonte. O perfume não é causado, logo não há morte e nem fronteira para ele. Uma flor tem limites; o perfume é ilimitado. Não há barreira para ele. Ele vai e vai e vai além.

Assim, do quinto corpo a questão não é para cima ou para baixo, para os lados, dentro, fora. A questão é estar com o ego ou estar sem ego. E o ego é a coisa mais difícil de todas para se perder. O ego não é um problema até o quinto corpo, porque o progresso preenche o ego. Ninguém quer ser esquizofrênico; todos prefeririam ter uma personalidade cristalizada. Assim, todo *sadhaka*, todo buscador, pode progredir para o quinto corpo.

Não há método para mover-se além do quinto corpo porque todo tipo de método é limitado com o ego. No momento em que você usa um método, o ego é reforçado. Logo, aqueles que estão preocupados em ir além do quinto, falam do não-método. Eles falam da não-metodologia, da não-técnica. Agora não há *como*. Do quinto, não há método possível.

Você pode utilizar um método até o quinto, mas após nenhum método será de uso, porque *aquele que usa* deverá ser perdido. Se estiver usando algo, o que usa tornar-se-á um núcleo de cristalização. Eis porque aqueles que permanecem no quinto corpo dizem que há almas infinitas, espíritos infinitos. Eles pensam de cada espírito como se fosse um átomo. Dois átomos não podem se encontrar. Eles estão sem janelas, sem portas, fechados para tudo fora deles mesmos.

O ego é sem janelas. Você pode usar uma palavra de Leibnitz: *mônadas*. Aqueles que permanecem no quinto corpo convertem-se em mônadas: átomos sem janelas. Agora você está só, e só, e só.

Mas este ego cristalizado tem de ser perdido. Como perdê-lo quando não há método? Como ir além dele quando não há caminho? Como fugir dele? Não há porta. Os monges Zen falam da porta sem porta. Agora não há porta e ainda o indivíduo tem de ir além dela.

Assim, o que fazer? A primeira coisa: não esteja identificado com esta cristalização. Apenas esteja consciente desta casa fechada do eu. Apenas esteja consciente dela - não faça nada - e há uma explosão! Você estará além dela.

Eles têm uma parábola no Zen. Um ovo de ganso é colocado numa garrafa. O ganso sai do ovo e começa a crescer, mas a boca da garrafa é tão pequena que o ganso não pode sair da garrafa. Ele cresce mais e mais e a garrafa se torna muito pequena para viver nela. Agora ou a garrafa terá de ser destruída para salvar o ganso, ou o ganso morrerá. Pergunta-se aos buscadores: O que deve ser feito? Não queremos perder nem um, nem o outro. O ganso deve ser salvo e a garrafa também. Assim, o que fazer? Esta é a pergunta do quinto corpo. Quando não há saída e o ganso está crescendo, quando a cristalização tornou-se consolidada, o que fazer agora?

O buscador vai para dentro de uma sala, fecha a porta e começa a refletir nela. O que fazer? Só duas coisas parecem possíveis: ou destruir a garrafa e salvar o ganso ou deixar o ganso morrer e salvar a garrafa. O meditador continua a pensar e pensar. Ele pensa em algo, mas depois será cancelado porque não há como fazê-lo. O professor o manda de volta para pensar um pouco mais.

Por muitas noites e muitos dias o buscador continua a pensar, mas não há maneira de fazê-lo. Finalmente chega um momento quando o pensar cessa. Ele corre gritando: Eureka! O ganso está fora! O professor nunca pergunta como, porque a coisa é simplesmente sem sentido.

Assim, para mover-se do quinto corpo, o problema converte-se num *koan* Zen. O indivíduo deveria simplesmente estar consciente da cristalização - e o ganso está fora! Chega um momento quando você está fora; não há eu. A cristalização foi ganha e perdida. Para o quinto, a cristalização (o centro, o ego) era essencial. Como uma passagem, como uma ponte, era uma necessidade; caso contrário o quinto corpo não podia ser atravessado. Mas agora ela não é mais necessária.

Há pessoas que alcançaram o quinto sem passar pelo quarto. Uma pessoa que tem muitas riquezas alcançou o quinto; ela cristalizou de uma certa forma, Uma pessoa que se tornou um presidente de um país cristalizou de uma certa forma. Um Hitler, um Mussolini, estão cristalizados de uma certa forma. Mas a cristalização está no quinto corpo. Se os quatro corpos inferiores não estão em concordância com ela, então a cristalização torna-se uma doença. Mahavira e Buda também estão cristalizados, mas a cristalização deles é diferente.

Todos nós almejamos preencher o ego, por causa de uma necessidade profunda de alcançarmos o quinto corpo. Mas se escolhermos um atalho, no final estaremos perdidos. O caminho mais curto é através das riquezas, do poder, da política. O ego pode ser alcançado, mas é uma falsa cristalização; não está em concordância com sua personalidade total. É como um calo que se forma no pé e se torna cristalizado. É uma falsa cristalização, um crescimento anormal, uma doença.

Se o ganso está fora no quinto, você está no sexto. Do quinto ao sexto é o domínio do mistério. Até o quinto, os métodos científicos podem ser usados, logo o yoga é útil. Mas após isso é sem sentido, porque yoga é uma metodologia, uma técnica científica.

No quinto, o Zen é muito *útil*. É um método de crescer do quinto para o sexto. O Zen floresceu no Japão, mas começou na Índia. Suas raízes vieram do yoga. O yoga floresceu em Zen.

O Zen atraiu muito no Ocidente porque o ego ocidental está, num certo sentido, cristalizado. No Ocidente, eles são os donos do mundo; ele têm tudo. Mas o ego tornou-se cristalizado através de um processo errado. Não se desenvolveu através da transcendência dos quatro primeiros corpos. Assim, o Zen tornou-se atraente para o Ocidente, mas não será de ajuda porque a cristalização está errada. Grudjieff é muito mais útil para o Ocidente, porque ele trabalha do primeiro corpo ao quinto. Ele não é útil além do quinto. Só até o

quinto, à cristalização. Através de sua técnica você pode alcançar uma cristalização apropriada.

O Zen tem sido apenas um modismo no Ocidente, porque não tem raízes lá. Desenvolveu-se mediante um processo muito longo no Oriente, começando com a *hatha* yoga e terminando no Buda. Milhares e milhares de anos de humildade: não de ego, mas de passividade; não de ação positiva, mas de receptividade - através de uma longa duração da mente feminina, a mente receptiva. O Oriente tem sempre sido feminino, enquanto o Ocidente é masculino: agressivo, positivo. O Oriente tem sido uma abertura, uma receptividade. O Zen pôde ser útil no Oriente porque outros métodos, outros sistemas, trabalharam nos quatro corpos mais baixos. Estes quatro tornaram-se as raízes e o Zen pôde florescer.

Hoje, o Zen tornou-se quase sem sentido no Japão. A razão é que o Japão tornou-se absolutamente ocidental. Os japoneses já foram pessoas mais humildes, mas agora a humildade deles é apenas fachada. Não é mais parte de seu cerne mais interior. Assim, o Zen foi extirpado no Japão e agora é popular no Ocidente. Mas esta popularidade é apenas por causa da falsa cristalização do ego.

Do quinto corpo ao sexto, o Zen é muito útil. Mas somente então, nem antes nem além. É absolutamente inútil para os outros corpos, mesmo prejudicial. Ensinar cursos de nível universitário na escola não apenas ajuda; pode ser nocivo.

Se o Zen é usado antes do quinto corpo, você pode experimentar *satori*, mas isso não é *samadhi*. *Satori* é um falso *samadhi*. É um vislumbre de *samadhi*, mas é apenas relance. No que se refere ao quarto corpo (o corpo mental), o *satori* tornará você mais artístico, mais estético, Criará um sentido de beleza em você; criará um sentimento de bem-estar. Mas não será de ajuda na cristalização. Não ajudará a se mover do quarto corpo ao quinto.

Só além da cristalização o Zen é útil. O ganso está fora da garrafa sem qualquer *como*. Mas somente neste ponto ele pode ser praticado, após tantos outros métodos terem sido utilizados. Um

pintor pode pintar de olhos fechados; pode pintar como se fosse uma brincadeira. Um ator pode atuar como se não estivesse atuando. Aliás, o atuar torna-se perfeito somente quando não parece encenação. Mas muitos anos de trabalho foram colocados nele, muitos anos de prática. Agora o ator está completamente à vontade, mas essa naturalidade não é obtida num dia. Tem seus próprios métodos.

Nós andamos, mas nunca sabemos como o fazemos. Se alguém lhe pergunta como você anda, você responde: "Simplesmente ando." Não há *como* nele. Mas o *como* acontece quando uma criança começa a caminhar. Ela aprende. Se você fosse dizer à criança que para andar não há necessidade de método - Você simplesmente anda! - seria sem sentido. A criança não o entenderia. Krishnamurti tem falado desta forma, falado com adultos que têm mentes de crianças, dizendo, Você pode andar. Você simplesmente anda! As pessoas ouvem. Elas se encantam. Fácil! Andar sem qualquer método. Então, todos podem andar.

Krishnamurti também tornou-se atraente no Ocidente, só por causa disto. Se você olha a *hatha* yoga ou *mantra* yoga ou *bhakti* yoga ou *raja* yoga, ou tantra yoga, parece tão demorado, tão árduo, tão difícil. Séculos de trabalho são necessários, nascimentos e nascimentos. Elas não podem esperar. Algum atalho, algo instantâneo deve estar ali. Assim, Krishnamurti as atrai. Ele diz, Você simplesmente anda. Você caminha para Deus. Não há método. Mas o não-método é a coisa mais difícil de alcançar. Interpretar como se o indivíduo não estivesse interpretando, falar como se não estivesse falando, andar sem esforço como se não estivesse andando, estão baseados num longo esforço.

O trabalho e o esforço são necessários; precisa-se deles. Mas eles têm um limite. São necessários até o quinto corpo, mas são inúteis do quinto para o sexto. Você não irá a lugar algum; o ganso nunca estará fora.

Esse é o problema dos yogues indianos. Eles acham difícil cruzar o quinto porque eles estão encantados pelo método, hipnotizados pelo método. Eles sempre trabalham com o método. Tem sido uma ciência nítida até o quinto e eles progrediram com facilidade. Era um esforço - e eles puderam fazê-lo! Não importa quanta intensidade era necessária, não era problema para eles. Não importa quanto esforço, eles podiam provê-lo. Mas agora no quinto, eles têm de atravessar o domínio do método para o não-método. Agora eles estão perplexos. Eles sentam-se, eles param. E para muitos buscadores, o quinto torna-se o fim.

Eis porque se fala de cinco corpos, não de sete. Aqueles que foram até o quinto pensam que ele é o fim. Não é o fim; é um novo começo. Agora o indivíduo deve mover-se do individual para o não-individual. Zen, ou métodos como o Zen, feitos sem esforço, podem ser úteis.

Zazen significa apenas sentar, sem nada fazer. Uma pessoa que tem feito muito não pode conceber isto. Simplesmente sentar e não fazer nada! É inconcebível. Um Gandhi não pode concebê-lo. Ele diz, Eu vou girar minha roda. Algo deve ser feito. Esta é minha oração, minha meditação. Não fazer nada para ele significa fazer nada. Não fazer tem o seu próprio domínio, seu próprio gozo, seu próprio ajuste, mas isso é do quinto corpo para o sexto. Não pode ser entendido antes disso.

Do sexto ao sétimo, não há nem mesmo um não-método. O método perde-se no quinto e o não-método é perdido no sexto. Um dia você simplesmente descobre que está no sétimo. Até o cosmo se foi; somente a inexistência é. Simplesmente acontece. É uma ocorrência do sexto para o sétimo. Não causada, desconhecida.

Somente quando não é causada torna-se descontínua para com o que fora antes. Se é causada, então há uma continuidade e o ser não pode ser perdido - mesmo no sétimo. O sétimo é o total não ser: nirvana, vazio, inexistência.

Não há possibilidade de qualquer continuidade no mover-se da existência para a inexistência. É apenas um salto, não causado. Se fosse causado haveria uma continuidade e seria exatamente como o sexto corpo. Assim, mover-se do sexto para o sétimo não pode nem mesmo ser comentado. É uma descontinuidade, uma lacuna. Algo era, e algo agora não é - e não há conexão entre os dois. Algo simplesmente cessou e algo simplesmente entrou. Não há relação entre eles. É como se um convidado saísse por uma porta e outro entrasse pelo outro lado. Não há relação entre a saída de um e a entrada do outro. Eles não estão relacionados.

O sétimo corpo é o supremo, porque agora você cruzou até mesmo o mundo da causalidade. Você foi para a fonte original, àquela que era antes da criação e que será após a aniquilação. Assim, do sexto ao sétimo não há nem mesmo o não-método. Nada é de qualquer ajuda; tudo tem de ser um obstáculo. Do cósmico à inexistência há apenas um acontecer: não causado, não preparado, não pedido.

Acontece instantaneamente. Só uma coisa deve ser lembrada: você não deve se apegar ao sexto. O apego o impedirá de se mover para o sétimo. Não há maneira positiva de se mover para o sétimo, mas pode haver um obstáculo negativo. Você pode apegar-se a Brahma, o cosmo. Você pode dizer, Eu alcancei! Aqueles que dizem que alcançaram não podem ir para o sétimo.

Esses que dizem, Eu conheci, permanecem no sexto. Assim, aqueles que escreveram os Vedas permaneceram no sexto. Somente um Buda atravessa o sexto, porque ele diz, Eu não sei. Ele se recusa a dar respostas às questões últimas. Ele diz, Ninguém sabe. Ninguém soube. Buda não podia ser entendido. Aqueles que o ouviam, diziam, Não, nossos professores conheceram. Eles dizem que Brahma é. Mas Buda está falando do sétimo corpo. Nenhum professor pode dizer que conheceu, com referência ao sétimo, porque no momento em que você o diz, você perde contato com ele. Uma vez que o tenha conhecido, você não pode dizê-lo. Até o sexto

corpo os símbolos podem ser expressivos, mas não há símbolo para o sétimo. Ele é apenas um vazio.

Há um templo na China que está totalmente vazio. Não há nada nele; nenhuma imagem, nem escrituras, nada. Há apenas paredes despidas, nuas. Até o sacerdote reside fora. Ele diz, Um sacerdote só pode estar fora do templo; não pode estar dentro. Se você perguntar ao sacerdote onde está a deidade do templo, ele dirá, Veja-a! - e há o vazio; não há ninguém. Ele dirá, Veja! Aqui! Agora! e há apenas um templo nu, despido, vazio.

Se você busca objetos, então você não pode atravessar do sexto para o sétimo. Assim, há preparativos negativos. Uma mente negativa é necessária, uma mente que não está almejando nada - nem mesmo *moksha*, nem mesmo libertação, nem mesmo nirvana, nem mesmo verdade; uma mente que não está esperando por nada - nem mesmo por Deus, por Brahma. Ela apenas é, sem qualquer ânsia, sem qualquer desejo. Apenas é². Então acontece... e até mesmo o cosmo se foi.

Assim, você pode atravessar para o sétimo pouco a pouco. Comece do físico e trabalhe através do etérico. Então do astral, do mental, do espiritual. Até o quinto você pode trabalhar e então, do quinto em diante, apenas esteja consciente. Fazer não é importante, então; a consciência é importante. E finalmente, do sexto ao sétimo, até mesmo a consciência não é de importância. Somente o estado do que é³, ser. Esta é a potencialidade das nossas sementes. Esta é a nossa possibilidade.

1. O *ajna chakra*, o espaço entre duas sobrancelhas, é conhecido como o terceiro olho. (N. edição original)

2. Osho utiliza-se de um recurso singular, unindo o vocábulo *is* (é) ao sufixo *ness* (que significa a condição, a qualidade ou o estado de ser). O termo, unido por um hífen, conota o sentido do que é em seu estado de simplesmente ser. (NT)

3. O mesmo recurso apontado na nota anterior é aqui repetido. (NT)

8. TORNAR-SE E SER

Diga-nos algo, por favor, sobre as tensões e sobre o relaxamento dos sete corpos.

A fonte original de toda tensão é tornar-se. O indivíduo está sempre tentando ser algo; ninguém está tranqüilo consigo mesmo tal qual é. O não ser é aceito, o ser é negado e algo mais é tomado como um ideal no qual se transformar. Assim, a tensão básica é sempre entre aquilo que você é e aquilo que você ambiciona vir a ser.

Você deseja tornar-se algo. A tensão significa que você não está satisfeito com o que você é e você ambiciona ser o que não é. A tensão é criada entre estes dois. O que você deseja se tornar é irrelevante. Se quiser se tornar rico, famoso, poderoso, ou mesmo se quiser ser livre, liberado, ser divino, imortal, mesmo se você ambiciona a salvação, *moshka*, também a tensão estará ali.

Qualquer coisa que seja desejada como algo a ser satisfeito no futuro, contra você *como você é*, cria tensão. Quanto mais impossível o ideal é, maior a tensão tende a ser. Por conseguinte, a pessoa que é materialista, normalmente não é tão tensa como a que é religiosa, porque a pessoa religiosa está ambicionando o impossível, o distante. A distância é tão grande que somente uma grande tensão pode preencher o vazio.

Tensão significa uma lacuna entre o que você é e o que quer ser. Se a lacuna for grande, a tensão será grande. Se a lacuna for pequena, a tensão será pequena. E se não há lacuna de forma alguma, significa que você está satisfeito com o que você é. Em outras palavras, você não ambiciona ser uma coisa que você não é. Então sua mente existe no momento. Não há nada com o que estar

tensa; você está satisfeito consigo mesmo. Você está no Tao. Para mim, se não há lacuna você é religioso; você está em *dharma*¹.

A lacuna pode ter muitas camadas. Se a ambição for física, a tensão será física. Quando você busca um corpo particular, uma forma particular - se você ambiciona algo diferente do que você é no nível físico - então há tensão no seu corpo físico. Alguém quer ser mais bonito. Agora o corpo dele torna-se tenso. Esta tensão começa no primeiro corpo, o fisiológico, mas se é insistente, constante, pode se acumular e se espalhar para outras camadas do seu ser.

Se você está ambicionando poderes psíquicos, então a tensão começa no nível psíquico e se espalha. O espalhar-se é exatamente como se você jogasse uma pedra no lago. A pedra cai num ponto particular, mas as vibrações criadas por ela continuarão a se espalhar até o infinito. Assim, a tensão pode se iniciar em qualquer um dos sete corpos, mas a fonte original é sempre a mesma; a lacuna entre um estado que é e um estado que é almejado.

Se você tem a mente de um tipo particular e quer trocá-la, transformá-la - se você deseja ser mais talentoso, mais inteligente - então a tensão é criada. Só se aceitarmos a nós mesmos totalmente não há tensão. Esta aceitação total é o milagre, o único milagre. Encontrar uma pessoa que tenha aceito a si mesma totalmente, é a única coisa surpreendente.

A existência em si não é tensa. A tensão é sempre por causa das possibilidades hipotéticas, não existenciais. Não há tensão no presente; a tensão é sempre voltada ao futuro. Ela procede da imaginação. Você pode imaginar-se como algo diferente do que é. Este potencial imaginado criará a tensão. Quanto mais imaginativa a pessoa é, maior a possibilidade de tensão. Então a imaginação torna-se destrutiva.

A imaginação pode também tornar-se construtiva, criativa. Se toda sua capacidade de imaginar está focalizada no presente, no momento e não no futuro, então você pode começar a ver sua existência como poesia. Sua imaginação não está criando uma

ambição; está sendo usada na vivência. Esta vivência no presente está além da tensão.

Os animais não são tensos, as árvores não são tensas, porque eles não têm a capacidade de imaginar. Eles estão abaixo da tensão, não além dela. A tensão deles é apenas uma potencialidade; não se tornou atual. Eles estão evoluindo. Surgirá um momento em que a tensão explodirá em seus seres e eles começarão a ambicionar o futuro, É propenso a acontecer. A imaginação torna-se ativa.

A primeira coisa a respeito da qual a imaginação se torna ativa é o futuro. Você cria imagens e porque não há realidades correspondentes, continua a criar mais e mais imagens. Mas no que diz respeito ao presente, você não concebe a imaginação relacionada a ele. Como você pode ser imaginativo no presente? Parece não haver necessidade. Este ponto deve ser entendido.

Se puder estar *conscientemente presente* no presente, você não estará vivendo na imaginação. Então a imaginação estará livre para criar dentro do presente em si. Só é necessário o focar correspondente. Se a imaginação é focalizada no real, ela começa a criar. A criação pode tomar qualquer forma. Se você é poeta, ela se converte numa explosão de poesia. A poesia não será uma ambição do futuro, mas será uma expressão do presente. Ou se você é pintor, a explosão será de pintura. A pintura não será algo como você imaginou, mas como o conheceu e o vivenciou.

Quando você não está vivendo na imaginação, o momento presente lhe é dado. Você pode expressá-lo ou pode cair no silêncio. Mas o silêncio agora, não é um silêncio morto que é praticado. Este silêncio é também uma expressão do momento presente. O momento é tão profundo que agora pode ser exprimido apenas pelo silêncio. Nem mesmo a poesia é adequada; nem mesmo a pintura é adequada. Nenhuma expressão é possível. O silêncio é a única expressão. Este silêncio não é algo negativo, mais propriamente é um florescer positivo. Algo floresceu dentro de você, a flor do silêncio e através deste silêncio, tudo o que você está vivendo é expressado.

Um segundo ponto também deve ser entendido. Esta expressão do presente através da imaginação não é nem uma imaginação do futuro, nem uma reação contra o passado. Não é uma expressão de alguma experiência que tenha sido conhecida. É a experiência do experimentar como você o está vivendo, como está acontecendo em você. Não é uma experiência vivida, mas um processo vivente de experimentação.

Então sua experiência e seu experimentar não são duas coisas. Eles são uma e a mesma. Então não há pintor. O experimentar tornou-se a pintura; o próprio experimentar expressou-se. Você não é o poeta; você é a poesia. A experiência não é nem para o futuro, nem para o passado; a experiência não é *desde* o futuro, nem *desde* o passado. O momento em si tornou-se a eternidade e tudo vem dele. É um florescer.

Este florescer terá sete camadas, assim como a tensão tem sete camadas. Existirá em cada corpo. Por exemplo, se acontecer no nível fisiológico, você tornar-se-á belo em um sentido bem diferente. Esta beleza não é da forma, mas do amorfo, não do visível, mas do invisível. E se você puder sentir este momento não-tenso no seu corpo, conhecerá um bem-estar que não conhecera antes, um bem-estar positivo.

Nós conhecemos estados de bem-estar que são negativos: negativos no sentido de que quando não estamos doentes, dizemos que estamos sadios. Esta saúde é simplesmente uma negação da doença. Não tem nada de positivo nela; é apenas a doença que não está lá. A definição médica de saúde é de que você não está doente, você está são. Mas a saúde tem também uma dimensão positiva. Não é apenas a ausência da doença; é a presença da saúde.

Seu corpo pode estar não-tenso somente quando você vive a existência de momento-a-momento. Se você está comendo e o momento tornou-se a eternidade, então não há passado e não há futuro. O próprio processo de comer é tudo o que é. Você não está fazendo algo; você tornou-se o fazer. Não haverá tensão; seu corpo

será satisfeito. Ou se você está em comunhão sexual e o sexo não é apenas um alívio da tensão sexual, mas antes, uma expressão positiva de amor - se o momento tornou-se o total, tudo e você está nele completamente — então você conhecerá um bem-estar positivo no seu corpo.

Se você está correndo e o correr converteu-se na totalidade da sua existência; se você é as sensações que estão chegando a você, não algo à parte delas, mas um com elas; se não há futuro, nem uma meta para este correr, o correr em si é a meta - então você conhece um bem-estar positivo. Então o seu corpo está não-tenso. No nível fisiológico, você conheceu um momento de vivência não-tensa.

E o mesmo é verdade com cada um dos sete corpos. Entender um momento não-tenso no primeiro corpo é fácil, porque nós já sabemos de suas coisas que são possíveis no corpo: a doença (uma enfermidade positiva) e o bem-estar definido negativamente (uma ausência de enfermidade). Este tanto nós já sabemos, logo, podemos conceber uma terceira possibilidade, aquela do bem-estar positivo (saúde). Mas entender o que a não-tensão é no segundo corpo, o etérico, é um pouco mais difícil, porque você não conheceu nada a respeito dele. Mas ainda, certas coisas podem ser entendidas.

Os sonhos estão basicamente relacionados ao segundo corpo, o etérico. Assim, quando falamos dos sonhos, do que estamos falando é dos sonhos do corpo etérico. Mas se o corpo físico vive em tensão, então muitos sonhos são criados por ele. Por exemplo, se você tem fome ou se está em jejum, então um tipo particular de sonho é criado. Isto é o sonhar fisiológico. Não está relacionado ao corpo etérico.

O corpo etérico tem sua própria tensão. Nós conhecemos o corpo etérico somente nos sonhos, portanto, se o corpo etérico está tenso, o sonho converte-se num pesadelo. Mesmo no seu sonho você estará tenso agora; a tensão o acompanhará.

A primeira tensão no corpo etérico está relacionada com a satisfação dos seus desejos. Todos nós temos sonhos de amor. O

sexo é fisiológico; o amor não é. O amor não tem nada a ver com o corpo físico, é concernente ao corpo etérico; mas se não é satisfeito, então até mesmo o seu corpo físico pode sofrer por causa dele. Não apenas o corpo físico tem necessidades que precisam ser satisfeitas, mas o seu corpo etérico também tem necessidades. Tem suas próprias fomes; também necessita de alimento. O amor é esse alimento.

Todos nós continuamos a sonhar o amor, mas nunca estamos no amor. Todos sonham com o amor — como seria, com quem seria - e todos estão frustrados nele. Ou estamos sonhando sobre o futuro, ou, em frustração, sobre o passado; mas nunca estamos amando.

Há outras tensões no corpo etérico também, mas o amor é a que mais facilmente pode ser entendida. Se você pode amar *no momento*, então uma situação não-tensa é criada no corpo etérico. Mas você não pode amar no momento se tem exigências, expectativas, condições para o amor, porque as exigências, as expectativas e as condições dizem respeito ao futuro.

O presente está além das nossas especificações. É como é. Mas você pode ter expectativas do futuro: como *deveria ser*. O amor também converteu-se num *deveria*; é sempre concernente ao que *deveria ser*. Você só pode ser amoroso no presente, se o seu amor não é uma expectativa, um exigência, somente se é incondicional.

Se você é amoroso para com uma só pessoa e não para com um outro alguém, então você jamais pode amar no presente. Se o seu amor é um relacionamento e não um estado de espírito, você não pode amar no presente, porque, muito sutilmente, isso também é uma condição. Se eu lhe disser que posso ser amoroso só para com você, então quando você não estiver aqui, não estarei amando. Por vinte e três horas eu estarei num estado de espírito de não-amor e apenas por uma hora, quando estiver com você, estarei amando. Isto é impossível! Você não pode estar num estado de amor num momento e não estar no amor noutro momento.

Se sou sadio, sou sadio vinte e quatro horas. É impossível ser sadio uma hora e doente as outras vinte e três horas. Saúde não é um relacionamento; é um estado de ser.

O amor não é um relacionamento entre duas pessoas. É um estado de espírito dentro de você mesmo. Se você está amando, está amando a todos. E não apenas às pessoas; às coisas também. O amor também se move de você para os objetos. Mesmo quando está só, quando ninguém está lá, você está amando. É exatamente como respirar. Se eu jurar que só respirarei quando estiver com você, só a morte poderá resultar disto. Respirar não é relacionamento; não está vinculado a qualquer relacionamento. E para o corpo etérico, o amor é exatamente como o respirar. É a respiração dele.

Portanto, ou você está amando ou não está amando. O tipo de amor que a humanidade criou é muito perigoso. Nem mesmo a doença criou tanta falta de sentido quanto criou este assim chamado amor. Toda a humanidade está doentia por causa desta noção errônea de amor.

Se você pode amar e estar amando, independentemente de quem, então o seu segundo corpo pode ter um senso de bem-estar, uma tranquilidade positiva. Então não há pesadelos. Os sonhos tornam-se uma poesia. Então algo acontece no seu segundo corpo e o perfume dele não apenas permeia você, mas os outros também. Onde quer que esteja, o perfume do seu amor se espalha. E claro, ele tem a sua própria resposta, seu próprio ecoar.

O amor real não é uma função do ego. O ego está sempre pedindo poder, assim, mesmo quando você ama - porque seu amor não é real, porque é apenas uma parte do ego - é propenso a ser violento. Sempre que amamos, é uma violência, um tipo de guerra. Pai e filho, mãe e filha, marido e mulher - não são amantes; nós os convertemos em inimigos. Eles estão constantemente lutando e somente quando não estão lutando, dizemos que é amor. A definição é negativa. Entre duas batalhas há um intervalo, um período de paz.

Mas realmente, entre duas guerras não há possibilidade de paz. A assim chamada paz é apenas uma preparação para a guerra vindoura. Não há paz entre marido e mulher, não há amor. O intervalo que chamamos de amor é apenas um preparo para a luta vindoura. Pensamos que há saúde quando estamos entre duas enfermidades e pensamos que há amor quando estamos entre duas lutas. Não é amor. É apenas um intervalo entre combates. Você não pode lutar continuamente por vinte e quatro horas, assim, em algum ponto você começa a amar seu inimigo.

O amor nunca é possível como um relacionamento, mas apenas como um estado de espírito. Se o amor chega a você como um estado de espírito, então seu segundo corpo (o corpo etérico) torna-se tranqüilo, não-tenso. Está relaxado. Há outras razões para a tensão no segundo corpo, mas estou falando da que pode ser mais facilmente compreendida. Porque pensamos que conhecemos o amor, pode-se falar a respeito dele.

O terceiro corpo é o corpo astral. Ele tem suas próprias tensões. Elas são pertinentes não apenas a esta vida, mas também às suas vidas anteriores. A tensão no terceiro corpo é por causa da acumulação de tudo que você tem sido e de tudo que você tem almejado. Sua ânsia total, milhares e milhares de vidas e de suas ânsias repetitivas, estão no corpo astral. E você tem sempre ambicionado! Não importa o que. A ambição está ali.

O corpo astral é um depósito de suas ânsias, de seus desejos totais. Eis porque ele é a parte mais tensa do seu ser. Quando você mergulha em meditação, torna-se consciente das tensões astrais, porque a meditação começa do terceiro corpo. As pessoas que começam a ficar conscientes destas tensões através da meditação, vêm a mim e dizem, Desde que comecei a meditar, as tensões aumentaram. Elas não aumentaram, mas vocês tornaram-se conscientes delas agora. Agora vocês conhecem algo do qual não estavam conscientes antes.

Estas são as tensões astrais. Porque elas são as essências de tantas vidas, não podem ser descritas por qualquer palavra particular. Nada pode ser dito sobre elas que possa ser entendido. Elas apenas podem ser vivenciadas e conhecidas.

O desejo em si é a tensão. Nunca estamos sem desejo por uma coisa ou por outra. Há até mesmo pessoas que desejam a falta de desejo. Torna-se uma insensatez total. No terceiro corpo, o corpo astral, você pode desejar estar sem desejos. Aliás, o desejo de estar sem desejos é um dos desejos mais fortes. Pode criar uma das maiores lacunas entre o que é e o que você quer ser.

Assim, aceite seus desejos como são e saiba que você tem tido desejos por muitas vidas. Você tem desejado tanto e toda a coisa se acumulou. Logo, para o terceiro corpo (o corpo astral), aceite seus desejos como são. Não lute com eles; não crie um desejo contra os desejos. Apenas aceite-os. Saiba que você se tornará não-tenso no corpo astral.

Se você pode aceitar a multidão infinita de desejos no seu interior sem criar um desejo *contra* estes desejos; se você pode estar na multidão de desejos (eles são todo o seu passado acumulado) e os aceita como são; se esta aceitação torna-se total - então, num único momento, toda a multidão desaparece. Eles não estão mais lá, porque eles só podem existir contra um pano de fundo de desejos, um constante desejar pelo que não é.

O objeto do desejo não importa; é irrelevante. Deseje até mesmo a ausência de desejo e o pano de fundo está lá; toda a multidão estará lá. Se você aceita seu desejo, um momento de ausência de desejo é criado. Você aceita seu desejo como é. Você aceita tudo como é, até mesmo seus desejos. Então os desejos se evaporam; nada tem de ser feito a eles. O corpo astral torna-se tranqüilo; chega a um estado de bem-estar positivo. Somente então você pode prosseguir para o quarto corpo.

O quarto corpo é o corpo mental. Assim como há desejos no corpo astral, no corpo mental há pensamentos; pensamentos

contraditórios, toda uma multidão deles, cada pensamento admirando-se a si mesmo como o todo, cada pensamento possuindo você como se ele fosse o todo. Portanto, a tensão no quarto corpo é criada pelos pensamentos. Estar sem pensamentos — não adormecido, não inconsciente, mas uma consciência sem pensamento - é a saúde, o bem-estar do quarto corpo. Mas como pode alguém estar consciente e sem pensamentos?

A cada momento, novos pensamentos estão sendo criados. A cada momento algo do seu passado está entrando em conflito com algo do seu presente. Você era comunista e agora é católico e acredita numa outra coisa, mas o passado ainda está ali. Você pode tornar-se católico, mas não pode jogar fora seu comunismo. Ele permanece em você. Você pode mudar seus pensamentos, mas os pensamentos rejeitados estão sempre ali esperando. Você não pode desaprendê-los. Eles atingem suas profundezas; eles penetram no inconsciente. Eles não se mostrarão a você porque você os rejeitou, mas permanecerão ali, esperando a chance. E a chance virá. Mesmo num período de vinte e quatro horas, haverá um momento em que você será comunista outra vez e depois será católico de novo. Isto continuará e continuará, para frente e para trás e o efeito total será a confusão.

Logo, para o corpo mental, tensão significa confusão - pensamentos contraditórios, experiências contraditórias, expectativas contraditórias - e por último resulta numa mente confusa. E a mente confusa, se tentar ir além da confusão, só se tornará mais confusa, porque a partir do estado de confusão, a não-confusão não pode ser atingida.

Você está confuso. A busca espiritual criará uma nova dimensão para sua confusão. Todas as suas outras confusões estão ali e agora uma nova confusão será acrescida. Você encontra este guru, então aquele e agora uma nova confusão será acrescida. Você será um asilo de loucos. Isto é o que acontece no quarto corpo, o corpo mental. Ali, a confusão é a tensão.

Como alguém pode cessar de estar confuso? Você só pode cessar de estar confuso se não nega qualquer pensamento particular em favor de outro, se não nega nada - se você não nega o comunismo em favor da religiosidade, se você não nega Deus em favor de uma filosofia do ateísmo. Se você aceita tudo o que pensa, se não há uma escolha a ser feita a tensão desaparece. Se continua a escolher, você continua a somar suas tensões.

A consciência deve ser sem escolha. Você deve estar consciente de todo o seu processo de pensamento, da confusão total. No momento em que se tornar consciente dele, você saberá que ele é todo confusão. Nada deve ser escolhido; toda a casa deve ser descartada a qualquer momento; não há dificuldade em descartá-la.

Comece a estar consciente da sua mente total. Não escolha; esteja sem escolha. Não diga: "Sou ateu" ou "Sou teísta." Não diga: "Sou cristão," ou "Sou hindu." Não escolha. Apenas esteja consciente de que às vezes você é ateu e às vezes você é cristão e às vezes comunista, às vezes santo e às vezes pecador. Às vezes uma ideologia o atrai e às vezes uma outra, mas todas elas são modas passageiras. Esteja totalmente consciente dela. O próprio momento no qual você se torna consciente do processo total da sua mente é um momento de não-identidade. Então você não está identificado com sua mente. Pela primeira vez você conhece a si mesmo como a consciência e não igual à mente. A própria mente torna-se um objeto para você. Assim como você está consciente das outras pessoas, assim como você está consciente da mobília na sua casa, você torna-se consciente da sua mente, do processo mental. Agora você é esta consciência - não-identificada com a mente.

A dificuldade com o quarto corpo, o corpo mental, é que nós estamos identificados com nossas mentes. Se o seu corpo adoecer e alguém disser que você está doente, você não se sentirá ofendido; mas se sua mente adocece e alguém diz, Sua mente está enferma; você parece estar enlouquecendo, então você é ofendido. Por quê?

Quando alguém diz, Seu corpo parece estar doente, você sente que ele simpatizou-se com você. Mas se alguém diz algo sobre doença mental - que no que se refere à mente, você parece estar fora dos trilhos; está neurótico - então você é ofendido porque há uma identificação mais profunda com a mente do que com o corpo.

Você pode sentir-se separado do corpo. Você pode dizer Esta é minha mão. Mas não pode dizer Esta é minha mente, porque você pensa: Minha mente significa eu. Se eu quiser operar seu corpo, você me permitirá fazê-lo, mas não me permitirá operar sua mente. Você dirá, Não, isto é demais! Minha liberdade será perdida! A mente está muito mais profundamente identificada. Ela é nós. Não conhecemos nada além dela, assim estamos identificados com ela.

Nós conhecemos algo além do corpo: a mente. Eis porque a possibilidade de estar não-identificado com o corpo existe. Mas não conhecemos nada além da mente. Somente se tornar-se consciente dos pensamentos, você poderá vir a saber que a mente nada mais é do que um processo, uma acumulação: um mecanismo, um depósito, um computador das suas experiências passadas, do seu aprendizado passado, do seu conhecimento passado. Ela não é você; você pode ser sem ela. A mente pode ser operada. Pode ser mudada; pode ser lançada para fora de você.

E agora, novas possibilidades estão ali. Um dia, até mesmo sua mente será capaz de ser transplantada para um outro alguém. Assim como o coração pode ser transplantado, mais cedo ou mais tarde a memória será capaz de ser transplantada. Então uma pessoa que estiver morrendo não morrerá completamente. Pelo menos sua memória poderá ser salva e transplantada para uma nova criança. A criança adquirirá toda a memória da pessoa. Ela falará de experiências pelas quais não passou, mas dirá: Eu conheci. O que quer que o morto saiba, a criança saberá, porque toda a mente da pessoa morta foi dada a ela.

Isto parece perigoso e é possível que não permitiremos que aconteça, porque nossa própria identidade será perdida. Nós somos

nossas mentes! Mas para mim, a possibilidade tem muita potencialidade. Uma nova humanidade pode nascer dela.

Nós podemos estar conscientes da mente porque a mente não é nós; não é eu. Minha mente é tanto uma parte do meu corpo quanto o é meu rim. Assim como posso receber um novo rim e ainda ser a mesma pessoa, sem nenhuma alteração, assim também posso continuar a viver com a mente transplantada sem nenhuma alteração. Posso continuar a ser o velho *self* que eu era, mas com a nova mente acrescida em mim. A mente também é um mecanismo. Mas por causa de nossa identificação com ela, a tensão é criada.

Portanto, com o quarto corpo, a consciência é saúde e a inconsciência é doença; a consciência é não-tensão e a inconsciência é tensão. Por causa dos pensamentos por causa da sua identificação com eles, você continua a viver nos pensamentos e uma barreira é criada entre você e o seu ser existencial.

Há uma flor ao seu alcance, mas você nunca chegará a conhecê-la porque está pensando nela. A flor morrerá e você continuará a pensar nela. O pensar criou um filme entre você e a experiência - transparente, mas não *tão* transparente; apenas uma ilusão de transparência.

Por exemplo, você está me ouvindo. Mas pode ser que não esteja realmente ouvindo. Se está pensando no que estou dizendo, cessou de ouvir. Então você se adiantou ou se atrasou; você não está comigo. Ou é o passado que você estará repetindo na sua mente ou será o futuro projetado através do passado, mas não será o que estou dizendo.

É até mesmo possível que possa repetir textualmente o que eu disse. Seu mecanismo o está gravando. Pode repetir o que eu disse, reproduzi-lo. Então você protestará: "Se não o ouvi, como posso reproduzi-lo?" Mas um gravador não me ouve. Sua mente pode continuar a funcionar exatamente como uma máquina. Você pode estar presente ou não estar. Você não é necessário. Você pode

continuar a pensar e ainda estar ouvindo. A mente - o quarto corpo, o corpo mental - transformou-se numa barreira.

Entre você e aquilo que é há uma barreira. No momento em que você chega a olhar, você se afasta. Eu pego sua mão na minha. Isto é uma coisa existencial. Mas pode ser que você não esteja aqui. Então você perdeu. Você conheceu - tocou e experimentou - mas estava nos seus pensamentos.

Portanto, no quarto corpo o indivíduo deve estar consciente do seu próprio processo de pensamento encarado como um todo. Sem escolher, sem decidir, sem julgar; apenas consciente dele. Se você se torna consciente, torna-se não-identificado. E a não identificação com o mecanismo da mente é a não-tensão.

O quinto corpo é o corpo espiritual. No que se refere ao corpo espiritual, a ignorância de si mesmo é a única tensão. Todo o tempo que você é, sabe perfeitamente bem que não conhece a si mesmo. Você passará pela vida, fará isto e aquilo, obterá isto e aquilo, mas o sentido da auto-ignorância estará com você continuamente. Estará espreitando atrás de você; será uma companhia constante, não importa quanto tente esquecê-lo, quanto tente fugir dele. Você não pode fugir da sua ignorância. Você *sabe* que não sabe. Esta é a doença no quinto nível.

Os que em Delfos escreveram no templo: Conhece-te a ti mesmo, estavam preocupados com o quinto corpo. Estavam trabalhando nele. Sócrates repetia continuamente: Conhece-te a ti mesmo. Ele trabalhava com o quinto corpo. Para o quinto corpo, *atma gyana* (autoconhecimento) é o único conhecimento.

Mahavira disse, Conhecendo-se a si mesmo, o indivíduo conhece tudo. Não é assim. Mas a antítese é correta. Não conhecendo-se a si mesmo, o indivíduo não conhece nada. Logo, para equilibrar isto, Mahavira disse, Conhecendo-te a si mesmo, você conhecerá tudo. Mesmo conhecendo tudo, se não conheço a mim mesmo, qual é a utilidade? Como posso conhecer o básico, o

fundamental, o supremo, se nem mesmo conheço a mim mesmo? É impossível.

Assim, no quinto corpo, a tensão é entre a sabedoria e a ignorância. Mas lembre-se, estou dizendo sabedoria e ignorância, não estou dizendo conhecimento e ignorância. O conhecimento pode ser obtido das escrituras; a sabedoria não pode ser obtida de qualquer lugar que seja. Há tantas pessoas agindo sob esta falácia, este mal-entendido entre conhecimento e saber. O saber é sempre seu. Não posso transferir meu saber para você; posso transferir meu conhecimento. As escrituras comunicam conhecimento, não o saber. Elas podem dizer que você é divino, você é *atrhan*, você é o *Self*, mas isto não é sabedoria.

Se você se apegar a este conhecimento, uma grande tensão estará ali. A ignorância estará ali, ao lado do conhecimento falso, adquirido, e ao lado da informação - conhecimento emprestado. Você será ignorante, mas sentirá que sabe. Então há muita tensão. É melhor ser ignorante e saber perfeitamente que sou um homem ignorante. Então a tensão está ali, mas não é tão grande. Se você não se dilui a si mesmo com o conhecimento adquirido dos outros, então você pode buscar e procurar no interior de si mesmo e o saber é possível.

Porque você é, este tanto é certo: o que quer que você seja, você é. Isto não pode ser negado. Outra coisa: você é alguém que sabe. Pode ser que saiba sobre os outros, pode ser que saiba somente ilusões, pode ser que o que saiba não seja correto, mas você sabe. Logo, duas coisas podem ser tomadas como certas: sua existência e sua consciência.

Mas uma terceira coisa está faltando. A personalidade essencial do homem pode ser concebida mediante três dimensões: existência, consciência e êxtase – *sat/chit/anand*. Nós sabemos que somos a própria existência; sabemos que somos alguém que sabe - consciência em si mesma. Só o êxtase está faltando. Mas se buscar dentro de si mesmo, conhecerá a terceira também. Ela está ali. O

gozo, o êxtase da existência do indivíduo está ali. E quando a conhecer, você conhecerá a si mesmo completamente: sua existência, sua consciência, seu êxtase.

Você não pode conhecer a si mesmo completamente, a não ser que o êxtase seja conhecido, porque uma pessoa que não é repleta de beatitude continuará a fugir de si mesma. Toda a nossa vida é uma fuga de nós mesmos. Os outros são significantes para nós porque nos ajudam a fugir. Eis porque somos todos orientados ao outro. Mesmo se alguém se tornar religioso, criará um Deus como o outro. Torna-se outra vez orientado ao outro; a mesma falácia é repetida.

No quinto estágio, o indivíduo tem de estar em busca de si mesmo interiormente. Isto não é uma busca, mas um estar em busca.

Só até o quinto corpo você é necessário. Além do quinto, as coisas tornam-se fáceis e espontâneas.

O sexto corpo é cósmico. A tensão é entre você - seus sentimentos de individualidade, de limitação - e o cosmo ilimitado. Até mesmo no quinto estágio você estará personificado no seu corpo espiritual. Você será uma pessoa. Essa pessoa será a tensão para o sexto. Logo, para alcançar uma existência não-tensa com o cosmo, para estar em sintonia com o cosmo, você deve cessar de ser um indivíduo. Jesus diz, Todo aquele que se perder a si mesmo, encontrar-se-á a si mesmo. Esta afirmação está relacionada ao sexto corpo. Até o quinto não pode ser entendida, porque é completamente antimatemática. Mas a partir do sexto, esta é a única matemática, a única possibilidade racional: perder-se a si mesmo.

Nós temos nos engrandecido, nos cristalizado. Até o quinto corpo, a cristalização, a individualidade pode ser conduzida; mas se alguém insiste em ser um indivíduo, permanece no quinto. Tantos sistemas espirituais param no quinto. Todos aqueles que dizem que a alma tem a sua própria individualidade e que a individualidade permanecerá até mesmo num estado liberado — que você será um indivíduo personificado no seu estado de individualidade - qualquer

sistema que diga isto, pára no quinto. Em tal sistema, não haverá conceito de Deus. Não é necessário.

O conceito de Deus vem somente com o sexto corpo. Deus significa a individualidade cósmica, ou seria melhor dizer, a não-individualidade cósmica. Não sou eu que sou na existência; é o total em mim que tornou possível que eu exista. Eu sou apenas um ponto, um elo entre infinitos elos de existência. Se o sol não despontar amanhã, eu não serei. Eu sairei da existência; a chama ir-se-á. Estou aqui porque o sol existe. Ele está muito distante, mas ainda assim está ligado a mim. Se a Terra morre, como tantos planetas têm morrido, então não posso viver porque minha vida é uma com a Terra. Tudo existe numa cadeia de existência. Não é que sejamos ilhas. Nós somos o oceano.

No sexto, o sentimento de individualidade é a única tensão contra um sentimento oceânico - um sentimento sem limitação, um sentimento que é sem começo e infindável, um sentimento não de *mim*, mas de *nós*. E o nós inclui tudo. Não apenas pessoas, não apenas seres orgânicos, mas tudo que existe. Nós significa a própria existência.

Portanto, o eu será a tensão no sexto. Como você pode perder o eu, como pode perder o ego? Você não será capaz de entender agora neste instante, mas se você atingir o quinto, tornar-se-á fácil. É exatamente como uma criança apegada a um brinquedo e que não concebe como este pode ser abandonado. Mas no momento em que a infância se vai, o brinquedo é abandonado. Ela nunca retorna a ele. Até o quinto corpo o ego é muito significativo, mas além do quinto torna-se exatamente como um brinquedo com o qual a criança tem brincado. Você simplesmente abandona: não há dificuldade.

A única dificuldade será que você atingiu o quinto corpo como um processo gradual e não como uma iluminação súbita. Então, abandonar o eu completamente no sexto torna-se difícil.

Portanto, além do quinto, todos estes processos graduais parecem ser mais fáceis; mas além do quinto, tomam-se um obstáculo.

No sexto, a tensão é entre a individualidade e a consciência oceânica. A gota deve perder-se a si mesma para se tornar o oceano. Não está realmente perdendo a si mesma, mas do ponto de vista da gota parece assim. Ao contrário, no momento em que a gota é perdida, o oceano é alcançado. Não que realmente a gota tenha perdido a si mesma. Tornou-se agora o oceano.

O sétimo corpo é o nirvânico. A tensão no sétimo corpo é entre a existência e a inexistência. No sexto, o buscador perdeu-se a *si mesmo*, mas não a existência. Ele é - não como um indivíduo, mas como um ser cósmico. A existência está ali. Há filosofias e sistemas que param no sexto. Eles param em Deus ou em *moksha* (liberação). O sétimo significa até mesmo perder a existência na inexistência. Não está perdendo a si mesmo. Está apenas perdendo. O existencial torna-se inexistencial. Então você chega à fonte original de onde toda a existência vem e para onde vai. A existência surge dela; a inexistência retorna para ela.

A existência em si é apenas uma fase. Ela deve retornar. Assim como o dia vem e a noite se segue, assim como a noite vai e o dia se segue, assim a existência vem e a inexistência se segue; a inexistência vem e a existência se segue. Se alguém deve conhecer totalmente, então não deve fugir da inexistência. Se ele deve conhecer o círculo total, deve tornar-se inexistencial.

Até mesmo o cósmico não é total, porque a inexistência está além dele. Por conseguinte, nem mesmo Deus é total. Deus é apenas uma parte de Brahma; Deus não é o próprio Brahma. Brahma significa toda a luz e escuridão combinadas, vida e morte combinadas, existência e inexistência combinadas. Deus não é morte; Deus é apenas vida. Deus não é a inexistência; Deus é apenas a existência. Deus não é a escuridão: Deus é apenas luz. Ele é apenas *parte* do ser total, não o total.

Conhecer o total é tornar-se nada. Somente a não-existência pode conhecer a totalidade. A totalidade é a não-existência e a não-existência é a única totalidade - para o sétimo corpo.

Portanto, estas são as tensões nos sete corpos, começando com o fisiológico. Se você entende sua tensão fisiológica, o alívio dela e o bem-estar dela, então você pode facilmente prosseguir para todos os sete corpos. A realização da tranquilidade no primeiro corpo torna-se uma pedra de toque para o segundo. E se você realiza algo no segundo - se você se sente um momento etérico não-tenso - então o passo em direção ao terceiro é dado. Em cada corpo, se você começa com o bem-estar, a porta ao corpo seguinte abre-se automaticamente. Mas se você é derrotado no primeiro corpo, torna-se muito difícil, mesmo impossível, abrir portas além.

Assim, comece com o primeiro corpo e não pense de forma alguma nos outros seis corpos. Viva no corpo físico completamente e você subitamente saberá que uma nova porta se abriu. Então continue além. Mas nunca pense nos outros corpos ou será perturbador e criará tensões.

Logo, o que quer que eu tenha dito - esqueça-o.

9. A FALÁCIA DO CONHECIMENTO

Osho, a que você ensina e qual é a sua doutrina?

Eu não estou ensinando uma doutrina. Ensinar uma doutrina é um tanto sem sentido. Não sou um filósofo; minha mente é antifilosófica. A filosofia não levou a lugar algum e não pode levar a lugar algum. A mente que pensa, que questiona, não pode saber.

Há muitas doutrinas. Mas uma doutrina é uma ficção, uma ficção humana. Não é uma descoberta, mas uma invenção. A mente humana é capaz de criar infinitos sistemas e doutrinas, mas conhecer a verdade através de teorias é impossível. A mente que está abarrotada de conhecimento é propensa a permanecer ignorante.

A revelação surge no momento em que o conhecimento cessa. Há duas possibilidades: ou podemos pensar a respeito de algo ou podemos entrar nele existencialmente. Quanto mais a pessoa pensa, mais se afasta do que é aqui e agora. Pensar a respeito de algo é perder o contato com ele.

Portanto, o que eu sinto é uma experiência antidoutrinária, antifilosófica, antiespeculativa. Como ser. Apenas *ser*. Como ser no momento que é aqui e agora. Aberto, vulnerável, um com ele. Isso é o que chamo de meditação.

O conhecimento só pode levar à ficção, à projeção de coisas. Não pode ser um veículo para a obtenção da verdade. Mas uma vez que você tenha conhecido a verdade, o conhecimento pode ser um veículo para comunicar, para compartilhar com alguém que não conhece. Então a linguagem, as doutrinas, as teorias podem transformar-se num meio. Mas ainda não é adequado. É propenso a falsificar.

Qualquer coisa que tenha sido conhecida existencialmente não pode ser expressa totalmente. Você pode apenas indicá-la. No

momento em que exprimo o que conheci, a palavra chega até você, mas o sentido é deixado para trás. Uma palavra morta chega a você. De uma certa forma é sem sentido, porque o sentido era a própria existência em si.

O conhecimento pode tornar-se um veículo de expressão, mas não um meio em direção ao alcance da realização. A mente conhecedora é um obstáculo, porque quando você conhece, você não é humilde. Quando você está abarrotado de conhecimento, não há espaço no seu interior para receber o desconhecido. A mente deve tornar-se vaga, vazia: um útero, uma receptividade total.

O conhecimento é o seu passado. É o que você conheceu. É sua memória, sua acumulação, sua possessão. A acumulação converte-se numa barreira. Coloca-se entre você e o desconhecido.

Você pode estar aberto ao desconhecido somente quando é humilde. O indivíduo deve estar constantemente consciente de sua ignorância: de que há ainda algo desconhecido. A mente que é baseada em memória, escrituras, informação, dogmas, teorias, doutrinas, é egocêntrica, não humilde. O conhecimento não pode lhe dar humildade. Somente o vasto desconhecido pode fazê-lo humilde.

Portanto, a memória deve cessar. Não que você deva estar sem memória, mas no momento do saber, no momento do experimentar, a memória não deve estar ali. Nesse momento, é exigida a mente aberta, vulnerável. Este momento de vazio, é meditação, *dhyana*.

A própria experiência não se tornará uma doutrina?

A experiência só pode ser comunicada negativamente aos outros. Não posso dizer o que é, mas posso dizer o que não é. A linguagem pode ser um veículo para expressar o que não é. Quando eu digo que a linguagem não pode expressá-lo, ainda assim o estou expressando. Quando digo que nenhuma doutrina a respeito é possível, essa é minha doutrina. Mas isto é negativo. Não estou

afirmando algo; estou negando algo. O *não* pode ser dito; o *sim* não pode ser dito. O *sim* tem de ser realizado.

Se houver uma crença retardante no conhecimento, tornar-se-á um obstáculo para obter o vácuo, para obter a meditação. Primeiro, o indivíduo deve entender a futilidade do passado, do conhecido, do conhecimento da mente. No que se refere ao desconhecido, no que diz respeito à verdade, tal conhecimento é fútil.

Ou você se torna identificado com o que conheceu, ou se torna uma testemunha dele. Se você se torna identificado com ele, então você e sua memória tornam-se um. Mas se não há identificação - se você permaneceu desinteressado das suas memórias, separado, não identificado com elas - então você está consciente de si mesmo como algo diferente das suas memórias. Esta consciência converte-se num caminho em direção ao desconhecido.

Quanto mais você é capaz de ser uma testemunha do seu conhecimento (quanto menos você se auto-identifica como o conhecedor), menor possibilidade há do seu ego tornar-se o possuidor deste conhecimento. Se você é diferente das suas memórias, então as memórias transformam-se numa espécie de , poesia acumulada. Elas surgiram da experiência e se tornaram parte e parcela da sua mente, mas sua consciência é diferente. O que lembra é diferente do que é lembrado; o que conheceu é diferente daquilo que foi conhecido. Se você está claro quanto a esta distinção, aproxima-se mais e mais do vazio. Não identificado, você pode estar aberto; pode estar sem ocorrência de memória entre você e o desconhecido.

O vazio pode ser atingido, mas não pode ser criado. Se você o cria, é propenso a ser criado por sua mente velha, por seu conhecimento. Eis porque não pode haver método para alcançá-lo. Um método só pode surgir da informação acumulada, assim, se você tenta usar qualquer método, é propenso a ser uma continuidade da mente velha. Mas o desconhecido não pode chegar a você como uma continuidade. Só pode chegar como um vazio descontínuo.

Somente então ele está além do conhecido, além do seu conhecimento.

Logo, não pode haver método como tal, nem metodologia; só o entendimento de que eu sou separado daquilo que acumulei. Se isto é compreendido, então não há necessidade de cultivar o vazio. A coisa aconteceu! Você é o vazio! Agora não há a necessidade de criá-lo.

O indivíduo não pode criar o vazio. Um vazio criado não será o vazio; será apenas sua criação. Sua criação jamais poderá ser o nada, porque tem fronteiras. Você o criou, logo, ele não pode ser mais do que você; não pode ser mais do que a mente que o criou. Você pode apenas ser um receptor dele. E você pode estar preparado para recebê-lo somente de uma forma negativa. Preparado no sentido de que você não deve estar identificado com o seu conhecimento; preparado no sentido de que compreendeu a futilidade, a falta de sentido de tudo o que conheceu.

Só esta consciência do processo do pensamento pode lançá-lo a um vazio onde aquilo-que-é o sobrepuja, onde aquilo-que-é está sempre presente. Agora não há barreira entre você e ele. Você tornou-se um com o momento, um com a eternidade, com o infinito.

No instante em que alguém traduz este momento em conhecimento, o conhecimento torna-se de novo parte e parcela da memória. Então se perde. Portanto, o indivíduo não pode jamais dizer, Eu conheci. O desconhecido permanece desconhecido. Não obstante quando alguém o tenha experimentado, o desconhecido ainda permanece a ser conhecido. O charme dele, a beleza dele, a atração dele permanecem os mesmos.

O processo de conhecer é eterno, por conseguinte, o indivíduo não pode jamais chegar a um ponto onde possa dizer, Eu alcancei. Se alguém diz isto, cai outra vez no padrão da memória, o padrão do conhecimento. Então ele se torna morto.

O momento em que o conhecimento é firmado, é o momento da morte. A vida cessa. A vida é sempre *do* desconhecido *para* o

desconhecido. Vem do além e vai para o além. Assim, para mim, uma pessoa religiosa não é uma pessoa que proclama conhecimento. Uma pessoa que proclama conhecimento pode ser um teólogo, um filósofo, mas jamais uma pessoa religiosa. A mente religiosa aceita o mistério último, o desconhecimento último, o êxtase último da ignorância, a alegria última da ignorância.

O momento da meditação, do vazio, não pode ser criado; não pode ser projetado. Você não pode *tornar* sua mente quieta. Se você o faz, então ou você a intoxicou ou a hipnotizou, mas isto não é o vazio. O vazio vem. Nunca pode ser criado, nunca pode ser trazido.

Portanto, não estou ensinando qualquer método. No sentido de que há métodos, técnicas, doutrinas, não sou um professor.

Você me convenceu. Como posso transformar esta convicção em experiência?

Não há *como*, porque *como* implica num método. Há apenas um despertar. Se você está me ouvindo e algo despertar dentro de você, então a experiência acontecerá a você; você sentirá algo. Não estou tentando convencê-lo. Uma convicção intelectual não é de forma alguma uma convicção. Estou apenas tentando transmitir-lhe um fato.

Por que está convencido pelo que eu disse? Há duas possibilidades: ou você se convenceu pelo meu argumento, ou você vê em si próprio a verdade do que eu lhe disse como um fato. Se o meu argumento torna-se uma convicção, então você pergunta *como*, mas se o que estou dizendo é experimentado por você, se você compreende o ser verdadeiro dentro de você, esse conhecimento é separado de mim. Não estou lhe fornecendo qualquer conhecimento. Ao contrário, a própria experiência está acontecendo enquanto eu falo.

Quando o intelecto é convencido, ele pergunta: como? Qual é o caminho? - ele quer saber. Mas não estou lhe dando qualquer

doutrina. Estou apenas contando-lhe minha experiência. Quando digo que a memória é uma acumulação - que é morta, é apenas um resto de passado - o que quero dizer é que ela é uma parte do passado que está se apegando a você, mas você é separado dela. Se o sentimento do que quero dizer chega a você e você tem um vislumbre da distância entre você e sua memória (sua consciência e sua memória), então não há *como*. Algo aconteceu e este algo pode continuar a penetrá-lo de momento a momento - não mediante qualquer método, mas mediante sua consciência, sua constante recordação.

Agora você sabe que a consciência é diferente dos conteúdos da consciência. Se isto se torna uma consciência de momento a momento - enquanto você anda, fala, come, dorme - então algo acontece. Se você estiver constantemente consciente de que a mente é apenas um processo computadorizado, embutido para acumular memórias e não uma parte do seu ser, então só esta consciência, só este não-método ajudará este *algoz* acontecer no seu interior.

Ninguém pode dizer quando acontecerá, como acontecerá, onde acontecerá, mas se a consciência continua, por si própria torna-se mais e mais profunda. É um processo automático. Do intelecto vai ao coração; da inteligência vai à sua mente intuitiva; da consciência move-se lentamente para o inconsciente. E um dia, você se torna totalmente desperto. Algo aconteceu. Não como um cultivo, mas como um subproduto da lembrança. Não pelo cultivo de qualquer doutrina, mas porque você despertou-se para um fato interno, uma visão interna. Algo aprofundou-se em você.

Quando o momento chega, chega completamente inaudito, desconhecido - como uma explosão. Nesse momento de explosão, você está completamente vazio. Você *não* é; você cessa de ser. Não há intelecto, nem razão, nem memória. Há simplesmente consciência: consciência do nada, do vazio. Nesse vazio está o conhecimento. Mas é o conhecimento noutro sentido bem diferente. Agora não há o

conhecedor e o conhecido. Há simplesmente o conhecer. É existencial.

O que existe no vazio, o que o vazio é, não pode ser comunicado. Somente a passagem, o processo, pode ser comunicado. Mas não pode-se conceber o processo como um método; não é algo para ser praticado. Não há nada para praticar. Ou você se *recorda*, ou não.

Você recomenda algum modo particular de vida como preparação?

No momento em que você se tornar consciente, toda a sua vida, todo o seu modo de vida mudará. Mas estas mudanças chegarão a você; não devem ser praticadas. No momento em que você pratica algo, perde o que quer que seja significativo nele. Logo, sejam quais forem as mudanças que surjam, devem acontecer espontaneamente.

Não há a questão de algo ser praticado. A questão é simplesmente entender que você não pode desejar o vazio. Não é apenas uma contradição em termos, mas uma contradição existencial. Você não pode desejá-lo, porque o próprio desejo vem da sua mente velha, do seu conhecimento. Tudo o que pode fazer, é estar consciente do que você é. No momento em que se torna consciente de si mesmo como é, uma separação ocorre, uma divisão, uma partilha. Uma parte de você torna-se não-identificada com o resto de você. Então há dois: eu e mim. O mim é a memória, a mente; e o eu é a consciência, o *atman*.

Você deve ouvir-me e simultaneamente ouvir sua mente interna. Este processo deve continuar todo o tempo. O que estou dizendo está se tornando parte do seu mim, uma parte da sua acumulação, uma parte do seu conhecimento. Este conhecimento pedirá mais conhecimento - sobre o *como*, o método. E se algum

método for mostrado, este também tornar-se-á parte do seu conhecimento. Seu mim será reforçado; tornar-se-á mais instruído.

Minha ênfase não é no seu mim; não estou falando para o seu mim. Se o seu mim entra, então a comunicação não se transforma numa comunhão. Então é simplesmente uma discussão, não um diálogo. Torna-se um diálogo somente se não há mim. Se você está aqui, mas o seu mim não está aqui, então não há a questão do *como*. O que estou dizendo ou será visto como verdade ou como inverdade, como um fato ou como uma doutrina mistificadora.

Minha preocupação é simplesmente criar uma situação -seja falando ou pelo silêncio, ou confundindo você. Minha meta é criar uma situação onde o seu eu saia de você, seu eu vá além do seu mim. Eu tento criar muitas situações.

Isto também é um tipo de situação. Estou dizendo-lhe coisas absurdas. Estou falando em atingir algo e ainda negando qualquer método. Isto é absurdo! Como posso estar dizendo algo e ainda dizer que não pode ser dito? Mas é o próprio absurdo que pode criar a situação. Se eu o convencer, não será criada a situação. Tornar-se-á parte do seu mim, parte do seu conhecimento. Seu mim continua a perguntar: como? Qual é o caminho? Eu negarei o caminho e ainda falarei da transformação. Então a situação se torna tão irracional, que sua mente não é satisfeita. Só então algo do além pode assumir.

Estou criando situações todo o tempo. Para as pessoas intelectuais, o absurdo deve ser a situação. A consciência surge somente quando é criada uma situação onde a continuidade é interrompida. O próprio absurdo e a falta de razão da situação devem criar uma lacuna, abalando e perturbando o indivíduo até o ponto de consciência.

Recordo-me de um incidente na vida de Buda. Uma certa manhã ele chegou a uma aldeia. Assim que entrou na aldeia, alguém lhe disse: "Sou um crente no Supremo. Diga-me, por favor, se Deus é."

Buda negou-o absolutamente. Ele respondeu: "Não há Deus. Nunca houve e nunca haverá. Que coisa sem sentido você está dizendo!" O homem ficou abalado, mas a situação foi criada.

À tarde, outro homem veio a Buda e disse: "Sou ateu. Não acredito em Deus. Há um Deus? O que diz a respeito?"

Buda respondeu: "Só Deus é. Nada existe, exceto Ele." O homem ficou abalado.

Então, à noite, um terceiro homem veio a Buda e disse: "Sou agnóstico. Nem acredito, nem desacredito. O que você diz? Há um Deus ou não?"

Buda permaneceu silente. O homem ficou abalado.

Mas um certo monge, Ananda, que sempre acompanhava Buda, estava ainda mais abalado. De manhã, Buda dissera, Não há Deus, à tarde, dissera, Só Deus é e à noite permanecera em silêncio. Naquela noite, Ananda disse a Buda: "Antes de dormir, responda à minha pergunta, por favor. Você abalou minha paz! Estou perplexo! O que você quer dizer com estas palavras absurdas, contraditórias?"

Buda respondeu: "Nenhuma delas foi dada a você. Por que você as ouviu? Cada uma dessas respostas foi dada à pessoa que perguntou. Se as respostas o perturbaram, muito bem. Esta é sua resposta."

As situações podem ser criadas. Um monge Zen cria situações à sua própria maneira. Ele pode empurrá-lo para fora da sala ou esbofeteá-lo na face. Parece absurdo. Você pergunta uma coisa e ele responde outra coisa. Alguém pergunta: "Qual é o Caminho?", mas a resposta do monge Zen não é de forma alguma concernente ao Caminho. Ele pode dizer, Veja o rio! ou Veja essa árvore! Como é alta! Isto é absurdo.

A mente busca continuamente. Ela tem medo de absurdos. Tem medo do não-racional, do desconhecido. Mas a verdade não é um subproduto da intelectualização. Não é nem uma dedução nem uma indução. Não é lógica, não é uma conclusão.

Não estou transmitindo nada a você. Estou apenas criando uma situação. Se a situação é criada, então algo que não pode ser transmitido é transmitido. Esteja consciente se puder e se não puder, então esteja consciente da sua inconsciência. Esteja atento ao que é. Se você não puder, então esteja atento à sua desatenção. E a coisa acontecerá. A coisa acontece.

Por criar uma situação absurda, você quer dizer que a pessoa deve ser perturbada de alguma forma? Qual será o resultado?

As pessoas já estão perturbadas o suficiente. Mas porque já estão perturbadas, identificaram-se a si mesmas com suas perturbações. Acomodaram-se a elas. As perturbações tornaram-se habituais. Nós já estamos perturbados! É impossível estar não-perturbado e não conhecer a verdade.

A perturbação é nossa situação normal, quando eu o perturbo, sua *perturbação é perturbada*. Então a perturbação é negada. Você fica calmo pela primeira vez. Quando falo em criar uma situação absurda, não é transmitir uma mensagem que é essencialmente intransmissível.

Você pergunta: "Qual será o resultado?" Algo pode ser dito a respeito, contanto que o que seja dito não seja tomado como verdade. Deve ser tomado apenas num sentido simbólico, poético, mítico. Para mim, toda escritura religiosa é um mito e toda asserção que vem de uma pessoa que passou pelo acontecimento é, num certo sentido, inverdade. Não é a verdade, mas apenas um indicador. O indicador tem de ser esquecido antes que a verdade possa ser conhecida.

Há três palavras que indicam a fronteira além da qual há somente o silêncio. Estas palavras são *sat/chit/anand*: existência, consciência, êxtase. A experiência é uma, mas quando fazemos um conceito dela, a dividimos nestas três fases. É sempre experimentada como uma, mas conceituada como estas três.

Nesta experiência total (*sat*), este total estado de ser, você só é. Você não é nem isto nem aquilo; você não está identificado em nada. Há simplesmente o estado de ser.

A segunda é consciência (*chit*). Isto não significa a mente consciente. A mente consciente é apenas um fragmento de uma inconsciência maior. Habitualmente, quando estamos conscientes estamos conscientes de algo. *Chit* é consciência pura, consciência de nada. Não há objeto. A consciência não é direcionada a algo; é não-direcionada. É infinita, pura.

A última é *anand*, êxtase. Não felicidade, não júbilo, mas êxtase. A felicidade inclui um estado de infelicidade - uma lembrança dela, um contraste a ela. O júbilo tem também uma certa tensão, algo que pode ser liberado, que tem de ser apaziguado. O êxtase é a felicidade sem qualquer traço de infelicidade; é o júbilo sem qualquer abismo ao redor dele. É felicidade sem qualquer tensão.

O êxtase é o ponto médio entre o júbilo num extremo e o pesar no outro. É o ponto médio, o ponto de transcendência. Tem a profundidade do pesar e a altura do júbilo, ambos. O júbilo tem altura, mas não profundidade, enquanto o pesar tem profundidade, uma profundidade abissal, mas não tem pico. O êxtase tem ambos, a altura do júbilo e a profundidade do pesar, logo, ele transcende ambos. Somente o ponto médio pode ser uma transcendência total dos dois extremos.

Estes três termos, *sat/chit/anand* são a fronteira: o máximo que pode ser dito e o mínimo que pode ser experimentado. Isto é a última coisa que pode ser expressa e a fronteira da qual o indivíduo pode saltar para o inexplicável. Isto não é o fim. É apenas o início.

Satchitanand é apenas uma expressão, não realidade. Se isto for lembrado, então nenhum prejuízo será causado. Mas a mente se esquece e então a expressão *satchitanand* se transforma numa realidade. Nós formamos teorias ao redor dela, doutrinas, e a mente se fecha. Então não há salto. Isto aconteceu na Índia. Toda a

tradição tem estado entremeada a estas três palavras. Mas a realidade não é *satchitanand*, é além dela. Isto é apenas o quanto pode ser colocado em palavras. Deve ser encarado como uma metáfora. Toda literatura religiosa é uma parábola; é simbólica. É uma verbalização do que é intrinsecamente inexprimível.

Nem mesmo gosto de usar o termo *satchitanand*, porque no momento em que a mente sabe o que vai acontecer, começa a perguntar e a exigir. Então ela exige *satchitanand* e aparecem os professores que satisfazem à exigência com *mantras*, com técnicas, com métodos. Toda exigência pode ser atendida, logo, uma exigência sem sentido será atendida com absurdos. Todas as teologias e todos os gurudons são criados desta forma.

O indivíduo deve estar consciente todo o tempo para não transformar o supremo numa meta a ser desejada. Não o torne um desejo, ou num objeto a ser alcançado, ou num destino para o qual viajar. Ele está exatamente aqui agora! Se você pode se tornar consciente, a explosão pode acontecer. Já está nas proximidades, é o nosso vizinho mais próximo, mas continuamos numa longa peregrinação. Segue-nos como uma sombra, mas nunca o vemos porque nossos olhos estão longes na distância.

10. JANELAS AO DIVINO

Na filosofia indiana, a natureza da verdade suprema tem sido descrita como verdade (satyam), beleza (sundaram) e bondade (shivam). Estas são características de Deus?

Estas não são as qualidades de Deus. Melhor dizendo, são as nossas experiências de Deus. Elas não pertencem ao divino como tal; elas são as nossas percepções. O divino, por si mesmo, é incognoscível. Ou ele é todas as qualidades ou não é qualidade alguma. Mas tal como é constituída, a mente humana pode experimentar o divino através de três janelas: você pode ter o vislumbre ou através da beleza, ou através da verdade ou através da bondade.

Estas três dimensões pertencem à mente humana. Estas são nossas limitações, A moldura é dada por nós; o divino em si é sem moldura. É assim. Podemos ver o céu pela janela. A janela parece uma moldura ao redor do céu, mas o céu em si não tem moldura ao redor dele. É infinito. Somente a janela lhe dá uma moldura. Da mesma forma, beleza, verdade e bondade são as janelas através das quais podemos vislumbrar o divino.

A personalidade humana está dividida em três camadas. Se o intelecto é predominante, então o divino toma a forma da verdade. A abordagem intelectual cria a janela da verdade, a moldura da verdade. Se a mente é emocional - se alguém chega à realidade não através da cabeça, mas através do coração - então o divino transforma-se em beleza. A qualidade poética é dada por você. É apenas a moldura. O intelecto dá-lhe moldura da verdade; a emoção dá-lhe moldura da beleza. E se a personalidade não é nem emocional, nem intelectual - se a ação é predominante - então a moldura torna-se bondade.

Portanto, aqui na Índia, nós usamos estes três termos para o divino. *Bhakti* yoga significa o caminho da devoção e é para o tipo emocional. Deus é visto como beleza. *Jnana* yoga é o caminho do conhecimento. Deus é visto como verdade. E *karma* yoga é o caminho da ação. Deus é bondade.

A própria palavra Deus vem da palavra bom¹. Esta palavra tem tido a maior influência porque a maioria da humanidade é predominantemente ativa, não intelectual ou emocional. Isto não significa que não há intelecto ou emoção, mas que estes não são fatores predominantes. Poucos são intelectuais e poucos são emocionais. A maioria da humanidade é predominantemente ativa. Através da ação, Deus torna-se o bom.

Mas o pólo oposto deve existir também; assim, se Deus é concebido como o bom, então o diabo é concebido como o mau. A mente ativa conceberá o diabo como o mau; a mente emocional conceberá o diabo como o feio; e a mente intelectual conceberá o diabo como a inverdade, o ilusório, o falso.

Estas três características (verdade, bondade e beleza) são categorias humanas emolduradas em torno do divino, o qual é, em si mesmo, sem moldura. Não são qualidades do divino como tal. Se a mente humana conceber o divino através de qualquer quarta dimensão, então esta quarta dimensão também tornar-se-á uma qualidade do divino. Não quero dizer que o divino não é bom. Estou apenas dizendo que esta bondade é uma qualidade que é escolhida por nós e vista por nós. Se o homem não existisse no mundo, então o divino não seria bom, o divino não seria bonito, o divino não seria verdadeiro. A divindade existiria do mesmo jeito, mas estas qualidades, que são escolhidas por nós, não estariam lá. Estas são apenas concepções humanas. Podemos da mesma forma conceber que o divino é também outras qualidades.

Não sabemos se os animais percebem o divino, não sabemos de maneira alguma como eles percebem as coisas, mas algo é certo: eles não perceberão o divino em termos humanos. Se chegarem a

perceber o divino, o perceberão e o sentirão de uma forma bem diferente da nossa. As qualidades que eles perceberem não serão as mesmas que são para nós.

Quando uma pessoa é predominantemente intelectual, não pode conceber como você pode dizer que Deus é belo. O próprio conceito é absolutamente estranho à sua mente. E um poeta não pode conceber que a verdade possa significar qualquer coisa, a não ser beleza. A verdade é beleza: tudo o mais é simplesmente intelectual. Para o poeta, para o pintor, para o homem que percebe o mundo em termos do coração, a verdade é uma coisa nua, sem beleza. É simplesmente uma categoria intelectual.

Portanto, se uma determinada mente é predominantemente intelectual, não pode entender a mente emocional e vice-versa. Eis porque há tanto mal-entendido e tantas definições. Nenhuma definição única pode ser aceita por toda a humanidade. Deus deve chegar a você nos seus próprios termos. Quando você definir Deus, você será parte da definição. A definição virá de você; Deus como tal é indefinível. Logo, aqueles que olham para ele através destas três janelas, têm imposto, de uma certa forma, suas próprias definições ao divino.

Há também a possibilidade de um quarto modo de ver o divino, para aquele que transcendeu a estas três dimensões em sua personalidade. Na Índia, não temos uma palavra para a quarta. Simplesmente a chamamos de *turiya* (a quarta). Há um tipo de consciência na qual você não é nem intelectual nem emocional, nem ativo, mas simplesmente consciente. Então você não está olhando o céu através da janela. Você saiu da casa e conheceu o céu sem janela. Não há padrão, não há moldura.

Somente o tipo de consciência que realizou a quarta pode entender as limitações das outras três. Ela pode entender a dificuldade de compreensão em meio às outras e pode também entender as similaridades subjacentes entre a beleza, a verdade e a

bondade, Somente o quarto tipo pode compreender e tolerar. Os outros três tipos estarão sempre discutindo.

Todas as religiões pertencem a uma destas três categorias. E elas têm estado discutindo constantemente. Buda não pode tomar parte neste conflito. Ele pertence ao quarto tipo. Ele diz, É tudo sem sentido. Você não está discutindo as qualidades divinas; você está discutindo as suas janelas. O céu permanece o mesmo, de qualquer janela.

Portanto, estas não são as qualidades divinas. Estas são as qualidades divinas *tal qual concebidas por nós*. Se pudermos destruir nossas janelas, podemos conhecer o divino como ausente de qualidades, *nirguna*. Então podemos ir além das qualidades. Somente então a projeção humana não ocorre.

Mas então torna-se muito difícil dizer algo. O que quer que possa ser dito a respeito do divino, pode ser dito apenas através das janelas, porque qualquer coisa que possa ser dita está realmente sendo dita a respeito das janelas, não a respeito do céu em si. Quando vemos além das janelas, o céu é tão vasto, tão ilimitado. Não pode ser definido. Todas as palavras são inaplicáveis; todas as teorias são inadequadas.

Aquele que está na quarta, conserva-se sempre silencioso a respeito e as definições do divino vêm das três primeiras. Se alguém na quarta chegou a falar, falou em termos que parecem absurdos, ilógicos, irracionais. Ele se contradiz. Através da contradição ele tenta mostrar algo. Não dizer algo; mostrar algo.

Wittgenstein fez esta distinção. Ele disse que há verdades que podem ser ditas e que há verdades que podem ser mostradas, mas não ditas. Uma coisa é definível porque existe em meio a outras coisas. Pode ser relacionada a outras coisas, comparada. Por exemplo, podemos sempre dizer que uma mesa não é uma cadeira. Podemos defini-la por referência a uma outra coisa. Ela tem uma fronteira para a qual se estende e além da qual uma outra coisa

começa. Realmente, só a fronteira é definida. Uma definição significa a fronteira além da qual tudo o mais começa.

Mas não podemos dizer nada sobre o divino. O divino é o total, logo, não há fronteira; não há fronteira da qual uma coisa começa. Não há uma outra coisa. O divino é sem fronteira, por conseguinte, não pode ser definido.

A quarta pode apenas mostrar; pode apenas indicar. Eis porque a quarta tem permanecido misteriosa. E a quarta é a mais autêntica, porque não é colorida pelas percepções humanas. Todos os grandes santos indicaram; não disseram nada. Seja Jesus, Buda, Mahavira ou Krishna, não importa. Eles não estão dizendo nada; estão apenas indicando algo - apenas um dedo apontando para a lua.

Mas há sempre a dificuldade no que diz respeito ao divino. Você verá a indicação e sentirá que a indicação é, ela própria, a verdade. Então todo o propósito será destruído. O dedo não é a lua; eles são absolutamente diferentes. A lua pode ser mostrada pelo dedo, mas ninguém deve se apegar ao dedo. Se o cristão não pode se esquecer da Bíblia, se o hindu não pode esquecer o Gita, então o próprio propósito é destruído. Toda a coisa torna-se sem sentido, sem propósito e de uma certa forma, não religiosa, anti-religiosa.

Sempre que alguém aborda o divino, deve estar consciente de sua própria mente. Se aborda o divino pela mente, o divino é colorido por ela. Se você aborda o divino como vazio, como um vácuo, um nada sem quaisquer preconceitos, sem qualquer propensão a ver as coisas de uma forma particular - então você conhece a ausência de qualidade do divino, caso contrário não. Caso contrário, todas as qualidades que damos ao divino pertencem às nossas janelas humanas. Nós as impomos ao divino.

Você está dizendo que não precisamos usar a janela para ver o céu?

Sim. É melhor olhar da janela do que não olhar de forma alguma, mas olhar pela janela não pode ser comparado ao céu sem janela.

Mas como alguém vai da sala ao céu sem a janela?

Você pode passar pela janela para ir ao céu, mas não deve permanecer na janela. Caso contrário, a janela sempre estará lá. A janela deve ser deixada para trás. Deve ser ultrapassada e transcendida.

Uma vez que alguém esteja no céu, não há palavras - até que volte à sala. Então vem a estória...

Sim. O indivíduo pode voltar. Mas então ele não poderá ser o mesmo que era antes. Ele conheceu o que não tem padrão, o infinito. Então, mesmo da janela, ele saberá que o céu não é padronizado, não tem janelas. Mesmo se a janela estiver fechada e a sala escurecida, ele saberá que o céu infinito está lá. Agora ele não poderá ser o mesmo novamente. Uma vez que tenha conhecido o infinito, você tornou-se o infinito. Nós somos o que conhecemos, o que sentimos. Uma vez que tenha conhecido o ilimitado, o sem fronteiras, de uma certa forma você se tornou o infinito. Conhecer o amor é ser o amor; conhecer a oração é ser a oração, conhecer o divino é ser o divino. Conhecer é realização; conhecer é ser.

As três janelas tornam-se uma?

Não. Cada janela permanecerá como era. A janela não mudou, você mudou. Se a pessoa for emocional, sairá e entrará pela janela da emoção, mas agora não negará as outras janelas; não será antagônica

a elas. Agora ela estará entendendo as outras. Saberá que as outras janelas também conduzem ao mesmo céu.

Uma vez que você esteja sob o céu, sabe que as outras janelas são partes da mesma casa. Agora você pode atravessar as outras janelas ou não. Se a pessoa é como Ramakrishna, pode passar por outras janelas para ver se o mesmo céu é visto através delas. Depende da pessoa. O indivíduo pode olhar por outras janelas ou não.

E realmente, não há necessidade. Conhecer o céu é o suficiente. Mas o indivíduo pode inquirir, ser curioso. Então, ele olhará por outras janelas. Há pessoas que olham e pessoas que não. Mas uma vez que a pessoa tenha conhecido o céu aberto, não negará as outras janelas; não negará outras abordagens. Ela confirmará que suas janelas abrem-se à mesma coisa. Portanto, uma pessoa que conheceu o céu torna-se religiosa, não-sectária. A mente sectária permanece atrás da janela; a mente religiosa está além dela.

O indivíduo que viu o céu pode vagar; pode também ir às outras janelas. Há muitas combinações possíveis. Há infinitas janelas. Estes são os tipos principais, mas não são as únicas janelas.

Há uma janela para cada consciência, para cada homem?

Sim. De uma certa maneira, cada pessoa chega ao divino a partir de sua própria janela. E cada janela é basicamente diferente da outra. Infinitas são as janelas, infinitas são as seitas. Cada pessoa tem uma seita própria. Dois cristãos não são iguais. Um cristão difere do outro tanto quanto o cristianismo difere do hinduísmo.

Uma vez que você tenha chegado ao céu, sabe que todas as diferenças pertencem à casa. Elas nunca pertencem a você. Pertencem à casa na qual você viveu, através da qual você viu, através da qual você sentiu, mas não a você como tal.

Quando você chega sob o céu, sabe que você também era parte do céu - só que vivia entre paredes. O céu dentro da casa não é

diferente do céu além da casa. Uma vez que tenhamos saído, sabemos que as barreiras não eram reais. Mesmo uma parede não é uma barreira para o céu; não dividiu o céu de forma alguma. Cria uma aparência do que o céu está dividido - de que esta é a minha casa e de que aquela casa é sua; de que o céu de minha casa pertence a mim e de que o céu na sua casa pertence a você - mas uma vez que tenha chegado a conhecer o céu em si, não há diferença. Então não há indivíduos como tais. Então as ondas se perdem e só o oceano permanece. Você voltará para dentro outra vez, mas agora você será diferente do céu.

Parece que há poucos cristãos que tenham ido ao céu e que tenham retornado com este conceito.

Há alguns. São Francisco, Eckhart, Bohme...

Eles não disseram que era o mesmo céu, disseram?

Não podiam. O céu é sempre o mesmo, mas eles não podem relatar o céu da mesma forma. Os relatos sobre o céu são propensos a serem diferentes, mas o que está sendo relatado não é diferente.

Àqueles que não conhecem a coisa relatada em si, o relato será tudo. Então as diferenças tornam-se agudas. Mas tudo que é relatado é apenas uma seleção, uma escolha. O todo não pode ser relatado; somente uma parte do todo pode ser relatada. E quando é relatada, torna-se morta.

São Francisco só pode relatar como um São Francisco pode relatar. Ele não pode relatar como Maomé, porque o relato não vem do céu. O relato vem do padrão, da individualidade. Vem da mente: a memória, a educação, as experiências; das palavras, da linguagem, da seita, da vivência. O relato vem de tudo isso. Não é possível à comunicação vir somente de São Francisco, porque um

relato jamais pode ser individual. Deve ser comunitário, ou será um fracasso total.

Se eu relatar na minha própria linguagem individual, ninguém a entenderá. Quando experimentei o céu, o experimentei sem a comunidade. Eu estava totalmente só no momento do conhecer.

Não havia linguagem; não havia palavras. Mas quando eu relato, relato aos outros que não conheceram. Devo falar na linguagem deles. Terei de usar uma linguagem que me era conhecida antes do meu conhecer.

São Francisco usa a linguagem cristã. No que se refere a mim, as religiões são apenas linguagens diferentes. Para mim, o cristianismo é uma linguagem particular derivada de Jesus Cristo. O hinduísmo é uma outra linguagem; o budismo é outra linguagem. A diferença é sempre de linguagem. Mas se alguém conhece apenas a linguagem e não a própria experiência, a diferença é propensa a ser vasta.

Jesus disse o Reino de Deus, porque estava falando em termos que podiam ser entendidos por sua audiência. A palavra reino foi entendida por uns e mal compreendida por outros. A cruz foi o resultado; a crucificação foi o resultado. Aqueles que entenderam Jesus, entenderam o que se queria dizer por Reino de Deus, mas aqueles que não entenderam, pensaram que ele estava tratando de um reino na Terra.

Mas Jesus não poderia usar as palavras de Buda. Buda jamais diria a palavra reino. Há muitas razões para a diferença. Jesus veio de uma família pobre, a palavra reino é muito expressiva, mas para Buda não havia nada significativo na palavra, porque o próprio Buda havia sido um príncipe. A palavra era sem sentido para Buda, mas significativa para Jesus.

Buda converteu-se num mendigo e Jesus se tornou rei. Isso é propenso a ser. O outro pólo torna-se significativo. O pólo desconhecido torna-se expressivo do desconhecido. Para Buda,

esmolar era a coisa mais desconhecida, logo, ele tomou a forma do desconhecido, a forma de um pedinte. Para ele, *bhikkhu* (mendigo) transformou-se no termo mais significativo.

A palavra *bhikkhu* nunca é usada na Índia, porque há tantos mendigos aqui. Ao invés, usamos a palavra swami (mestre). Quando alguém se converte em *sannyasin*, quando renuncia, torna-se um swami, um mestre. Mas quando Buda renunciou, tornou-se um *bhikkhu*, um mendigo. Para Buda, esta palavra veiculava algo que não podia veicular para Jesus.

Jesus só podia falar em termos que foram emprestados da cultura judaica. Ele podia mudar algo aqui e ali, mas não podia mudar a linguagem total, ou ninguém teria sido capaz de entender. Assim, num certo sentido, ele não era um cristão. Na época em que São Francisco surgiu, uma cultura cristã havia se desenvolvido com sua própria linguagem. São Francisco, pois, era mais cristão do que o próprio Cristo. Cristo permaneceu judeu; toda a sua vida era judaica. Não podia ser diferente.

Se você nasce cristão, então o cristianismo pode não ser tão expressivo para você; pode não lhe tocar. Quanto mais o conhece mais se torna sem sentido. O mistério é perdido.

Para o cristão, a atitude hindu pode ser mais significativa, mais significante. Porque é desconhecida, pode ser expressiva do desconhecido.

No que diz respeito a mim, é melhor que uma pessoa não permaneça com a religião do seu nascimento. As atitudes e crenças que lhe foram dadas no nascimento devem ser negadas em algum momento ou a aventura nunca começará. O indivíduo não deveria permanecer onde nasceu. O indivíduo deveria ir a cantos desconhecidos e sentir a alegria disso.

Às vezes não podemos entender a própria coisa que pensamos mais entender. O cristão pensa que entende o cristianismo.

Isso se transforma na barreira. O budista pensa que entende o budismo porque o conhece, mas este próprio sentido de conhecer converte-se num obstáculo. Só o desconhecido pode tornar-se o magnético, o oculto, o esotérico.

O indivíduo deve transcender às circunstâncias de seu nascimento. É simplesmente circunstancial que alguém seja cristão de nascimento; é simplesmente circunstancial que alguém seja hindu de nascimento. O indivíduo não deveria ficar confinado às condições do seu nascimento. O indivíduo deve nascer duas vezes, no que se refere à religião. O indivíduo deve ir às esquinas desconhecidas. Então a emoção está ali. A exploração começa.

As religiões são, de uma certa forma, complementares. Elas devem trabalhar pelas outras; devem aceitar as outras. O cristão ou o hindu ou o judeu devem conhecer a emoção da conversão. A emoção da conversão cria o pano de fundo para a transformação. Sempre que alguém vem do Ocidente para o Oriente, há algo novo. A atitude oriental é tão diferente que não pode ser colocada em categorias familiares. Toda a atitude é tão oposta ao que você está familiarizado, que se você quiser entendê-la, você próprio terá de mudar.

A mesma coisa acontece a alguém do Oriente quando vai para o Ocidente. *Deveria* acontecer. O indivíduo deveria estar aberto, de forma que possa acontecer. É o desconhecido, o não familiar, que criará a mudança.

Na Índia, não poderíamos criar uma religião como o cristianismo. Não poderíamos criar uma teologia. Não poderíamos criar o Vaticano, a Igreja. Há templos, mas não há Igreja. A mente oriental é basicamente ilógica, logo ela é propensa a ser caótica num certo sentido. É propensa a ser individual; não pode ser organizacional.

Um padre católico é algo muito diferente. Ele é treinado para ser parte de uma organização. Ele pertence a algum ponto na

hierarquia. E funciona. Um sistema, uma hierarquia é lógica, assim o cristianismo foi capaz de se espalhar pelo mundo.

O hinduísmo nunca tentou converter ninguém. Mesmo que alguém tenha se auto-convertido, o hinduísmo não estará à vontade com ele. É uma religião não-conversora, não-organizacional. Não há sacerdócio no sentido em que existe no catolicismo. O monge hindu, é simplesmente um indivíduo perambulante - sem qualquer hierarquia, sem pertencer a qualquer sistema. Ele é absolutamente sem raízes. No que se refere ao mundo externo, esta abordagem é propensa a ser um malogro, mas no que se refere ao indivíduo, no que se refere à profundidade interior, é propensa a ser um sucesso.

Vivekananda era muito atraído ao cristianismo. Ele criou a Ordem de Ramakrishna baseada no modelo do sacerdócio católico.

Isto é muito alienígena para o Oriente, muito estranho. É absolutamente ocidental. A mente de Vivekananda não era oriental de forma alguma. E assim como digo que Vivekananda era ocidental, digo que Eckhart e São Francisco eram orientais. Basicamente, eles pertenciam ao Oriente.

O próprio Jesus pertencia ao Oriente. Mas o cristianismo não pertence ao Oriente; pertence ao Ocidente. Jesus era basicamente oriental; ele era antiigreja, antiorganização. Esse era o conflito.

A mente ocidental pensa em termos de lógica, razão, sistema, argumento. Ela não pode ir muito fundo; permanecerá na superfície. Será extensiva, mas nunca intensiva.

As organizações religiosas são uma cortina para nós, portanto. Elas terão de desaparecer, a fim de vermos o céu?

Sim. Elas cobrem a janela. Elas são obstáculos.

A mente ocidental terá de se expandir como o fez a mente oriental?

A mente ocidental pode ser bem-sucedida no que se refere à ciência, mas não pode ser bem-sucedida em consciência religiosa. Sempre que a mente religiosa nasce, mesmo no Ocidente, ela é oriental. Em Eckhart, em Bohme, a própria qualidade da mente é oriental. E sempre que a mente científica nasce no Oriente, é propensa a ser ocidental. O Oriente e o Ocidente não são geográficos. Ocidente significa o aristotélico e Oriente significa não-aristotélico; Ocidente significa o racional e Oriente significa o irracional.

Tertuliano foi uma das mentes mais orientais no Ocidente. Ele disse, Acredito em Deus porque é impossível acreditar. Acredito em Deus porque é absurdo. Esta é a atitude oriental básica: *porque* é absurdo. Ninguém pode dizer isto no Ocidente. No Ocidente, dizem que você deveria acreditar em algo somente quando é racional. Caso contrário, é apenas uma crença, uma superstição.

Eckhart também tem a mente oriental. Ele diz, Se você acredita no possível, não é crença. Se você acredita no argumento, não é religião. Estas são partes da ciência.

Somente se você acredita no absurdo, algo que está além mente chega a você. Este conceito não é ocidental. Pertence ao Oriente.

Confúcio, por outro lado, tem a mente ocidental. No Ocidente podem entender Confúcio, mas nunca podem entender Lao Tsé. Lao Tsé diz, Você é um tolo, porque só é racional. Ser racional, razoável não é o suficiente. O irracional deve ter o seu próprio canto para existir. Somente se a pessoa é ambos, racional e irracional, ela é razoável.

Uma pessoa totalmente racional jamais pode ser razoável. A razão tem o seu próprio canto escuro de irracionalidade. A criança nasce no útero escuro. A flor nasce no escuro, nas raízes

subterrâneas. O escuro não deve ser negado; ele é a base. É a coisa mais significativa, mais vivificante.

A mente ocidental tem algo a contribuir para o mundo. É a ciência, não a religião. A mente oriental pode contribuir somente com a religião, não com tecnologia ou ciência. A ciência e a religião são complementares. Se pudermos compreender tanto suas diferenças quanto suas complementaridades, então uma cultura mundial poderá nascer disso.

Se alguém necessita de ciência, deveria ir ao Ocidente. Mas se o Ocidente cria qualquer religião, nunca pode ser mais do que teologia. No Ocidente, você dá argumentos a si mesmo para provar Deus. Argumentos para provar Deus! É inconcebível no Oriente. Você não pode provar Deus. O próprio esforço é sem sentido. Aquilo que pode ser provado jamais será Deus; será uma conclusão científica. No Oriente, dizemos que o divino é improvável. Quando você estiver enfadado de suas provas, então salte para a experiência em si; salte para o próprio divino.

A mente oriental só pode ser pseudocientífica, assim como a mente ocidental só pode ser pseudoreligiosa. Vocês criaram uma grande teologia no Ocidente, não uma tradição religiosa. Da mesma forma, sempre que fazemos uma tentativa em direção à ciência no Oriente, só podemos criar técnicos, não cientistas, pessoas de *knowhow*, não inovadores, criadores.

Assim, não venha ao Oriente com a mente ocidental, ou você só se enganará. Então você levará seu equívoco com um entendimento. A atitude no Oriente é categoricamente oposta. Só os opostos são complementares — como o masculino e o feminino.

A mente oriental é feminina; a mente ocidental é masculina. A mente ocidental é agressiva. A lógica é propensa a ser agressiva, violenta. A religião é receptiva, assim como a mulher. Deus só pode ser recebido; ele não pode jamais ser descoberto ou inventado. O indivíduo deve tornar-se como a mulher: totalmente receptivo,

simplesmente aberto e permissivo. Isto é o que se quer dizer por meditação: estar aberto e permissivo.

Ramakrishna disse que a abordagem bhakti é a mais adequada para esta era. É assim mesmo?

Não. Ramakrishna disse que a *bhakti* yoga era a abordagem mais adequada para esta época, porque era a mais adequada para ele. Essa é a janela pela qual ele chegou ao céu. Não é uma questão de abordagem ser adequada ou inadequada para uma determinada época. Nós pensamos em termos de épocas.

Os séculos vivem contemporaneamente. Nós parecemos ser contemporâneos; podemos não ser. Posso estar vivendo vinte séculos atrás. Nada é absolutamente passado. Para alguém é o presente. E nada é absolutamente o presente, tampouco. Para alguém é o passado e para outro alguém é ainda o que virá. Portanto, nenhuma afirmação categórica pode ser feita para a época como tal.

Ramakrishna era um devoto. Ele chegou a Deus pela oração e pelo amor, pela emoção. Ele realizou desta forma, logo, para ele, parecia que isto seria útil para todos. Ele não podia entender como o seu caminho poderia ser difícil para os outros. Não importa quão simpáticos possamos ser, sempre vemos os outros à luz das nossas próprias experiências. Para Ramakrishna, o caminho parecia ser a *bhakti* yoga: o caminho de devoção.

Se quisermos pensar em termos de eras, podemos dizer que esta é a mais intelectual, a mais científica, a mais tecnológica — a menos devocional, a menos emocional. O que Ramakrishna dizia estava certo para ele, pode ter sido certo para as pessoas ao redor dele, mas Ramakrishna nunca afetou o mundo maior. Ele pertence basicamente à aldeia, à mente não-tecnológica, não-científica. Ele era um aldeão - inculto, não-familiarizado com o mundo maior - assim, o que disse deveria ser entendido de acordo com a sua linguagem de

aldeia. Ele não podia conceber os dias que chegaram hoje. Ele era basicamente parte do mundo do camponês, onde o intelecto não era nada e a emoção era tudo. Ele não era um homem desta época. O que dizia estava correto para o mundo no qual se movimentava, mas não para o mundo que existe agora.

Estes três tipos têm sempre existido: o intelectual, o ativo, o emocional. Haverá sempre um equilíbrio entre eles, assim como há sempre um equilíbrio entre o masculino e o feminino. O equilíbrio não pode ser perdido por muito tempo. Se perder-se, logo será reobtido.

No Ocidente, vocês perderam o equilíbrio. O intelecto tornou-se o fator predominante. Pode lhes atrair o que Ramakrishna diz, A devoção é o caminho para esta era, porque vocês perderam o equilíbrio. Mas Vivekananda diz o oposto.

Porque o Oriente também perdeu o equilíbrio, ele é predominantemente intelectual. Isto é justamente para equilibrar o extremo existente. É complementar, num certo sentido.

Ramakrishna era o tipo emocional e seu principal discípulo era o tipo intelectual. Era propenso a ser. Essa é a cópula: o masculino e o feminino. Ramakrishna é absolutamente feminino: não-agressivo, receptivo. O sexo não existe apenas na biologia; existe em todas as partes. Em cada campo, onde quer que haja polaridade, há sexo e o oposto é atraído.

Vivekananda não poderia ser atraído por qualquer intelectual. Ele não poderia, ele não era o oposto polar. Havia gigantes intelectuais em Bengala. Ele os visitaria e voltaria de mãos abanando. Ele não seria atraído. Ramakrishna era a pessoa menos intelectual possível. Ele era tudo o que Vivekananda não era, tudo o que ele estava procurando.

Vivekananda era o oposto de Ramakrishna; assim, o que ele ensinava em nome de Ramakrishna não era do mesmo espírito que o ensinamento de Ramakrishna em si. Portanto, quem quer que chegue a Ramakrishna através de Vivekananda, não pode jamais

chegar a Ramakrishna, absolutamente. Quem quer que entenda a interpretação de Ramakrishna por Vivekananda, não pode jamais entender o próprio Ramakrishna. A interpretação vem do oposto polar.

Quando as pessoas dizem, Sem Vivekananda jamais saberíamos de Ramakrishna, está certo, de alguma forma. O mundo jamais teria ouvido de Ramakrishna sem Vivekananda. Mas com Vivekananda, o que quer que seja conhecido sobre Ramakrishna é basicamente falso. É uma interpretação errônea. Isto é porque seu tipo é contrário ao de Ramakrishna. Ramakrishna nunca argumentava; Vivekananda era argumentativo. Ramakrishna era ignorante; Vivekananda era um homem de conhecimento. O que Vivekananda dizia sobre Ramakrishna era dito pelo espelho de Vivekananda. Nunca era autêntico. Não podia ser.

Isto tem acontecido sempre. Continuará a acontecer. Buda atrai as pessoas que são o oposto polar dele. Mahavira e Jesus atraem pessoas que são espiritualmente o outro sexo. Estes opostos então criam a organização, a ordem. Eles interpretarão. Os próprios discípulos serão os falsificadores. Mas isto é o que é. Não pode ser evitado.

1. Em português não há conotação evidente, enquanto em inglês esta conotação é graficamente explícita: *God* (Deus) e *good* (bom). (NT)

11. O CORRETO QUESTIONAR

Não pergunte questões teóricas. As teorias resolvem menos e confundem mais. Se não houvesse teorias, haveria menos problemas. Não é que as teorias resolvam as questões ou os problemas. Ao contrário, as questões surgem *a partir* das teorias.

E não pergunte questões filosóficas. As questões filosóficas apenas parecem ser questões, mas não são. Eis porque nenhuma resposta tem sido possível. Se uma questão é realmente uma questão, então é respondível, mas se é falsa, apenas uma confusão lingüística, então não pode ser respondida. A filosofia tem respondido por séculos, mas as questões ainda continuam as mesmas. Seja como for que você responda a uma questão filosófica, jamais a responde, porque a questão em si é falsa. Ela não é de modo algum formulada para ser respondida. A questão é tal que, intrinsecamente, nenhuma resposta é possível.

E não pergunte questões metafísicas. Por exemplo, se você pergunta quem criou o mundo, é irrespondível. É absurda. Não que as questões metafísicas sejam questões reais, mas elas não podem ser respondidas. Elas podem ser solucionadas, mas não podem ser respondidas.

Pergunte questões que sejam pessoais, íntimas, existenciais. O indivíduo deve estar consciente do que realmente está perguntando. É algo que realmente significa alguma coisa para você? Se for respondida, abrir-se-á uma nova dimensão para você? Algo será acrescentado à sua existência, o seu ser será de alguma forma transformado por ela? Somente tais questões são religiosas.

A religião diz respeito aos problemas, não às questões. Uma questão pode surgir simplesmente da curiosidade, mas um problema é íntimo e pessoal. Você está envolvido nele; você é ele. Uma questão é separada de você. Assim, antes de perguntar qualquer coisa, cave

profundamente dentro e pergunte algo que é íntimo e pessoal, algo no qual você está confuso, no qual você está envolvido. Somente então você pode ser ajudado.

As nossas vidas são predestinadas ou não?

Este não é um problema pessoal, é uma questão filosófica.

Nossas vidas são ambas, predestinadas e não são. Ambas, sim e não. E ambas as respostas são verdadeiras para todas as questões acerca da vida.

De uma certa forma, tudo é determinado. O que quer que seja físico em você, material, o que quer que seja mental, é predeterminado. Mas algo em você permanece constantemente indeterminado, imprevisível. Este algo é a sua consciência.

Se você está identificado com o seu corpo e com a sua existência material, na mesma proporção você é determinado por causa e efeito. Então você é uma máquina. Mas se você não está identificado com a sua existência material, nem com o seu corpo ou mente - se você pode sentir a si mesmo como algo separado, diferente, acima e transcendente ao corpo/mente - então esta consciência não é predeterminada. É espontânea, livre. Consciência significa liberdade; matéria significa escravidão. Logo, depende de como você define a si próprio. Se você diz, Eu sou apenas o corpo, então tudo a seu respeito é completamente determinado.

Uma pessoa que diz que o homem é apenas o corpo, não pode dizer que o homem não é predeterminado. Habitualmente, as pessoas não acreditam em tal coisa como a consciência, também não acreditam em predeterminação; enquanto as pessoas que são religiosas acreditam em predeterminação. O que eu digo, portanto, pode parecer muito contraditório. Mas ainda assim, é o caso.

Uma pessoa que tenha conhecido a consciência, conheceu a liberdade. Portanto, só uma pessoa espiritual pode dizer que não há absolutamente determinação. Essa realização surge apenas quando

you está completamente não identificado com o corpo. Se você sente que é apenas uma existência material, então nenhuma liberdade é possível. Com a matéria, nenhuma liberdade é possível. Matéria significa aquilo que não pode ser livre. Ela deve fluir na cadeia de causa e efeito.

Uma vez que alguém tenha alcançado a consciência, a iluminação, ele está completamente fora do domínio de causa e efeito. Ele torna-se absolutamente imprevisível. Você não pode dizer nada sobre ele. Ele começa a viver cada momento; sua existência torna-se atômica.

A sua existência é uma cadeia semelhante a um rio, na qual cada passo é determinado pelo passado. Seu futuro não é realmente futuro; é apenas um subproduto do passado. É apenas o passado determinando, moldando, formulando e condicionando seu futuro. Eis porque o seu futuro é previsível.

Skinner diz que o homem é tão previsível quanto qualquer outra coisa. A única dificuldade é que nós ainda não inventamos os meios para conhecer seu passado total. No momento em que pudermos conhecer seu passado, poderemos prever tudo sobre ele. Baseado nas pessoas com as quais trabalhou, Skinner está certo, porque todas elas são completamente previsíveis. Ele fez experiências com centenas de pessoas e descobriu que elas todas são seres mecânicos, que nada existe dentro delas que possa ser chamado de liberdade.

Mas seu estudo é limitado. Nenhum Buda veio ao seu laboratório para ser experimentado. Mesmo se uma única pessoa é livre, mesmo se uma única pessoa não é mecânica, não previsível, toda a teoria de Skinner cai. Se *uma* pessoa em toda a história da humanidade é livre e imprevisível, então o homem é potencialmente livre e imprevisível.

Toda a possibilidade da liberdade depende em se você enfatiza o seu corpo ou a sua consciência. Se você é apenas um fluxo de vida direcionado para fora, então tudo é determinado. Ou

you é também algo interno? Não dê qualquer resposta pré-formulada. Não diga: Eu sou a alma. Se você sente que não há nada dentro de você, então seja honesto a respeito. Esta honestidade será o primeiro passo em direção à liberdade interior da consciência.

Se você for profundamente para dentro, sentirá que tudo é apenas parte do exterior. O seu corpo veio para fora, seus pensamentos vieram para fora, até mesmo o seu *self* foi-lhe dado por outros. Eis porque você é tão receoso da opinião dos outros - porque eles estão em completo controle do seu *self*. Eles podem mudar suas opiniões a seu respeito a qualquer momento. Seu *self*, seu corpo, seus pensamentos são dados a você pelos outros, assim o que está dentro? Você é camadas e camadas de acumulação externa. Se você está identificado com esta sua personalidade que vem dos outros, então tudo é determinado.

Torne-se consciente de tudo que vem do exterior e se torne não identificado com ele. Então virá um momento em que o exterior cai completamente. Você estará num vácuo. Este vácuo é a passagem entre o exterior e o interior, é a porta.

Nós temos tanto medo do vácuo, tanto medo de estarmos vazios, que nos apegamos à acumulação externa. O indivíduo tem de ser corajoso o bastante para desidentificar-se com a acumulação e para permanecer no vazio. Se não for corajoso o suficiente, você sairá e se apegará a algo, e será preenchido por ele. Mas este momento de estar no vazio é meditação. Se você for corajoso o suficiente, se puder permanecer neste momento, logo todo o seu ser voltar-se-á automaticamente para dentro.

Quando não há nada a que se apegar do exterior, o seu ser volta-se para dentro. Então você sabe, pela primeira vez, que você é algo que transcende a tudo que pensava ser. Agora você é algo diferente do tornar-se; você é ser. Este ser é livre; nada pode determiná-lo. É absolutamente livre. Nenhuma cadeia de causa e efeito é possível.

Suas ações estão relacionadas às ações passadas. *A* criou uma situação para *B* tornar-se possível; *B* criou uma situação na qual *C* floresce. Seus atos estão conectados com os atos passados e isto retrocede até o começo do começo e avança até ao fim infundável. Não apenas os seus próprios atos o determinam, mas também os atos de seu pai, de sua mãe têm uma continuidade com os seus. Sua sociedade, sua história, tudo o que aconteceu antes, está de alguma forma relacionado ao seu ato presente. Toda a história surge para florescer em você.

Tudo o que já aconteceu está conectado com o seu ato, assim o seu ato é obviamente determinado. É uma parte tão minúscula de todo o quadro. A história é uma força vivente vital tão grande e o seu ato individual é uma parte tão pequena dela.

Marx disse, Não é a consciência que determina as condições da sociedade. São a sociedade e suas condições que determinam a consciência. Não são os grandes homens que criam os grandes homens. E de uma certa forma ele está certo, porque você não é o originador das suas ações. Toda a história as determinou. Você está apenas executando-as.

Todo o processo evolucionário aconteceu na formação das suas células biológicas. Estas células em você podem depois tornar-se parte de uma outra pessoa. Você pode pensar que é o pai, mas você foi apenas um estágio no qual toda a evolução biológica atuou e o forçou a agir. O fato da procriação é tão poderoso porque está além de você; é todo o processo evolucionário trabalhando através de você.

Esta é uma forma na qual os atos acontecem em relação a outros atos passados. Mas quando uma pessoa torna-se iluminada, um novo fenômeno começa a acontecer. Os atos não mais se conectam com os atos passados. Qualquer ato agora está ligado apenas à sua consciência. Ele vem da sua consciência, não do passado. Eis porque uma pessoa iluminada não pode ser predita.

Skinner diz que nós podemos determinar o que você fará, se os seus atos passados forem conhecidos. Ele diz que o velho provérbio, Você pode levar um cavalo à água, mas não pode fazê-lo beber, está errado. Você pode forçá-lo a beber. Você pode criar uma atmosfera tal, que o cavalo terá de beber. O cavalo pode ser forçado e você também pode ser forçado, porque as suas ações são criadas pelas situações, pelas circunstâncias. Mas mesmo que possa trazer um Buda ao rio, você não pode forçá-lo a beber. Quanto mais o forçar, mais impossível será. Nenhum calor o fará beber. Até mesmo se mil sóis brilharem sobre ele, não ajudará. Um Buda tem uma diferente origem de ação. Não está relacionada a outros atos; está conectada à consciência.

Eis porque eu enfatizo que você aja conscientemente. Então, cada momento que você age, não é uma questão de continuação dos outros atos. Você está livre. Agora você começa a agir e ninguém pode dizer como agirá.

Os hábitos são mecânicos; eles se repetem. Quanto mais você repete algo, mais eficiente você se torna. Eficiência significa que agora a consciência não é mais necessária. Se a pessoa é um datilógrafo eficiente, significa que nenhum esforço é necessário; a datilografia pode ser feita inconscientemente. Mesmo se ela estiver pensando noutra coisa, o datilografar continua. O corpo está datilografando; o homem não é necessário. Eficiência significa que a coisa está tão certa, que nenhum erro é possível. Com a liberdade, o erro é sempre possível. Uma máquina não pode cometer erros. Para errar, o indivíduo tem de estar consciente.

Assim, os seus atos têm uma cadeia de relações com os seus atos anteriores. Eles são determinados. Sua infância determina sua juventude; sua juventude determina sua velhice. Seu nascimento determina sua morte; tudo é determinado. Buda costumava dizer, Providencie a causa e o efeito estará ali.

Este é o mundo de causa e efeito, no qual tudo é determinado. Se você age com total consciência, uma situação de todo diferente

existe. Então, tudo é de momento a momento. A consciência é um fluxo; ela não é estática. É a própria vida, ela muda. Ela é viva. Ela continua a se expandir; continua a se tornar nova, jovem, fresca. Então, seus atos serão espontâneos.

Lembro-me de uma história Zen. Um mestre Zen perguntou ao seu discípulo uma certa questão. A questão foi respondida exatamente como devia ser respondida. No dia seguinte o mestre perguntou exatamente a mesma questão. O discípulo disse, Mas eu respondi esta questão ontem.

O mestre explicou, Agora eu estou perguntando-lhe de novo. O discípulo repetiu a mesma resposta. O mestre disse, Você não sabe!

O discípulo contestou, Mas ontem eu respondi do mesmo jeito e você balançou a cabeça afirmativamente. Assim, eu interpretei que a resposta estava correta. Por quê você mudou de idéia agora?

O mestre retrucou, Tudo que pode ser repetido, não está vindo de você. A resposta veio da sua memória, não da sua consciência. Se você realmente soubesse, a resposta seria diferente, porque muito mudou. Eu não sou o mesmo homem que lhe fez esta pergunta ontem. Toda a situação é diferente. Você também é diferente, mas a resposta é a mesma. Eu tive de perguntar a questão de novo, apenas para ver se você repetiria a resposta. Nada pode ser repetido

Quanto mais vivo você está, menos repetitivo. Só um homem morto pode ser consistente. Viver é inconsistência; vida é liberdade. A liberdade não pode ser consistente. Consistente com o que? Você pode ser consistente somente com o passado. Uma pessoa iluminada é consistente somente na sua consciência; ela jamais é consistente com seu passado. Ela está totalmente no ato. Nada é deixado para trás; nada é desprezado. No momento seguinte o ato se acaba e sua consciência está novamente fresca. A consciência estará ali, sempre que qualquer situação surgir, mas cada ato será realizado em

completa liberdade, como se fosse a primeira vez que este homem esteve nesta situação particular.

Eis porque eu respondi tanto sim como não à sua pergunta.

Depende de você - se você é consciência ou se você é uma acumulação, uma existência corporal.

A religião dá liberdade, porque a religião dá consciência. Quanto mais a ciência souber sobre a matéria, mais o mundo será escravizado. Todo fenômeno da matéria é de causa e efeito. Se você sabe que dando isto, aquilo acontece, então tudo pode ser determinado.

Antes que este século acabe, nós veremos todo o curso da humanidade sendo determinado em muitas direções. A maior calamidade possível não é a guerra nuclear. Ela pode apenas destruir. A calamidade real virá das ciências psicológicas.

Elas aprenderão como o ser humano pode ser completamente controlado. Porque não estamos conscientes, podemos ser conduzidos a nos comportar de formas predeterminadas.

Como estamos, tudo a nosso respeito é determinado. Alguém é hindu, um outro alguém é maometano. Isto é determinação. Isto é predeterminação, não liberdade. Os pais decidiram; a sociedade está decidindo. Alguém é médico e um outro alguém é engenheiro. Agora o comportamento dele é determinado.

Nós já estamos sendo controlados constantemente e nossos métodos são ainda muito primitivos. Técnicas mais novas serão capazes de determinar nosso comportamento a tal extensão, que ninguém será capaz de dizer que há alma. Se cada resposta¹ sua é determinada, então qual é o significado da alma?

Suas respostas² podem ser determinarias através da química corporal. Se lhe é dado álcool, você se comporta diferentemente. Sua química corporal é diferente, portanto seu comportamento é diferente. Em uma certa época, a técnica tântrica máxima era tomar intoxicantes e permanecer consciente. Se uma pessoa permanecia consciente quando tudo indicava que ela deveria estar inconsciente,

só então tantra diria que o homem estava iluminado, caso contrário não.

Se a química corporal pode mudar sua consciência, então qual é o sentido da consciência? Se uma injeção pode torná-lo inconsciente, então qual é o sentido? Então a droga química na injeção é mais poderosa do que a sua própria consciência. Tantra diz que é possível transcender a todo intoxicante e permanecer consciente. O estímulo foi dado, mas a resposta não está lá.

O sexo é um fenômeno químico. Uma quantidade particular de um hormônio particular cria o desejo sexual. Você converte-se no desejo. Você poderá se arrepender quando a química corporal retorna ao nível normal, mas o arrependimento será sem sentido. Quando os hormônios estiverem ali de novo, você *agirá* da mesma forma. Assim, tanto também experimentou com o sexo. Se você não sente desejo sexual numa situação que é totalmente sexual, então você está livre. Sua química corporal foi deixada bem para trás. O corpo está ali, mas você não está no corpo.

A raiva também é apenas química. Os bioquímicos logo serão capazes de torná-lo à prova de raiva, ou à prova de sexo. Mas você não será um Buda. Buda não era incapaz de sentir raiva. Ele era capaz dela, mas o efeito de sentir raiva não estava lá.

Se sua química corporal for controlada, você será incapaz de ter raiva. A condição química que faz você sentir raiva não está ali, assim o efeito da raiva não está ali, Ou se seus hormônios sexuais forem eliminados do corpo, você não será sexual. Mas a coisa real não é se você é sexual ou não, se você sente raiva ou não. A coisa real é como estar consciente numa situação que exige sua inconsciência, como estar consciente numa situação que acontece somente na inconsciência.

Sempre que uma tal situação estiver ali, medite nela. Foi-lhe dada uma grande oportunidade. Se você sente ciúme, medite nele. Este é o momento certo. Sua química corporal está funcionando dentro de você. Ela o tornará inconsciente; fará você comportar-se

como se estivesse maluco. Agora seja consciente. Deixe haver ciúme, não o reprima, mas esteja consciente; seja uma testemunha dele.

Se há raiva, seja uma testemunha dela; se há sexo, seja uma testemunha dele. Deixe o que estiver acontecendo dentro de você acontecer e comece a meditar em toda a situação. Pouco a pouco, quanto mais a sua consciência se aprofundar, menor possibilidade haverá de seu comportamento ser determinado para você. Você torna-se livre. *Moksha*, liberdade, não significa qualquer outra coisa. Significa apenas uma consciência que é tão livre, que agora nada pode determiná-la.

O que é o amor divino? Como uma pessoa iluminada experimenta o amor?

Primeiro vamos olhar questão em si. Você deve ter estado esperando para perguntá-la. Não poderia ter ocorrido a você exatamente agora; você deve ter decidido por ela previamente. Ela estava esperando para ser levantada; ela estava forçando você a colocá-la. Sua memória determinou a pergunta, não a sua consciência. Se você estivesse consciente exatamente agora, se você estivesse no momento, esta questão não surgiria. Se você estivesse ouvindo o que eu venho dizendo, esta indagação seria impossível.

Se a questão estava presente em você, é impossível que você tenha ouvido qualquer coisa que eu tenha dito. Uma questão que está constantemente presente na mente cria uma tensão e por causa da tensão, você não pode estar aqui. Eis porque sua consciência não pode agir com liberdade. Se você entende isto, então nós podemos considerar sua pergunta.

A questão em si é boa, mas a mente que pensou nela está doente. A consciência deve estar ali, de momento a momento, não somente nos atos, mas nas indagações, em cada gesto. Se ergo meu dedo, pode ser apenas um hábito. Então não sou o mestre do meu

corpo. Mas se é uma expressão espontânea de algo que está presente na minha consciência agora mesmo, é de todo diferente.

Cada gesto de um pregador cristão é predeterminado. Foi-lhe ensinado isto. Uma vez estive numa faculdade teológica cristã. Após cinco anos nesta escola, o indivíduo torna-se doutor em divindade. Absurdo! Doutor em divindade é pura idiotice. Eles estavam sendo treinados em tudo: como postar-se no púlpito, como iniciar o culto, como cantar o hino, como olhar para a audiência, onde parar e onde deixar um vazio ou intervalo. Tudo! Esta preparação tola não deve acontecer. É um grande infortúnio.

Esteja no momento. Não decida qualquer coisa de antemão. Esteja consciente de que a questão está presente em você, que está batendo à porta da mente continuamente. Você não estava me ouvindo, em absoluto - apenas por causa desta questão! E quando eu começar a falar sobre sua pergunta, sua mente criará outra questão. Novamente você perderá. O que eu estou dizendo não é pessoal a você. É verdade para todos.

Agora a questão.

Sempre que o amor existe é divino, assim dizer amor divino é sem sentido. O amor é sempre divino. Mas a mente é manhosa. Ela diz: Nós sabemos o que o amor é. Só o que não sabemos é o que o amor *divino* é. Mas nós nem mesmo conhecemos o amor. É uma das coisas mais desconhecidas. Há muita fala a respeito; ele nunca é vivido. Isto é um truque da mente. Nós falamos sobre aquilo que não podemos viver.

A literatura, a música, a poesia, a dança - tudo revolve em torno do amor. Se o amor estivesse realmente ali, nós não falaríamos tanto dele. Nossa conversa excessiva sobre o amor, mostra que o amor é inexistente. Falar sobre coisas que não são, é um substitutivo. Pela fala, pela linguagem, pelos símbolos, pela arte, nós criamos a ilusão de que a coisa está ali. Alguém que nunca conheceu o amor, pode escrever um poema melhor sobre ele, do que alguém que conheceu o amor, porque o vazio é muito mais

profundo. Tem de ser preenchido. Algo tem de substituir o lugar do amor.

Em primeiro lugar é melhor entender o que o amor é, porque quando você pergunta sobre o amor divino, entende-se que o amor é conhecido. Mas o amor não é conhecido. O que se conhece como amor é uma outra coisa. O falso deve ser conhecido antes que passos possam ser tomados em direção ao real, à verdade.

O que é conhecido como amor é apenas paixão impulsiva³. Você começa a amar alguém. Se esse alguém se tornar seu totalmente, o amor morrerá logo; mas se houver barreiras, se você não puder ter a pessoa que você ama, então o amor se tornará intenso. Quanto mais barreiras, mais intensamente o amor será sentido. Se o bem amado ou o amante é impossível de ser conquistado, o amor torna-se eterno; mas se você pode conquistar seu amante facilmente, então o amor morre facilmente.

Quando você tenta obter algo e não consegue, você se torna intenso na tentativa de obtê-lo. Quanto mais obstáculos há, mais seu ego sente que é necessário fazer alguma coisa,

Torna-se um problema do ego. Quanto mais você é recusado, mais tenso você se torna - e mais desatinadamente apaixonado. A esta tensão, você chama amor. Eis porque uma vez terminada a lua de mel, o amor está velho. Até mesmo antes disso. O que você conheceu como amor, não era amor. Era apenas uma paixão desvairada do ego, uma tensão do ego: uma luta, um conflito.

As sociedades humanas antigas eram muito astutas. Elas desenvolviam métodos para fazer o amor durar. Se o homem não puder ver a esposa por um período prolongado, a paixão impulsiva será criada. Então o homem poderá permanecer com a esposa por toda sua vida.

Mas agora no Ocidente, o casamento não pode mais existir. Não é que a mente ocidental seja mais sexual. É que não se permite o acúmulo da paixão impulsiva. O sexo está tão facilmente disponível, que o casamento não pode existir. O amor também não pode mais

existir, com este tipo de liberdade. Se uma sociedade é completamente livre sexualmente, então somente o sexo pode existir.

Tédio é o outro lado da paixão desvairada. Se você ama alguém e não conquista o bem amado, a paixão desvairada aprofunda-se; mas se você o conquista ou a conquista, você começa a se sentir entediado, cheio; há muitas dualidades: paixão impulsiva/tédio, amor/ódio, atração/repulsão. Com a paixão impulsiva você sente atração, amor e com o tédio você sente repulsão, ódio.

Nenhuma atração pode realmente ser amor, porque a repulsão é propensa a surgir. Está na natureza das coisas que o outro lado virá. Se você não quer que o oposto venha, você deve criar barreiras de forma que a paixão desatinada nunca termine; você deve criar tensões diárias. Então a paixão desvairada continua. Esta é a razão de todo o antigo sistema de criar barreiras ao amor.

Mas logo não será mais possível. Então o casamento morrerá e o amor também morrerá. Ele se afundará em segundo plano. Somente o sexo permanecerá. Mas o sexo não pode se manter por si mesmo; ele torna-se mecânico demais. Nietzsche declarou que Deus está morto. A coisa real que vai morrer neste século é o sexo. Eu não quero dizer que as pessoas serão assexuadas. Elas serão sexuais, mas a excessiva ênfase no sexo acabará. O sexo tornar-se-á um ato comum como qualquer outro - como urinar, ou beber ou qualquer outra coisa. Ele não será significativo. Ele tornou-se significativo somente por causa das barreiras que se criaram ao redor dele.

O que você tem chamado de amor, não é amor. É apenas sexo postergado. Então, o que é o amor? O amor não está de forma alguma relacionado ao sexo. O sexo pode surgir dele ou não, mas não está relacionado ao sexo, em absoluto. É algo de todo diferente.

Para mim o amor é um subproduto da mente meditativa. Não está relacionado ao sexo; está relacionado a *dhyana*, meditação. Quanto mais silencioso você se tornar, mais tranquilo consigo

mesmo estará, mais preenchido sentir-se-á e mais uma nova expressão do seu ser estará ali. Você começará a amar. Não a alguém em particular. Pode acontecer a alguém em particular, mas isso é outra coisa. Você começa a *amar*. Este amor torna-se o seu modo de existir. Ele nunca pode se transformar em repulsa, porque não é uma atração.

Você deve entender claramente a distinção. Ordinariamente, quando você se apaixona por alguém, o sentimento real é como obter amor dele. Não é que o amor esteja saindo de você para ele. Ao contrário, é uma expectativa de que o amor virá *dele* para você. Eis porque o amor se torna possessivo. Você possui alguém de tal forma que possa obter algo dele. Mas o amor do qual estou falando não é nem possessivo, nem tem quaisquer expectativas. É apenas como você se comporta. Você tornou-se tão silencioso, tão amoroso, que o seu silêncio vai aos outros, agora.

Quando você está com raiva, sua raiva vai aos outros. Quando você odeia, seu ódio vai para os outros. Quando você está amando, você sente que o seu amor está saindo para os outros, mas você não está confiante. Num momento há amor e no momento seguinte haverá ódio. O ódio não é o oposto do amor; é parte e parcela dele, uma continuidade.

Se você amou alguém, você o odiará. Você pode não ser corajoso o suficiente para admiti-lo, mas você o odiará. Os amantes estão sempre em conflito quando estão juntos. Quando não estão juntos, podem cantar canções de amor um ao outro, mas quando estão juntos, estão sempre brigando. Eles não podem viver sós e não podem viver juntos. Quando o outro não está ali, a paixão impulsiva é criada; os dois de novo sentem amor um pelo outro. Mas quando o outro está presente, a paixão desvairada se vai e o ódio é novamente sentido.

O amor do qual estou falando, significa que você se tornou tão silencioso, que agora não há nem raiva nem atração, nem repulsão. Realmente, agora não há amor e não há ódio. Você não

está de forma alguma orientado em direção ao outro. O outro desapareceu; você está só consigo mesmo. Neste sentimento de estar só, o amor vem a você como uma fragrância.

Pedir amor de outro, é sempre feio. Dependendo do outro, pedir algo do outro, sempre cria escravidão, sofrimento, conflito. A pessoa deveria estar suficientemente voltada a si mesma. O que eu quero dizer por meditação, é um estado de ser onde a pessoa é suficiente em si mesma. Você torna-se um círculo, só. O mandala é completo.

Você está tentando tornar o mandala completo com os outros: homem com a mulher, a mulher com o homem. Em certos momentos as linhas se encontram, mas pouco antes delas se encontrarem a separação começa. Somente se você se converte num círculo perfeito - todo, suficiente em si mesmo - o amor começa a florescer em você. Então o que quer que se aproximar de você, você amará. Não é em absoluto um ato; não é algo que você faz. Seu próprio ser, sua própria presença, é amor. O amor flui através de você.

Se você perguntar a uma pessoa que tenha alcançado este estado: Você me ama?, será difícil para ela responder. Ela não pode dizer, Eu amo você, porque não é um ato da parte dela; não é um fazer. E ela não pode dizer, Eu não o amo, porque ela ama. Realmente, ela é amor.

Este amor vem somente com a liberdade da qual tenho falado. A liberdade é o sentimento que você tem e o amor é o sentimento que os outros têm a seu respeito. Quando a meditação acontece no interior, você sente-se completamente livre. Esta liberdade é um sentimento interno; não pode ser sentido pelos outros.

Às vezes o seu comportamento pode criar dificuldades para os outros, porque eles não podem conceber o que aconteceu em você. De uma certa forma, você será um problema para eles, uma inconveniência, porque você não pode ser previsível. Agora, nada

será conhecido a seu respeito. O que você fará em seguida? O que dirá? Ninguém pode saber. Todos ao seu redor sentem uma certa inconveniência. Eles nunca podem estar tranquilos com você, porque agora você é capaz de fazer qualquer coisa; você não está morto.

Eles não podem sentir sua liberdade, porque não conheceram nada como isto. Eles nem mesmo a procuraram; não a buscaram. Eles estão em tal cativeiro, que não podem nem mesmo conceber o que é a liberdade. Eles têm estado enjaulados, não conheceram o céu aberto, assim, mesmo se você lhes falar sobre o céu aberto, este não pode ser comunicado a eles. Mas eles podem sentir seu amor, porque têm pedido amor. Mesmo em suas jaulas, em suas escravidões, têm buscado o amor. Eles têm criado toda a escravidão - escravidão com as pessoas, com as coisas - somente por causa de sua busca de amor.

Sempre que acontece de uma pessoa ser livre, seu amor é sentido. Mas você sentirá esse amor como compaixão, não como amor, porque não haverá excitação nele. Será muito difuso - sem calor, nem mesmo tepidez. Não há excitação nele. Está ali, eis tudo. A excitação vem e vai, não pode ser constante, logo se houver excitação no amor de Buda, então Buda terá de se mover novamente para o ódio. A excitação não estará ali. Os picos não estarão ali e os vales não estarão ali. O amor está simplesmente ali. Você o sentirá como *Karuna*, compaixão.

A liberdade não pode ser sentida do exterior. Somente o amor pode ser sentido. E isso também apenas com compaixão. Este tem sido um dos fenômenos mais difíceis da história humana. A liberdade de um iluminado cria inconveniência e o amor dele é compaixão. Eis porque a sociedade está sempre dividida com relação a estas pessoas.

Há pessoas que têm sentido apenas a inconveniência que um Cristo cria. Estas são as pessoas que estão bem estabelecidas. Elas não necessitam de compaixão. Elas pensam que têm amor, saúde,

bem-estar, respeito, tudo. Cristo acontece e os que têm serão contra ele, porque estará criando uma inconveniência para eles , enquanto os que-não-têm serão por ele, porque sentirão sua compaixão. Eles estão necessitados de amor. Ninguém os amou, mas este homem os ama. Eles não sentirão a inconveniência de um Cristo, porque não têm nada a temer, nada a perder.

Quando um Cristo morre, todos sentem sua compaixão, porque agora não há inconveniência. Até mesmo os bem-estabelecidos sentir-se-ão tranqüilos; eles o idolatrarão. Mas quando está vivo, ele é um rebelde. E é um rebelde porque é livre. Ele não é um rebelde porque algo está errado com a sociedade.

Tal rebeldia é apenas política. Se a sociedade mudar, aquele mesmo que era rebelde tornar-se-á ortodoxo. Isto aconteceu em 1917. Os próprios revolucionários transformaram-se num dos grupos fechados mais anti-revolucionários do mundo. No momento em que os homens como Stalin ou Mao estão no poder, eles se convertem nos líderes mais anti-revolucionários possíveis, porque não são realmente rebeldes. Eles estão apenas rebelando-se contra urna situação particular. Uma vez destruída essa situação, tornam-se tais como aqueles que lutavam por derrubar.

Mas um Cristo é sempre um rebelde. Nenhuma situação extinguirá sua rebelião, porque sua rebelião não é contra alguém. É porque sua consciência é livre. Onde quer que sentir uma barreira, sentir-se-á rebelde. A rebelião é seu espírito. Portanto, se Jesus voltar hoje, os cristãos não estarão tranquilos com ele.

Eles são agora parte do sistema; eles se estabeleceram. Se Jesus vier ao mercado de novo, destruirá tudo o que têm. O Vaticano, a Igreja, não é possível com Jesus. Somente Jesus é possível.

Todo professor que alcançou iluminação é rebelde, mas a tradição pertinente a ele nunca é rebelde. Ela nunca é pertinente à sua rebeldia, à sua liberdade, mas somente à sua compaixão, ao seu amor. Mas então, ela torna-se impotente. O amor não pode existir sem liberdade, sem rebelião.

Você não pode ser tão amoroso quanto Buda, a não ser que seja tão livre quanto ele. Um monge budista está apenas *tentando* ser compassivo. A compaixão é impotente, porque a liberdade não está lá. A liberdade é a fonte. Mahavira é compassivo, mas um monge jainista não é de forma alguma compassivo. Ele está apenas representando não violentamente e compassivamente; ele não é realmente compassivo. É astuto. Até mesmo na sua compaixão e na exibição dela, ele é ardiloso. Não há compaixão, porque a liberdade não está lá.

Sempre que a liberdade acontece na consciência humana, a liberdade é sentida de dentro e o amor é sentido de fora. Este amor, esta compaixão, é uma ausência de ambos, do amor e do ódio. O dualismo completo está ausente, não há nem atração, nem repulsão.

Assim, com uma pessoa que é livre e amorosa, depende de você se você pode receber seu amor ou não. Não depende de mim quanto amor eu posso lhe dar; depende de quanto amor você é capaz de receber. Habitualmente, o amor depende da pessoa que está dando. Ela pode dar amor; pode não dar. Mas o amor do qual falo não é dependente do doador. Ele está completamente aberto e dando a cada momento. Mesmo quando ninguém está presente, o amor está fluindo.

É exatamente como uma flor no deserto. Pode ser que ninguém saiba que ela floresceu e que está exalando seu perfume, mas ela o exalará. A flor floresceu, assim a fragrância está ali. Se alguém passa ou não, é irrelevante. Se alguém passa e é sensível, pode recebê-la. Mas se está completamente morto, insensível, pode nem mesmo estar consciente de que há uma flor ali.

Quando o amor está ali, depende de você se pode recebê-lo ou não. Somente quando o amor não está ali, o outro pode dá-lo a você ou retirá-lo de você. Com o amor, com a compaixão, não há divisão entre o divino e o não-divino. O amor é divino. Deus é amor.

O termo original é *response*, que permite a tradução como resposta, mas conotando também idéia de reação, tal qual entendida na Psicologia ou na Teoria da Comunicação. (NT)

1.O mesmo termo é empregado aqui, no plural, possibilitando idêntica conotação. (NT)

2.O vocábulo inglês, *infatuation*, não possui correspondente similar em português. Significa paixão impulsiva, tola, desvairada, desatinada. Sempre que aparece no texto original, é traduzido ora por um ora como outro destes sinônimos. (NT)

12. EQUILIBRANDO O RACIONAL E O IRRACIONAL

A que fatores você atribui a revolta da juventude ocidental e por que tantos jovens do Ocidente agora estão se interessando pela religião e pela filosofia oriental?

A mente é uma coisa muito contraditória. Funciona em polaridades opostas. Mas a nossa maneira lógica de pensar escolhe uma parte e nega outra. Assim, a lógica procede de uma forma não-contraditória e a mente funciona de maneira contraditória. A mente funciona nos opostos e a lógica trabalha linearmente.

Por exemplo, a mente tem duas possibilidades: estar irada ou estar silenciosa. Se você tem raiva, não significa que no outro extremo não possa estar sem raiva. Se você está inquieto, não significa que não possa estar silencioso. A mente continua a funcionar em ambas as direções. Se você pode amar, também pode estar cheio de ódio. Um não nega o outro.

Mas se você está amando, começa a pensar que é incapaz do ódio. Então o ódio continua a se acumular interiormente e quando você atinge o apogeu do seu amor, tudo se parte. Você naufraga no ódio. E não apenas a mente racional funciona assim; a sociedade também o faz.

O Ocidente chegou a um pico do pensamento racional. Agora a parte irracional da mente vingar-se-á. Foi negada expressão ao irracional e nos últimos cinquenta anos ela tem tido sua desforra de tantos modos: através da arte, poesia, drama, literatura, filosofia. E agora, até mesmo através do viver. Portanto, a revolta do jovem é realmente uma revolta da parte irracional contra a racional demasiada. O Oriente pode ser útil a esses no Ocidente, porque o

Oriente tem vivido com a parte outra da mente: a irracional. Ele também atingiu o pico: o pico da irracionalidade. Agora os jovens no Oriente estão mais interessados em comunismo do que em religião, mais interessados no pensamento racional do que no viver irracional. Como eu o vejo, o pêndulo agora oscilará. O Oriente se tornará como o Ocidente e o Ocidente se tornará como o Oriente.

Sempre que uma parte da mente atinge um pico, você se move para o oposto. Isso é o que sempre acontece na história. Agora, pois, a meditação será mais significativa no Ocidente. A poesia ganhará um novo apoio e a ciência declinará. A juventude ocidental dos dias modernos será antitecnológica, anticientífica. Este é um processo natural, um equilíbrio automático do extremo.

Não fomos ainda capazes de desenvolver uma personalidade que combine ambas as polaridades, que não seja nem oriental, nem ocidental. Nós temos sempre escolhido uma parte da mente e a oposta permanece faminta, enfraquecida. Então há propensão a haver rebelião. Tudo o que trabalhamos para desenvolver será partido e a mente se moverá para a outra polaridade. Isto tem acontecido através da história; esta tem sido a dialética.

Para o Ocidente, agora a meditação será mais significativa do que o pensar, porque meditação significa não-pensar. O Zen será mais atraente, o budismo será mais atraente, o yoga será mais atraente. Todas estas são atitudes irracionais para com a vida. Elas não enfatizam conceituações, teorias, teologias. Elas enfatizam um zelo pelo movimento profundo para dentro da existência, não para o pensar. Como eu o vejo, quanto mais domínio na mente a tecnologia tem, mais provável é que o pólo oposto esteja vindo.

A revolta dos jovens no Ocidente é muito significativa, muito significativa. É um ponto histórico de mudança, toda a mudança de consciência. Agora o Ocidente não pode continuar como tem sido. Um ponto de crise profunda chegou. O Ocidente terá de se mover noutra direção.

Toda sociedade no Ocidente agora é abastada. Houve indivíduos abastados antes, mas nunca toda a sociedade. Quando uma sociedade se toma abastada, as riquezas perdem o sentido. Elas são significativas somente numa sociedade pobre. Mas mesmo numa sociedade pobre, quando alguém se torna realmente abastado, ele está entediado. Quanto mais sensitiva é a pessoa, mais rapidamente ela se entedia. Um Buda está apenas entediado. Ele abandona tudo.

Toda a atitude da juventude moderna é de tédio para com uma opulência vazia. Os jovens estão abandonando a sociedade e continuarão a abandoná-la, a não ser que toda a sociedade empobreça. Então eles não serão capazes de abandonar. Este abandono, esta renúncia, só pode existir numa sociedade abastada. Se for levada a um extremo, a sociedade declinará. Então a tecnologia não progredirá e se isto continuar, o Ocidente se tornará o que o Oriente é hoje.

No Oriente, eles estão se voltando para o outro extremo. Eles criarão uma sociedade exatamente como essa do Ocidente. O Oriente está se voltando para o Ocidente e o Ocidente está se voltado para o Oriente, mas a doença permanece a mesma. Como eu a vejo, a doença é o desequilíbrio, a aceitação de uma coisa e a negação de outra.

Nunca permitimos que a mente humana florescesse em sua totalidade. Sempre escolhemos uma parte contra a outra, às custas da outra. Esta tem sido a miséria. Portanto, não sou nem pelo modo oriental, nem pelo modo ocidental, Sou contra ambos, porque são atitudes parciais. O indivíduo não deveria escolher nem o Oriente, nem o Ocidente; ambos fracassaram. O Oriente malogrou por escolher a religião e o Ocidente está malogrando por escolher a ciência. A menos que ambas sejam escolhidas, não haverá saída para este círculo vicioso.

Podemos mudar de um extremo ao outro. Se você falar de budismo no Japão, nenhum jovem estará pronto para ouvi-lo. Eles estão interessados em tecnologia e você está interessado em zen-

budismo. Na Índia, a nova geração não está o mínimo interessada em religião. Ela está interessada em economia, em política, em tecnologia, em engenharia, ciência - em tudo, exceto religião. A juventude no Ocidente está interessada em religião, enquanto a juventude do Oriente está interessada em ciência. Isto é apenas mudar a carga de um extremo a outro. A mesma falácia ainda existirá.

Estou interessado na mente total, na mente que não é nem ocidental, nem oriental, que é apenas humana - a mente global. É fácil conviver com uma parte da mente, mas se quiser viver ambas as partes, você terá de viver uma vida muito inconsistente. Inconsistente superficialmente, claro. Numa camada mais profunda, você terá uma consistência, uma harmonia espiritual.

O homem permanece espiritualmente pobre, a menos que a polaridade oposta seja também uma parte dele. Então ele se enriquece. Se você é simplesmente um artista e não tem mente científica, sua arte está propensa a ser pobre. A riqueza vem somente quando o oposto está ali. Se há apenas homens na sala, a sala carece de algo. No momento em que as mulheres entram, a sala torna-se espiritualmente rica. Agora os opostos polares estão ambos ali. O todo torna-se maior.

A mente não deve ser fixa. Um matemático será mais rico se puder se mover para o mundo das artes. Se sua mente tiver a liberdade de se afastar de suas fixações principais e de então retornar a elas, ele será um matemático mais rico. Pelo oposto, acontece um cruzamento. Você começa a olhar as coisas de uma forma diferente. Sua perspectiva total será mais rica.

A pessoa deveria ter a mente religiosa juntamente com o treinamento científico, a mente científica a par com a disciplina religiosa. Não vejo impossibilidade inerente nisto. Ao contrário, penso que a mente se tornará mais viva se puder se mover de uma a outra. Para mim, meditação significa uma habilidade para se

movimentar profundamente em todas as direções, uma liberdade das fixações.

Por exemplo, se me torno muito lógico, torno-me incapaz de entender poesia. A lógica transforma-se numa fixação. Então, quando ouço poesia, minha fixação está ali. A poesia parece absurda. Não porque o seja, mas porque tenho uma fixação com a lógica. Do ponto de vista da lógica, a poesia é absurda. Por outro lado, se me torno fixado em poesia, então começo a pensar na lógica como apenas uma coisa utilitária, sem profundidade nela. Torno-me fechado a ela.

Esta negação de uma parte pela outra tem acontecido através da história. Cada período, cada nação, cada parte do mundo, cada cultura tem sempre escolhido uma parte e criado uma personalidade em torno dela. A personalidade era pobre, faltava-lhe muito. Nem o Oriente, nem o Ocidente têm sido ricos espiritualmente. Eles não podem ser. A riqueza vem pelos opostos, pela dialética interior. Para mim, nem o Oriente, nem o Ocidente valem a pena serem escolhidos. Uma qualidade diferente da mente deve ser escolhida. Por essa qualidade, quero dizer uma que esteja despreocupada consigo mesma, sem escolha.

Uma árvore cresce. Cortamos todos os galhos, exceto um e permitimos à árvore crescer somente numa direção. Será uma árvore muito pobre, muito feia e por último, ela é propensa a estar em dificuldade profunda, porque um único galho não pode crescer por si mesmo; só pode crescer numa família de galhos. Um momento é propenso a vir, quando o galho sentirá que chegou a um beco sem saída. Agora não poderá crescer mais. Para a árvore crescer realmente, deve-se permitir-lhe crescer em todas as direções. Somente então a árvore será rica, forte.

O espírito humano deve crescer igual a uma árvore: em todas as direções. O conceito de que não podemos crescer em direções opostas deve ser abandonado. Realmente, podemos crescer somente se crescemos em direções opostas. Até agora, temos dito

que o indivíduo deve se especializar, deve crescer somente numa direção específica. Então algo feio acontece. O indivíduo cresce numa direção específica e lhe falta tudo. Ele se torna um galho, não uma árvore. E mesmo este galho é propenso a ser pobre.

Não apenas temos cortado os galhos da mente, mas temos cortado raízes. Permitimos uma raiz e permitimos um galho, por conseguinte, um ser humano muito faminto tem se desenvolvido em todo o mundo: no Oriente, no Ocidente, em todas as partes. Então esses no Oriente são atraídos pelo Ocidente e aqueles no Ocidente são atraídos pelo Oriente, porque o indivíduo é atraído pelo que lhe falta.

Por causa das necessidades do corpo, o Oriente começou a ser atraído pelo Ocidente; e por causa das necessidades do espírito, o Ocidente começou a ser atraído pelo Oriente. Mas mesmo se mudamos posições, se mudamos atitudes, a doença permanece a mesma. Não é questão de mudar de posições; é uma questão de mudar toda a perspectiva.

Nunca aceitamos o ser humano todo. Em algum lugar, o sexo não é aceito. Num outro lugar, o mundo não é aceito. Noutro, a emoção não é aceita. Não temos sido fortes o suficiente para aceitarmos tudo o que é humano, sem condenação e para permitirmos que os seres humanos cresçam em todas as direções. Quanto mais você crescer em direções opostas, maior será o crescimento, a riqueza, a afluência interior. Nossa perspectiva total deve mudar. Devemos mover-nos do passado ao futuro - não do Oriente para o Ocidente, não de um presente a outro presente.

O problema é tão árduo, porque nossa fragmentação aprofundou-se tanto. Não posso aceitar minha raiva, não posso aceitar meu sexo, não posso aceitar meu corpo, não posso aceitar minha totalidade. Algo tem de ser negado e desprezado, isto é nocivo, isto é mau, isto é pecado.

Tenho de continuar a cortar galhos. Em breve, não sou absolutamente uma árvore, uma coisa vivente. E lá está sempre o

medo de que os galhos que neguei possam surgir de novo, possam crescer de novo. Torno-me temeroso de tudo. A doença se estabelece: uma tristeza, uma morte.

Continuamos a viver vidas parciais que estão mais próximas à morte do que à vida. O indivíduo deve aceitar a potencialidade humana total, conduzir tudo dentro de si mesmo a um pico, sem sentir qualquer inconsistência, sem qualquer contradição. Se você não pode estar irado autenticamente, não pode estar amando. Mas esta não tem sido a atitude até agora. Temos pensado que se a pessoa é mais amorosa é incapaz de ter raiva.

Mas suponha que a árvore esteja crescendo próxima a um muro. Seus galhos não podem crescer porque o muro está ali. O muro pode ser a sociedade, suas condições existentes. Como a árvore pode crescer, quando há um muro próximo a ela?

Há muitos muros. Mas esses muros foram criados pela árvore, não por uma outra coisa. As árvores têm sustentado os muros. É mediante a cooperação delas, que os muros existem. No momento em que as árvores não estiverem mais dispostas a sustentar os muros, eles cairão, se despedaçarão.

Os muros que há ao nosso redor são nossa criação. Por causa das atitudes da mente humana, criamos estes muros. Por exemplo, você ensina seu filho a não ter raiva, dizendo-lhe que se tiver raiva, não será uma criança amorosa. Então você cria muros ao redor dela que lhe dizem que deve reprimir sua raiva, sem compreender que se reprimir a raiva, sua capacidade de amar será destruída simultaneamente. A raiva e o amor não são coisas incompatíveis. Eles são dois galhos da mesma coisa. Se você corta um, o outro se empobrece, porque a mesma seiva corre nos dois galhos.

Se quiser realmente preparar seu filho para uma vida melhor, o ensinará a ter raiva autenticamente. Você não dirá: "Não tenha raiva." Você dirá: "Quando tiver raiva, tenha-a autenticamente, totalmente. Não se sinta culpado pela raiva." Ao invés de lhe dizer para não ter raiva, treine-o para ter raiva

corretamente. Quando o momento certo estiver ali, ele deverá ter raiva autenticamente e não deverá ter raiva no momento errado. O mesmo é verdadeiro para o amor. Quando o momento certo estiver ali, ele deverá estar amando autenticamente; e se for o momento errado para ele, não deverá estar amando.

Não é uma questão de escolha entre a raiva e o amor. A questão é entre o certo e o errado, o autêntico e o inautêntico. A raiva deve ser expressada. A criança, quando realmente está com raiva, é linda - um jato súbito de energia e vida. Se você matar a raiva, estará matando a vida. A criança tornar-se-á impotente. Por toda a sua vida, ela não será capaz de estar viva; movimentar-se-á como um corpo morto.

Nós continuamos a criar conceitos que criam muros. Desenvolvemos atitudes e ideologias que criam muros. Estes muros não são impostos; são nossa criações. No momento em que nos tornamos conscientes, os muros desaparecem. Eles existem por causa de nós.

Mas suponha que a árvore (a pessoa) seja basicamente deficiente. Então ela não pode mudar. Não porque não queira, mas porque não pode.

Os deficientes não são problema. Quando toda a sociedade está viva, podemos tratá-los. Podemos analisá-los, auxiliá-los. Eles têm de ser auxiliados; não podem fazer nada por eles mesmos. Mas a sociedade desempenha uma parte mesmo no desamparo deles.

Por exemplo, o filho de uma prostituta é deficiente por causa dos nossos conceitos morais. Ele sente uma culpa profunda por algo do qual não é responsável de forma alguma. O que pode fazer, se sua mãe era uma prostituta? O que pode fazer a respeito? Mas a sociedade continua a se comportar diferentemente para com o garoto. Até termos uma atitude diferente para com o sexo, sua culpa em ser o filho de uma prostituta continuará.

Porque tornamos o casamento sagrado, a prostituição está fadada a ser considerada um pecado. Mas a prostituição existe por causa do casamento. É parte de todo o sistema do casamento.

Tal qual é a mente humana, um relacionamento permanente é desnatural. O indivíduo continuará a viver com a mesma pessoa indefinidamente somente se a lei o exigir. Não deve ser a lei. Não me deve ser impingido que se amo alguém hoje, tenho de amar esta mesma pessoa também amanhã. Não é uma exigência da natureza. Não há necessidade intrínseca de que o amor esteja ali amanhã. Poderá estar; poderá não estar. E quanto mais você o força a estar ali, mais impossível se torna. Então a prostituição entra pela porta dos fundos. A não ser que tenhamos uma sociedade que permita relacionamentos livres, não poderemos acabar com a prostituição.

Se um relacionamento continua, você se sente bem, seu ego sente-se bem. Para satisfazer seu ego - de que você é um marido fiel ou uma esposa satisfatória - a prostituta tem de ser condenada e isto se transforma numa doença. Uma doença é criada.

Mas estes são casos excepcionais. Se alguém estiver clinicamente ou psicologicamente doente, teremos de ajudá-lo, tratá-lo. Mas a sociedade não é toda assim. Noventa e nove por cento não é nossa criação; um por cento é exceção. O um por cento não é absolutamente o problema. Se os outros noventa e nove por cento da sociedade mudarem, até mesmo o um por cento será afetado por ela.

Não podemos ainda determinar em que extensão sua fisiologia é determinada por sua mente. Quanto mais sabemos, mais incertos ficamos. Muitas doenças no corpo podem estar ali apenas por causa de sua mente. A menos que a mente do indivíduo seja livre, ele não pode dizer com certeza que a doença está se originando do corpo.

Muitas doenças são apenas um fenômeno humano. Não ocorrem nos animais. Os animais são mais saudáveis. Menos doentios, menos feios. Não há razão porque o homem não possa ser

mais vivo, mais bonito, mais saudável. O treinamento pelo qual temos passado por dez mil anos, este lento treinamento da mente, pode ser a raiz disto. Mas quando você próprio é parte do mesmo padrão, não pode nem mesmo conceber isto.

Muitas doenças físicas existem por causa da mente mutilada. E estamos mutilando as mentes de todos! Os primeiros sete anos da criança são os mais significativos. Se você mutila a mente, depois disso torna-se mais difícil transformá-la. Mas continuamos a mutilar e com bons escrúpulos. Quanto mais profundamente a psicologia penetra nas raízes da mente, mais os pais parecem ser criminosos, porém inconscientemente, mais os professores e o sistema educacional parecem ser criminosos, porém inconscientemente. Eles também sofreram com a geração mais velha. Eles estão apenas passando a doença.

Mas agora uma nova possibilidade se abriu. Pela primeira vez, particularmente no Ocidente, o homem está livre das necessidades do dia-a-dia. Agora podemos experimentar novas possibilidades para a mente. Era impossível fazer isto no passado, porque as necessidades corporais eram um fardo tão pesado, tão insatisfeito. Mas agora a possibilidade está ali. Vivemos no limiar de uma revolução profunda, uma revolução tal, com a qual a história humana jamais se deparou. Uma revolução em consciência agora é possível. Com maiores facilidades para conhecer e entender, poderemos mudar. Será necessário muito tempo, mas a possibilidade está aberta para nós. Se ousarmos, se tivermos a coragem, poderá tornar-se uma atualidade.

Toda a humanidade está em perigo. Ou retrocederemos ao passado ou iremos para um novo futuro. Não é questão de uma terceira guerra mundial, não é a questão do comunismo ou capitalismo. Estes problemas estão obsoletos agora. Uma nova crise está próxima. Ou teremos de decidir que queremos ter uma nova consciência e trabalhar por ela, ou teremos que retroceder, regredir aos velhos padrões.

Regredir é possível. Sempre que uma crise está ali, a regressão é a tendência da mente. Sempre que você enfrenta algo que *não pode* enfrentar, você regride. Por exemplo, se esta casa ficar subitamente em chamas, vocês começarão a se comportar como crianças. Quando a casa está em chamas, você necessita mais maturidade, mais compreensão, necessita comportar-se de uma forma mais consciente, mas ao invés disto, você regride à idade de mais ou menos cinco anos e começa a correr por aí de tal maneira que cria mais perigo para si próprio.

A possibilidade triste é de que se tentarmos criar um novo ser humano, enfrentaremos uma situação que é de todo nova para nós e poderemos retroceder. Há até mesmo profetas que pregam o retrocesso. Eles querem que o passado retorne: Uma era de ouro existiu no passado. Retorne! Mas para mim, isto é suicídio. Devemos ir ao futuro, não obstante quão perigoso e difícil possa ser.

A vida deve mover-se para o futuro. Devemos encontrar um novo modo de existência. Estou esperançoso de que isto possa acontecer. E o Ocidente tem de ser o terreno para sua ocorrência, porque o Oriente nada mais é do que o Ocidente de trezentos anos atrás. Problemas de sustento e de sobrevivência pesam muito sobre o Oriente, mas o Ocidente está livre de tudo isto.

Quando os jovens do Ocidente chegam a mim, estou sempre consciente de que eles podem ou progredir ou regredir. E de uma certa forma eles têm regredido, comportando-se como crianças, como primitivos. Isso não é bom. A revolta deles é boa, mas eles devem se comportar como um novo tipo de homem e não como primitivos. Eles devem criar dentro deles mesmos as possibilidades para uma nova consciência.

Ao invés disto, eles estão simplesmente drogando-se. A mente primitiva tem sido sempre encantada pelas drogas, tem sido hipnotizada por elas. Se esses que estão abandonando a sociedade no Ocidente começam a se comportar como primitivos, não é uma rebelião, mas uma reação e uma regressão. Eles devem se

comportar como uma nova humanidade. Eles devem prosseguir em direção a uma nova consciência que é total, global e acolhedora de todas as potencialidades inconsistentes no ser humano.

A diferença entre os animais e o homem é que os animais têm potencialidades fixas, enquanto o homem tem possibilidades infinitas. Mas são apenas possibilidades. O homem pode crescer, mas seu crescimento deve ser auxiliado. Devemos abrir centros pelo mundo afora onde isto seja possível.

A mente deve ser treinada de uma forma lógica, racional, mas deve ser simultaneamente treinada em meditação irracional, não racional. A razão deve ser treinada e ao mesmo tempo as emoções devem ser treinadas. A razão não deve ser treinada às custas das emoções. A dúvida deve estar ali, mas a fé também.

É fácil ser fiel sem qualquer dúvida, e é fácil ser duvidoso sem qualquer fé. Mas estas fórmulas simples não servirão agora. Devemos agora criar uma dúvida saudável, uma dúvida persistente, uma mente cética que exista simultaneamente com a mente confiante. E o ser interno deve ser capaz de se mover de uma a outra: da dúvida à fé e outra vez de volta. Com a pesquisa objetiva, o indivíduo deve ser questionador, cético, cauteloso. Mas há outra dimensão adjacente e está onde a confiança fornece o indício, não a dúvida. Ambas são necessárias.

O problema é como criar as polaridades contrárias simultaneamente. É nisto que estou interessado. Eu continuarei a criar a dúvida e continuarei a criar a fé. Não vejo qualquer inconsistência inerente nisto, porque para mim é o movimento que é importante, o movimento de um pólo para outro.

Quanto mais estamos fixos num pólo, mais difícil é. Por exemplo, no Ocidente vocês cultivaram a atividade. Mas vocês não podem dormir bem. Quando vocês vão dormir e a mente necessita passar da atividade à inatividade, ela não consegue. Vocês continuam a mexer na cama; a mente continua a estar ativa. A fim de dormir, vocês têm de tomar um tranqüilizante. Mas um sono forçado

não lhes pode dar muito descanso; é apenas superficial. Lá no fundo, o tumulto continua. O sono transforma-se num pesadelo.

O oposto aconteceu no Oriente. O Oriente pode dormir bem, mas não pode ser ativo. Mesmo de manhã, a mente oriental sente-se letárgica, sonolenta. Eles têm dormido bem por séculos e não têm feito mais nada, enquanto vocês têm feito muito, mas vocês criaram um desconforto, uma doença¹. E por causa desta doença², tudo o que vocês fizeram é inútil. Vocês não podem nem dormir!

Eis porque minha ênfase é em treinar a mente para a atividade, para a inatividade e mais significativo de tudo, para o movimento - de forma que você possa se mover entre as duas. A mente *pode* ser treinada para se movimentar entre uma e outra. Num único instante, posso passar da atividade à inatividade. Posso falar horas com vocês e num único momento posso mover-me para um silêncio profundo, interno, sem acontecer qualquer fala. E a menos que esta possibilidade seja criada em você, seu crescimento será atrofiado.

O futuro tem de permitir haver uma harmonia profunda entre as polaridades internas. A não ser que este movimento entre os opostos seja criado, a inquirição humana termina. Você não pode prosseguir. O Oriente está exausto e o Ocidente está exausto, Você pode mudar as perspectivas dos dois, mas então, dentro de dois séculos, o mesmo problema surgirá. Se você simplesmente troca uma atitude pela outra, você começa a se mover num círculo.

Mas como alguém pode saber quais são as metas corretas pelas quais aspirar na vida, se tudo tem de ser aceito?

A própria busca de metas é parte do processo racional. O futuro existe por causa da razão. Eis porque para os animais não há futuro nem meta. Ele vivem, mas não há finalidade. A razão cria os ideais; cria os objetivos; cria o futuro. O problema real não é qual a meta correta. A questão real é se deve ter metas ou não.

A nova geração está questionando se se deve ter metas ou não. No momento em que você tem um objetivo, você começa a se afastar da vida. Você começa a moldar a vida de acordo com seus objetivos. O presente torna-se menos significativo. Ele tem de ser moldado, ajustado ao futuro.

A mente orientada à meta é razão, e a mente orientada à vida é irracionalidade. Logo, não é uma questão de como ter os fins certos. A questão é como proceder de modo que a razão não seja o único fenômeno da mente.

A razão tem de ter suas metas; não pode existir sem elas. Mas isto não deve se tornar ditatorial; não deve ser o único galho em crescimento. A razão deve existir, é uma necessidade, mas há uma arte vazia da mente humana que não pode ter metas, que pode existir simplesmente como os animais, as crianças. Ela só pode existir aqui e agora. Esta parte vazia, esta parte irracional, experimenta os domínios profundos da vida, do amor, da arte. Não tem necessidade de ir ao futuro, logo, ela pode se aprofundar no aqui e no agora. A razão deve ser desenvolvida, mas esta parte deve ser desenvolvida simultaneamente.

Têm havido cientistas com personalidades profundamente religiosas. Isto pode acontecer de duas maneiras. Ou pode ser uma harmonia profunda ou pode ser apenas o fechamento de uma entrada e a abertura de outra, sem qualquer harmonia. Posso ser um cientista e então sair do meu mundo científico e ir à igreja orar. Então o cientista não está orando. Não é realmente uma harmonia; é uma profunda bifurcação. Não há diálogo interno entre o cientista e o venerador. O cientista não veio absolutamente à igreja.

Quando este homem retorna ao laboratório, o venerador não está ali. Há uma divisão profunda entre os dois; eles não se sobrepõem. Numa tal pessoa você encontrará uma dicotomia, não uma harmonia. Ela dirá coisas das quais se sentirá culpada por tê-

las dito. Ela fará afirmações enquanto cientista que irão contra sua mente enquanto veneradora.

Assim, muitos cientistas têm levado vidas esquizofrênicas. Uma parte deles é uma coisa e outra parte é outra coisa. Isto não é o que quero dizer por harmonia. Por harmonia, quero dizer que você é capaz de se mover de uma à outra, sem jamais estar fechado em nenhuma. Então o cientista vai orar e o religioso vai ao laboratório. Não há divisão, não há vazio.

Caso contrário, você se converterá em duas pessoas. Habitualmente, somos muitas pessoas, temos multipersonalidades. Identificamo-nos com uma e então mudamos a marcha e somos uma outra coisa. Esta mudança de marcha não é uma harmonia. Cria uma tensão muito profunda no seu ser. Você não pode estar à vontade com tantas identidades. Uma consciência individuada, capaz de se mover ao oposto polar, só é possível quando temos um conceito do ser humano como intrinsecamente um - quando não há negação de opostos.

A dúvida faz parte do trabalho do cientista. A fé também faz parte. São dois aspectos que olham às dimensões diferentes da mesma coisa. Logo, um cientista pode orar no seu laboratório, um instrumento do seu trabalho e assim o é a fé. Não há dicotomia inerente. Quando alguém pode se mover facilmente não é sentido. Você se move, mas o movimento não é sentido. Quando há uma harmonia profunda, nenhum movimento é sentido.

Uma coisa mais: quando eu digo Oriente e Ocidente, não quero dizer que no Ocidente não tenham havido mentes orientais e que no Oriente não tenham havido mentes ocidentais. Estou falando da corrente principal. Algum dia, deveríamos escrever uma história do mundo na qual o mundo não fosse dividido geograficamente, mas psicologicamente. Nela, o Oriente teria muitas facetas do Ocidente e o Ocidente teria muitas facetas do Oriente.

Portanto, não quero dizer que não existam ambas as tendências no Ocidente. Quero dizer que o curso principal no

Ocidente tem sido em direção ao crescimento racional, mesmo na religião. Eis porque a Igreja tornou-se tão dominante.

Jesus era um homem irracional, mas São Paulo tinha mente muito racional. O cristianismo pertence a São Paulo, não a Jesus. Com um homem tão anárquico, não há possibilidade de uma organização tão grande. É impossível. Jesus era oriental - mas São Paulo não.

Tem havido um conflito entre a ciência e a Igreja. Ambas são racionais. Ambas tentam racionalizar os fenômenos religiosos. A Igreja estava destinada a ser derrotada, porque os fenômenos religiosos em si são irracionais. A razão fracassa, no que diz respeito à religião. Eis porque a Igreja tinha de ser derrotada e a ciência foi vitoriosa.

No Oriente não tem havido disputa entre a ciência e a religião, porque a religião nunca pretendeu nada no domínio da razão. As duas não pertencem à mesma categoria, logo, não há luta entre elas.

Como a religião se torna racional?

Isto acontece não por causa da religião em si. Mas sempre a religião tem de ser sistematizada, o fenômeno acontece. Um Buda ou um Jesus não está em busca de qualquer ideal. Eles vivem vidas espontâneas; eles crescem às suas próprias maneiras. Eles crescem como árvores silvestres, mas depois as árvores silvestres tornam-se os ideais para os seus seguidores. Os seguidores começam a ter padrões, preferências, verdades, condenações.

A religião tem duas partes. Primeira, uma personalidade profundamente religiosa que é espontânea e a segunda, os seguidores que criam o credo, o dogma, a disciplina de acordo com o ideal. Então um ideal existe para os budistas - o indivíduo deve ser como Buda - e as repressões são criadas. Você tem de se destruir de

muitas formas, porque só então você se torna o ideal. Você tem de se converter numa imitação.

Para mim, isto é criminoso. Uma personalidade religiosa é bela, mas um credo religioso é simplesmente uma coisa racional. É simplesmente a razão combatendo um fenômeno não-racional.

Buda não tinha mente racional?

Ele era muito racional, mas ele tinha espaços muito irracionais. Ele também estava à vontade com o irracional. O conceito que temos de Buda não é realmente de Buda, mas das tradições que se seguiram. Buda era uma coisa de todo diferente.

Mas porque não podemos fazer de outra forma, temos de passar pelos budistas para alcançar Buda. Eles criaram uma longa tradição de dois mil anos, e tornaram Buda muito racional. Ele não era assim. Você não pode ser, se é profundo na existência. Você tem de ser irracional muitas vezes. E um Buda é! Mas para saber disto, temos de colocar de lado toda a tradição e encontrar Buda diretamente. É muito difícil, mas pode acontecer.

Se estou falando a uma pessoa racional, inconscientemente ela rejeita tudo que não é racional. Mas se estou falando a um poeta, a mesma sentença e as mesmas palavras significam algo diferente. Um homem racional não pode olhar à poesia das palavras. Ele pode olhar apenas à lógica, ao argumento. Um poeta vê as palavras de uma forma diferente. As palavras têm uma tonalidade de cor, uma poesia que não está absolutamente relacionada a qualquer argumento.

Assim as faces de Buda diferem de acordo com a pessoa que o esteja vendo. Buda existiu na Índia num período quando todo o país atravessava uma crise de tudo o que era irracional: os Vedas, os Upanishads, todo o misticismo. O movimento contra tudo isto era muito grande, particularmente em Bihar, onde Buda estava.

Buda era carismático, hipnótico. As pessoas se impressionavam com ele. Mas a interpretação de Buda estava fadada a ser racional. Se Buda houvesse vivido em outra época da história, numa parte do mundo que não estivesse contra o misticismo, ele teria sido visto como um grande místico, não como um intelectual. A face que é conhecida pertence à história de um período particular.

Como eu vejo Buda, ele não era basicamente racional. Todo o conceito de nirvana é místico. Ele era inclusive mais místico do que os Upanishads, porque os Upanishads, não obstante quão místicos pareçam, têm sua própria racionalidade. Eles falam de transmigração da alma. Buda falava da transmigração *sem* a alma. É mais místico. Os Upanishads falam da liberação, mas *você* estará *lá*. Caso contrário, toda a coisa torna-se sem sentido. Se eu não posso estar no estado ultimo da existência, então todo esforço é inútil, ilógico. Buda disse que o esforço tem de ser feito e você não estará lá. Será apenas o nada. O conceito é mais místico.

Quando você fala em retrocesso das pessoas, você quer dizer retrocesso em comparação a alguma imagem criada pela sociedade do que seja socialmente aceitável?

Não uma imagem. Algo diferente. Quando digo que elas estão se comportando como crianças, quero dizer que elas não estão crescendo. Estão regredindo, retrocedendo. Não tenho qualquer imagem à qual elas deveriam se conformar. Tenho um conceito de crescimento, não uma imagem a ser seguida. Não quero que as pessoas se ajustem a alguma imagem particular. O que estou dizendo é apenas que elas estão regressando ao passado e não crescendo ao futuro. Não tenho uma imagem de como quero que a árvore cresça. Mas ela deve crescer; não deve retroceder. É uma questão de crescimento ou regressão; não de qualquer imagem.

Em segundo lugar, quando digo que elas estão regredindo, quero dizer que elas estão reagindo contra uma sociedade demasiadamente racional. A reação delas vai ao outro extremo. Ela contém a mesma falácia. A razão deve ser absorvida, não abandonada. Se você a abandona, está cometendo o mesmo erro de quando a irracionalidade é abandonada.

A Era Vitoriana criou um homem que era apenas uma fachada, uma máscara. Ele não era um ser vivente por dentro. Era um padrão de comportamento, um padrão de maneirismos. Mais uma face e menos um ser. Isto foi possível porque nós escolhemos apenas a razão como o critério de tudo. O irracional, o anárquico está se desforrando, ele pode fazer duas coisas: pode ser destrutivo ou criativo.

Se for destrutivo, então será regressivo. Então, vingar-se-á da mesma maneira - negando. Negará a parte racional. Então você se torna como criança: imaturo. Você retrocede. Se o lado anárquico for criativo, não deve cometer o mesmo erro. Deverá absorver a razão, bem como o irracional. Então todo o ser crescerá. Nem quem negou o irracional, nem quem negou o racional está crescendo. Você não pode crescer, a menos que cresça totalmente. Estou falando de crescimento. Não tenho imagem à qual o indivíduo deva crescer.

Muitos dos problemas da mente ocidental não são um resultado do pecado e culpa no cristianismo?

Sim, está fadado a ser assim. O conceito de pecado cria uma consciência muito diferente ao redor dele. Este conceito está ausente na mente oriental. Ou melhor, é substituído pelo conceito de ignorância. Na consciência oriental, a raiz de todo o mal é a ignorância, não o pecado. O mal está ali porque você é ignorante. Logo, o problema não é de culpa, mas de disciplina. Você tem de ser mais consciente, mais conhecedor. No Oriente, conhecimento é

transformação - e a meditação é o instrumento para essa transformação.

No cristianismo, o pecado tornou-se o centro. E não é apenas o *seu* pecado. É o pecado original da humanidade. Você está carregado com o conceito de pecado. Isto cria culpa, tensão. Eis porque o cristianismo não pôde realmente desenvolver técnicas meditativas. Só desenvolveu a oração. O que você pode fazer para combater o pecado? Você pode orar!

Não há nada parecido aos Dez Mandamentos no Oriente. Um conceito moral excessivo não está ali. Logo, os problemas do Oriente são diferentes dos do Ocidente. Com as pessoas que vêm do Ocidente, a culpa é o problema. Lá no fundo, elas sentem-se culpadas. Mesmo aquelas que se rebelaram sentem-se culpadas. É um problema psicológico, relacionado mais à mente e menos ao ser.

Primeiro, a culpa delas tem de ser aliviada. Eis porque o Ocidente teve de desenvolver a psicanálise e a confissão; elas não foram desenvolvidas no Oriente, porque nunca foram necessárias. No Ocidente você tem de confessar. Somente então você pode se livrar da culpa que está lá no fundo. Ou você tem de passar pela psicanálise, de maneira que a culpa seja lançada fora. Mas jamais é lançada fora permanentemente, porque o conceito de pecado permanece. A culpa acumular-se-á outra vez. Por conseguinte, a psicanálise e a confissão podem ser apenas uma ajuda temporária. Você tem de confessar outra vez e outra. Elas são apenas ajudas temporárias contra algo que foi aceito. A raiz da doença - o conceito de pecado - foi aceito.

No Oriente, não é uma questão de psicologia. É uma questão de ser. Não é uma questão de saúde mental. Mais propriamente, é uma questão de crescimento espiritual. Você tem de crescer espiritualmente, ser mais consciente das coisas. Você não tem de mudar seu comportamento, mas mudar sua consciência. Então o comportamento acompanha.

O cristianismo está mais preocupado com o comportamento. Mas o comportamento é apenas periférico. A questão não é o que você faz; a questão é o que você é. Se você continua a mudar o que está fazendo, você não está realmente mudando nada. Você permanece o mesmo. Você pode ser um santo externamente e ainda ser o mesmo interiormente.

O problema dos que vêm do Ocidente é por causa da culpa que têm de seus comportamentos. Tenho de me esforçar com eles, simplesmente para torná-los conscientes de seu problema mais profundo — o qual é do seu ser, não da psiquê.

O budismo e o jainismo também criaram culpa. Não o mesmo tipo de culpa, mas culpa de uma forma diferente. Os jainas, em particular, criaram um sentimento muito profundo de inferioridade. A culpa no sentido cristão não está lá, porque não é uma questão de pecado, mas há um sentimento profundo de que a menos que alguém vá além de certas coisas, será inferior. Esta inferioridade profunda funciona da mesma forma que a culpa.

Os jainas não criaram quaisquer técnicas meditativas, tampouco. Eles criaram apenas fórmulas diferentes: faça isto, faça aquilo, não faça isto. Todo o conceito está centralizado em torno do comportamento. Um monge jaina é o ideal, no que se refere ao comportamento, mas no que diz respeito ao ser inferior, é muito pobre. Ele continua a se comportar como um fantoche. Eis porque o jainismo tornou-se uma coisa morta.

O budismo não está da mesma forma morto, porque uma ênfase diferente está ali. A parte ética do budismo é apenas uma consequência da parte meditativa. Se o comportamento tem de ser alterado, é apenas como uma ajuda à meditação. Em si mesmo, é sem significância. No cristianismo e no jainismo, é significativo em si mesmo. Se você está fazendo o bem, então você é bom. Para o budismo, não é este o caso. Você tem de ser transformado interiormente. O fazer pode ajudar, pode tornar-se uma parte, mas a meditação é o centro.

Portanto, dos três, só os budistas desenvolveram a meditação profunda. Tudo o mais no budismo é apenas uma ajuda não significativa. Você pode até mesmo rejeitá-lo. Se você pode meditar sem qualquer outra ajuda, então você pode descartar o resto.

Mas o hinduísmo é ainda mais profundo. Eis porque o hinduísmo pôde se desenvolver em tantas dimensões diferentes, como o tantra. Mesmo o que você chama de pecado pode ser usado pelo tantra. O hinduísmo é, de uma certa forma, muito saudável. Mas caótico, claro. Qualquer coisa sadia é propensa a ser caótica; não pode ser sistematizada.

1.No original, é aplicado o mesmo recurso apontado à nota 1 do capítulo 6. Isto é, o termo *dis/ease* permite a leitura dupla, quer como doença, quer como desconforto. (NT)

2.Novamente, este recurso é empregado. (NT).